

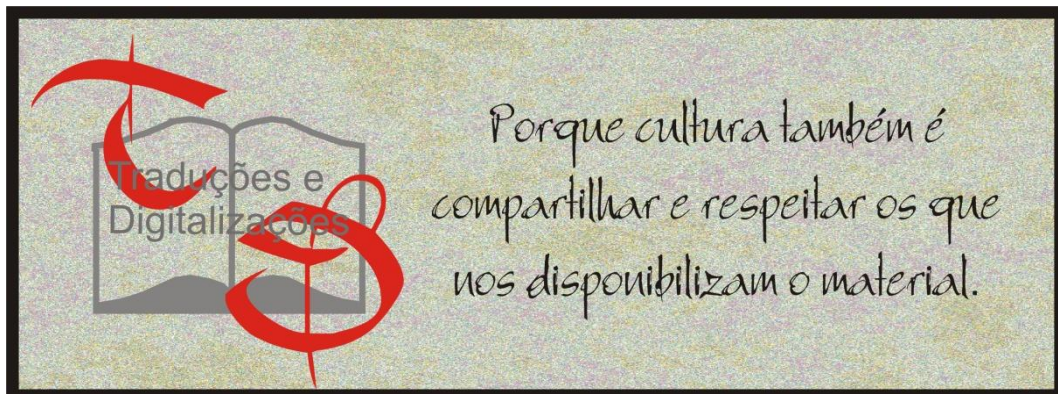
CAROLINA AGUIRRE

encontro às cegas



*227 dias
para arrumar um namorado*





Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos **por favor que não hospede o livro em nenhum outro lugar**. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – tradu.digital@gmail.com

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações

Orkut - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Blog – <http://tradudigital.blogspot.com/>

Fórum - <http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm>

Twitter - http://twitter.com/tradu_digital

Skoob - <http://www.skoob.com.br/usuario/mostrar/83127>



Encontro às cegas



Carolina Aguirre
encontro às cegas
227 dias

para arrumar um namorado





Lucía é uma mulher de 30 anos, com uns quilinhos a mais, que ganha pouco, mora sozinha e leva uma vida meio sem graça. Sua vida até então monótona (casa, trabalho, casa) muda radicalmente quando Irina, sua irmã mais nova – e perfeita – anuncia que irá se casar. Ela teria ficado superfeliz com a notícia, se não tivesse sido vítima de uma aposta entre sua própria mãe e irmã: convencida de que Lucía será uma solteirona, sua mãe diz que pagará toda a festa se ela aparecer no casamento acompanhada por um namorado de verdade. Morta de raiva, Lucía decide desafiar a “profecia materna”. Ela tem sete meses e meio para conseguir um namorado e está disposta a fazer qualquer coisa para isso: sair com colegas de trabalho, resgatar velhos amores, tentar encontros pela internet. Encontro às cegas é um diário de uma mulher sobre uma busca cheia de situações inacreditáveis, porém reais, emocionantes, cruéis e divertidas.



Novembro

1º de novembro

A aposta



Ontem eu devia ter matado a minha mãe e a minha irmã, mas, em vez disso, comi meia torta de limão e chorei.

Minha irmã mais nova, Irina, nos convidou para jantar em sua casa para fazer uma surpresa: anunciou que vai se casar dentro de sete meses e meio. A notícia não surpreendeu ninguém. Ela está namorando há quatro anos, e sempre soubemos que a sua solteirice terminaria dessa forma: com um namorado impecável, uma relação perfeita e um casamento dos sonhos.



E então fizemos o que devia ser feito: festejamos. Brindamos, comemos coisas gostosas, discutimos um pouco, olhamos modelos de vestido em uma revista e criamos um cardápio imaginário jogadas no sofá da sala. Tudo parecia ir relativamente bem (o que já é muito na minha família) até a hora do café, quando, enquanto eu lavava as mãos no banheiro, tive a maior surpresa da minha vida: escutei sem querer uma conversa que ainda é difícil acreditar que foi real.



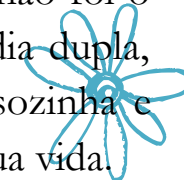
Minha mãe dizia para a minha irmã que esse casamento seria muito difícil para mim, porque eu era a mais velha das duas (tenho trinta anos e ela, vinte e sete) e a que deveria ter casado primeiro. Disse que eu tinha o pior trabalho (sou jornalista e ganho uma miséria, é verdade), que não tinha namorado (como ela sabe?), que estava gorda (tenho uns doze quilos a mais) e que eu não tinha um objetivo na vida (o que também é verdade). Mas isso não foi o pior. O pior foi o final. Ela disse que o casamento seria uma tragédia dupla, porque a minha família sofreria tanto quanto eu ao me ver dançar sozinha e bêbada enquanto a minha irmã mais nova se casava com o amor de sua vida.



Minha irmã, entretanto, não concordou com ela. Perguntou como ela podia saber se eu estava ou não sozinha.

— Talvez ela esteja com alguém que a gente não conhece.

Mas minha mãe disse que sabia que eu iria sozinha por uma razão muito



simples: eu sempre ia sozinha a todos os lugares. Minha irmã disse a ela que não. Minha mãe disse que sim. Minha irmã, que não. Minha mãe, que sim. E a conversa foi esquentando até que (eu escrevo, mas ainda não acredito) minha mãe disse que, se eu não fosse sozinha, deprimida e vestida de preto ao casamento (qual é o problema do preto?), ela pagaria todos os gastos da festa. De fato, quando saí do banheiro, elas estavam apertando as mãos.

Para dissimular, fingi que ia para a sala, mas fiquei no corredor e continuei escutando. Minha mãe impôs condições: a aposta não valeria se eu levasse um candidato emprestado, ou seja (cito textualmente), “companheiros de trabalho, garotos de programa ou qualquer pessoa que fizesse o favor de me acompanhar”. Disse que tinha que ser um namorado de verdade.

Depois falou um tempão sobre mim, mas, por mais que me esforce, não consigo me lembrar do que ela disse. Tenho um tipo de bloqueio. As frases se enroscam como uma erva daninha no meu cérebro. Só sei que tive que me apoiar na parede para não cair no chão. Me senti tão mal que, depois de ouvir a conversa das duas, não falei mais nada a noite inteira. Não disse nada. Não conseguia ouvir mais do que os meus próprios pensamentos. Nem sequer consegui pedir que me passassem o açúcar, porque, cada vez que tentava falar, as palavras não saíam.

Ainda entorpecida, voltei para a mesa e comi três pedaços de torta de limão em cinco minutos, perante o olhar atônito da minha mãe, que servia o chá, scandalizada com a minha gula. Eu nem sequer olhava para ela. Só comia. Sabia que tinha merengue nos lábios e não limpei. Estava catatônica e olhava para a parede como um doente mental em um hospício. Se nesse momento entrassem ladrões em casa, acho que nem teria corrido. Teria ficado ali, consumida pelo medo e pelo merengue, rezando para morrer.

4 de novembro

Faz dois dias que não saio de casa. Não fui trabalhar, não tomei banho, não atendi o telefone nem a campainha. Nem sequer fui ao supermercado. Me alimentei com o que encontrei na despensa: bolachas de arroz borrachudas e gelatina (sempre tenho bolachas de arroz e gelatina porque todas as segundas tento começar um regime).

A frase da minha mãe se repete na minha cabeça como um reco-reco: “Se a sua irmã for à festa com um namorado, eu pago tudo”. O tom irônico e a risadinha do final seriam o pandeiro.

5 de novembro

Por que não me deixam ser solteira em paz? Sou uma fracassada porque prefiro estar sozinha a estar com qualquer um? Ou fracassadas são as demais, que saem com qualquer um para não ter que ficar sozinhas?

Cada vez que uma amiga me diz: “Você tem que conseguir um cara como o Pablo, meu marido”, penso comigo: “Em vinte minutos eu encontro um babaca medíocre como o seu! Estou sozinha justamente por isso, porque espero algo melhor para mim! Deixe de se exhibir por causa do seu marido como se tivesse ganhado na loteria! A rua está cheia de tipos assim! Não é nenhum mérito ter um homem que vem com a cama acoplada!”.

Além disso, estar sozinha não é tão terrível. Pelo menos não dentro do meu apartamento. O grave é lá fora, na rua, nas reuniões sociais, nos

formulários. Eu não sofro *tanto* por estar sozinha como sofro pelo que os outros pensam da minha solidão.

Apesar disso, mesmo sabendo que não tenho que provar nada a ninguém, mesmo achando uma estupidez medir o sucesso de uma pessoa pelo seu estado civil, mesmo sendo uma mulher independente, moderna e (ainda que a minha mãe não acredite) jovem, não quero ir sozinha ao casamento. Não quero suportar esses olhares. Não quero que me perguntem como uma garota tão linda não tem namorado.

Chegar sozinha seria colocar em evidência que estou sozinha porque as garotas como eu estão sempre sozinhas. Assumir que não é circunstancial, que não estou entre uma relação e outra, mas que estou fodida, mal da cabeça, que tenho problemas emocionais e que vou morrer sufocada debaixo de cinco gatos gordos que gritam, irritados, porque querem mais comida *diet*. Ir sozinha é dizer a eles que não posso controlar o meu destino. Ir sozinha é dar licença para que se acotovelem. Ir sozinha é dar a eles permissão para que sintam pena, para que me tratem como uma leprosa ou, pior ainda, para que tentem me apresentar um amigo. Ir sozinha é confirmar que minha vida não tem remédio!

Mas, por outro lado, estou disposta a investir meu tempo e a colocar em jogo a minha autoestima para que os outros deixem de falar de algo que nem mesmo me importa? Sou tão vaidosa? Sou assim tão insegura? Sou tão neurótica?

Sim, estou. Me dá raiva que a minha mãe tenha apostado que eu iria sozinha e deprimida ao casamento, que a minha vida não esteja no seu melhor momento e que, ainda por cima, isso seja assim tão óbvio para todo mundo. Não sei o que vou fazer com essa raiva toda. Só sei de uma coisa: que a minha mãe não vai determinar que tipo de pessoa eu sou. Ela não vai aprontar uma das suas de novo. Vai pagar até o último canapé que eu comer com o meu namorado.

9 de novembro

Hoje de manhã minha mãe me mandou um e-mail (à primeira vista casual) que me tirou do sério.

meninas, vocês não vão acreditar!!! a filha da beba lá do clube e a filha da teresita vão se casar também... a mais nova da teresita... e ontem, por coincidência, descobri que em julho também se casa o sobrinho dos álvarez do colégio... e, bom, a filha da rita... que já sabíamos que seria um casamento humilde, mas é um casamento... né? quatro... e todos se casam em julho. não vai ficar nem um solteiro na argentina!!!!!!!!!!!! mamãe

E, antes de poder pensar no assunto, eu já estava respondendo com uma barbaridade (Susana, perdão!):

É! Incrível. Fiquei chocada, juro! Porque justo ontem fiquei sabendo que a Mariana e o Pablo, os dois filhos da Susana, se divorciaram. Os dois. Finalmente a Susana vai poder dizer que todos os seus filhos estão divorciados... E a coisa é ainda melhor: como o ex-marido da Mariana não lhe dá nem um tostão e a Mariana não deixa que ele veja os filhos, todo fim de semana rola aquele escândalo do tipo “polícia em ação” na porta da Susana. Mas você já deve saber; afinal, são amigas. Ela te contou se é ela que mantém todo mundo? Eu acho que sim, porque o Pablo acaba de ter um bebezinho com a nova namorada e não deve aguentar pagar as duas casas, né?

P.S.: A Susana poderia aproveitar e se divorciar também, já que o marido mete o maior chifre nela faz anos! Todo mundo sabe! (E aí seriam quatro divorciados, e a gente poderia dizer oficialmente que Buenos Aires está cheia de separados com probleminhas. Ou não?)

L.

11 de novembro

Tenho três possibilidades: Rodrigo, Eduardo, Marcelo

Tenho três opções fáceis e seguras para ganhar a aposta. A primeira é o Rodrigo, meu ex-namorado. A segunda é um companheiro de trabalho, Marcelo Ugly, e a terceira é o Eduardo, um contador sacal com quem eu saí três vezes e para quem nunca mais liguei.

Os três são fáceis. Só tenho que ligar, e eles estarão à minha disposição. O único problema é ter que aturá-los por duzentos e vinte sete. Nove meses (ou quase) é muito tempo para namorar alguém de quem você não gosta. Você tem que superar pelo menos cem encontros, um aniversário, duas doenças e um fim de semana juntos na praia. Mas eu tenho que fazer isso agora. Se eu deixar passar alguns meses e ligar para eles daqui a algum tempo, corro o risco de que conheçam outra pessoa. E eu não posso me dar a esse luxo.

O Rodrigo é o mais fácil, mas é o pior dos três. Nos últimos dez anos, terminamos e voltamos umas cinco vezes. A última faz quatro anos e foi definitiva. É também o único namorado que apresentei para a minha família, que o desprezava por ele ser grosseiro, ordinário e prepotente. Ele é o tipo de cara que te faz passar vergonha aonde quer que você vá. É metido, fala alto nos lugares públicos e faz perguntas totalmente descabidas (é capaz de perguntar a um desconhecido quanto ele ganha e quantas vezes faz sexo com a sua mulher), mas é fácil. Está aí. Morrendo por voltar. Mas sejamos sinceros: quem eu vou impressionar com o Rodrigo? É capaz de a minha mãe querer impugnar o resultado.

Marcelo Ugly, por outro lado, é o oposto. É sensível, bom, meio tonto. Desses que te perguntam se você está bem ou se quer um chá. Mas é bem feio e, além disso, tem cabelo comprido. Costumam chamá-lo de “Marcelo Ugly”; na verdade, seu sobrenome não é “Ugly”, embora soe como algo parecido, mas sempre o chamam de “Ugly” porque quer dizer “feio” em inglês e porque lindo ele não é mesmo. Se veste mal: seu estilo está entre hippie e largado (usa bombachas de gaúcho e camisetas com estampas indígenas). Além disso, gosta de música brega, tipo folclore e tangos. Sinceramente, não me vejo comendo humitas¹ em uma peña²; aliás, em uma peña eu não me vejo fazendo nada

além de fugir.

Eduardo, o terceiro, é o mais apresentável, mas é muito mais velho do que eu. Tem quarenta e dois anos, é contador (chato, chato, chato) e, como se fosse pouco, é calvo e usa terno. Por outro lado, tem algumas coisas boas: sabe comer, sabe beber e viajou muito. E outras ruins: é insuportavelmente metido, obsessivo e pão-duro. Faz dez anos que ele e a sua empregada, Ninfa, se organizam como se fossem casados. Ele lhe dá um cardápio semanal detalhado, explica como passar as camisas e como arrumar a despensa, e a Ninfa faz tudo exatamente como ele pede. Nenhum deles é para mim, já sei. Mas é tudo o que eu tenho. E não vão me esperar a vida inteira, porque, ainda que ninguém acredite, na rua, nos bares, nos restaurantes, tem milhares de mulheres na faixa dos trinta ansiosas por entrarem com eles de mãos dadas em uma festa.

12 de novembro

Vou sair com o Marcelo

Depois de muito pensar no assunto, acho que o melhor é testar com o Marcelo. É muito mais fácil cortar o cabelo de um homem que conseguir que ele deixe de gritar ou de contar as moedas da gorjeta. Afinal de contas, todos os homens são um horror até que uma mulher os constrói de novo. Vou recauchutá-lo um pouco (trocar essas calças, dar uma sacudida no folclore e, se der, cortar o cabelo dele) e em julho eu o levo ao casamento.

Estou convencida. Tanto que já dei o primeiro passo. Aproveitando que ele sempre me chama para sair com o resto dos solteiros do escritório, mandei a ele um e-mail casual, mas muito claro:

Oi, sou eu, Lucia. Estava pensando que, por um motivo ou outro, nunca saí para tomar nada com vocês... E, como você sempre me pergunta por que eu não vou e eu sempre te digo que não posso, pensava que talvez a gente pudesse fazer algo um dia desses.

Quero dizer, você e eu. Me avisa se você quiser.

Um beijo,

L.

13 de novembro

Ele disse que sim. Amanhã a gente vai sair.

14 de novembro

Minha chefe apelidou de “clube dos solteiros” um grupo de companheiros que sempre estão sozinhos. Inclusive quando formam casais (de vez em quando saem com alguém), continuam organizando saídas todos juntos. Não consigo imaginar uma atitude mais derrotista do que essa. É como se soubessem que, de qualquer modo, nenhuma relação vai dar certo para eles e, por via das dúvidas, não querem perder o seu lugar na mesa do restaurante ou nas quartas-feiras de boliche.

Eu até gosto de alguns deles. O gordo Piñata, por exemplo, é muito meigo; tem a língua presa e parece um menino. A Graciela, pelo contrário, é uma senhora de cinquenta e tantos anos que vive com a mãe. É um pouco como uma tia de todo mundo e tem obsessão pela moral, pelos bons costumes e pelo que é fino ou deixa de ser. Gisela, a recepcionista, também é do grupo (na verdade, ela não se chama Gisela; eu a chamo de Gisela Buche porque é uma versão piorada e menorzinha da Gisele Bündchen, a modelo brasileira). É muito linda e sempre tem propostas para sair, mas, como “quer se concentrar na carreira”, está tão sozinha como eles. E por último eu, que sou o alvo ideal dos convites deles porque imaginam que eu também não tenho companhia.

– Ei, Lucia – me disse Marcelo –, amanhã o bloco dos sozinhos aqui vai ao bar da frente para tomar algo. Você deveria vir, vai ser legal.

Cada vez que me convidam, sinto tanta pena – deles e de mim – que fico deprimida até o dia seguinte. Além disso, na última vez fomos ouvidos pelo Matías, um redator novo, perfeito, lindo, com quem tenho fantasias vergonhosas quase todos os dias.

Se amanhã der certo com o Marcelo, talvez eu mate dois coelhos com uma cajadada só. Consigo um namorado para ir comigo ao casamento da minha irmã e economizo as perguntas do clube dos solteiros pelo menos por nove meses. O que não é pouca coisa.

14 de novembro, noite

Acabo de voltar do meu encontro com o Marcelo Ugly. Não foi bom nem ruim. Simplesmente não foi.

Passou para me pegar, malvestido e pontual, às oito. Primeiro fomos ao cinema e depois fomos comer algo, mas nenhuma das experiências foi inesquecível. Falamos durante quase duas horas sobre temas chatos e comuns, até que me cansei, disse que tinha que me levantar cedo e peguei um táxi. Acho que bocejei várias vezes, mas ele não percebeu. Ele estava muito emocionado com o encontro, mas eu já prevejo vários problemas pintando.

O primeiro é que Marcelo é adepto do indigenismo. Ele acha uma maravilha tudo o que vem da terra ou dos índios. Inclusive superando qualquer tecnologia atual: ele acha o barro um material nobre e aromático, os ranchos uma beleza autóctone e a lã da lhama um pedaço de nuvem na terra. Esse é (ou vai ser) um problema fundamental entre nós, porque eu sou exatamente o contrário. Gosto de aviões, de hotéis, de fast food, de britpop, de computador e de desenho minimalista. Morro só de pensar em usar chinelos de palha. Para mim, é como se me inoculassem mal de Chagas pela sola do pé. Enquanto eu sonho em viver num vigésimo andar com vista para a avenida 9 de Julio, ele quer se instalar nas serras de Córdoba e montar um hotel. Planeja colher as próprias verduras, tornar-se macrobiótico e deixar de ver televisão. Juro que quando falou da abstinência televisiva me baixou a pressão. Imaginei que não poderia mais ver O aprendiz e quis morrer ali mesmo.

A chave de ouro foi quando chegamos ao café. Ele pediu um chá com mel, e eu, um cappuccino com quatro envelopes de adoçante. Mas ele nem notou a diferença gritante. Estava emocionado demais com o encontro.

Por outro lado, como bem disse antes, ele gosta de folclore e de comida argentina (me levou a um restaurante para comer tamales³ e humitas). Adora a literatura latino-americana, o realismo mágico, viajar para Machu Picchu e os carnavais do litoral. Acho que inclusive em algum momento falou de ir a uma peña. Eu não conheço ninguém que tenha trabalho e que frequente peñas. Ali se encontram todos os estudantes de Belas-Artes que sobrevivem pedindo umas moedas “para a cerva” das festas da faculdade.

Quanto ao seu aspecto, ser feio é o de menos. Precisa de arranjos de outra espécie. O cabelo, cortar. Os suéteres que usa (com capuz e duas tirinhas), jogar fora. Os jeans curtos e de cintura alta, fazer desaparecer. A carteira de pano bordado, sumir com ela. E, por último, a pulseirinha vermelha que usa amarrada no punho deve ser imediatamente arrancada (essas pulseirinhas deviam ser permitidas só até os vinte anos e em localidades balneárias).

Tenho medo de que um grande trabalho esteja à minha espera. Nove meses de retoques, correções, ordens dissimuladas por trás de meigas sugestões. Em muitos sentidos, vou ter que fazer uma extinção total. Mas quem sabe... Talvez, debaixo de todo esse emaranhado de palha, o Marcelo seja o amor da minha vida.

15 de novembro

O Marcelo acha que é meu namorado

Hoje o Marcelo Ugly me olhou a tarde inteira, lá da sua mesa, com cara de romance clandestino. Eu deveria ter devolvido os olhares, ou mesmo só um sorrisinho amarelo, mas fiquei com vergonha de que alguém percebesse. Por outro lado, tive uma grande surpresa. O Marcelo não é tão sossegado como parecia, porque a cada cinco minutos me perguntava pelo Messenger: “E aí?”. E, se eu não respondia, me ligava pelo telefone interno para ver se eu estava na minha mesa ou não.

Esse tipo de assédio – ou, para ser menos dramática, de supervisão – só

um namorado pode fazer. Ou um marido, claro. Ou seja, alguém que goze de direito sobre a sua atenção e que esteja habilitado a exigir uma resposta rápida. E o Marcelo Ugly não tem esse direito. Uma pessoa normal saberia disso. Mas ele não sabe, e isso me irrita muitíssimo. Não quero dizer nada porque sei que ele vai levar a mal e vai transformar a minha observação em uma conversa de casal que eu não estou a fim de ter.

Já de cara, no sábado ele tem “uma surpresa para mim” – foi o que ele disse. “Algo sobre o que conversamos no outro dia.” Eu só espero que a surpresa não seja contar a todos os seus amigos que nós estamos namorando. Bom, por enquanto, nos encontraremos ao meio-dia na minha casa.

16 de novembro

Ontem fui com a minha mãe e a minha irmã conhecer uma assessora para casamento. Parece que já não está na moda fazer as coisas por conta própria. Agora você tem que contratar alguém que atue como intermediário entre a noiva e a floricultura. Alguém que decodifique o que o casal quer e transforme isso em mesa de doces e guardanapos.

Fiquei impressionada com a quantidade de chupins que vivem disso. Equipes de seis pessoas debatem com total seriedade se um bolo gelado de maracujá pode ser considerado um bolo de casamento “sem que o convidado se sinta decepcionado em sua expectativa gastronômica” ou se as carnes vermelhas no verão são, em termos filosóficos e culinários, uma espécie de contradição.

Eu entendo que os detalhes de qualquer festa são importantes para o anfitrião. Penso que é necessário escolher as flores ou a cor das toalhas. Deve ser horrível pagar cinquenta mil pesos por um casamento com toalhas verde-

água e arranjos de palmas-de-santa-rita e cravos. Mas será que há necessidade de levar quatro dias para explicar à minha irmã que desde 1992 não se usam batatinhas *noisettes* em casamentos de classe e que, se quer que sirvam batatas, deverão ser batatas amassadas ou *en croûte* de especiarias? É esse o cardápio, e todos vão comer, é verdade. Mas definir o tom de um casamento a partir do acompanhamento de batatas não é ir longe demais? Será que é imprescindível dizer coisas tão idiotas como “o cardápio é a coluna vertebral da festa” ou “nada é exagerado para o dia mais importante da sua vida”?

Além disso, o fato de que existem empresas que vivem do aluguel de cadeiras é a prova inequívoca de que todo mundo as usa. Então, o que é original, novidade, moderno nessa empresa? A única coisa que muda é o conceito de batata e a cor das toalhas, mas a festa é sempre a mesma! Inclusive nos sentamos nas mesmas cadeiras!

Por outro lado, agora está na moda atribuir diferentes funções às amigas mais próximas e aos familiares. É um detalhe lúdico, não operacional. Não sei se vão me meter nessas coisas. Espero que não seja nada humilhante, nada em um cenário, nada com fogo e nada relacionado com a despedida de solteira.

19 de novembro

Tomara que algum dia eu possa me esquecer deste fim de semana. Mas não acho. Como acontece com o medo, vai me voltar em forma de pesadelos e disfarçado de outra coisa.

No sábado, ao meio-dia, Marcelo tocou a campainha. Desci de mau humor porque odeio o sol, especialmente o do meio-dia. O carro dele estava estacionado na porta do meu prédio com um porta-malas cheio de pacotes e saquinhos de supermercado com porcarias. E enquanto eu rezava para que um buraco onde eu pudesse me esconder se abrisse no chão, ele mexia nas suas trouxas procurando sei lá o quê.

Olhei rapidamente o banco do passageiro e vi um pacote de padaria e, em cima do porta-luvas, uma garrafa térmica e um recipiente para mate feito de

couro com relevos. Senti medo, esse medo estranho provocado pelo desconhecido. Recuei. Dei uns passos até o hall de entrada para me esconder, mas ele me impediu com cara de malandro. Senti a mesma coisa que sinto quando o monstro consegue me alcançar nos sonhos.

O Marcelo sorriu e me mostrou uma xerox horripilante e suja. Uma espécie de folheto que dizia “Camping Las Margaritas”. A palavra camping me escureceu a visão, e perdi o equilíbrio. Como quando você dá uma pancada na televisão e aparecem umas linhas na imagem. Sei que outro dia disse coisas como “sair um pouco”, “ar puro”, etc. Ou seja, esse maluco acreditou que eu tinha adorado sua fantasia naturalista! Deveria ter dito algo! Tudo isso me aconteceu por ficar quieta e sorrir a noite inteira!

Não sei como, mas, uma hora depois, eu estava no banco da frente, comendo um bolinho, com cara de bunda. A única coisa que eu pensava era em como poderia fazer para ele voltar. O fim de semana caía em cima da minha cabeça, como um *flashforward* potencial. Eu me imaginava fazendo xixi em pastagens cheias de cobras, enfiada em uma barraca com cheiro de cueca, comendo direto da panela e tomando chimarrão. Meu mau humor era incrível. Eu o odiava profundamente por sua burrice. Tanto que só respondia com monossílabos, até que ele quis colocar uma fita cassete e eu não concordei. Não sei do que era, mas sei que o afastei usando a *bombilha* do chimarrão como um pau, como se aquilo fosse um cachorro morto.

Quando estávamos a caminho, imaginei que eu o fazia desmaiar, que o jogava no banco traseiro e que voltávamos para a minha casa. Mas não consegui. Não por ele, que merecia explodir contra uma parede, mas por mim. Se eu fizesse ou dissesse algo, provavelmente na próxima cena estaria sozinha, comendo um doce bem calórico cheio de papel picado na festa de casamento da minha irmã.

Para me conter, me autoflagei com o que eu achava que seria a festa: imaginei a minha mãe dando sorrateiramente uma graninha para que o meu primo me tirasse para dançar; visualizei o amigo nerd da minha irmã ao lado de quem me sentariam na festa (procurando me ligar a um tipo que nenhuma outra queria); me vi conversando com as minhas tias gordas sobre a mesa de queijos e canapés. E decidi que, entre as duas experiências, o *camping* era “a

menos pior”.

Com todas essas imagens e três bolos engasgados na garganta pela angústia, cheguei a Las Margaritas às cinco da tarde. Se as casas mal-assombradas existem, juro para vocês que esse era o quintal de uma delas. Tinha muita tranqueira, avisos talhados em tábuas de madeira e uma horta devorada por animais. Não me perguntem onde ficava. Sei que havia um rio e, do lado, um tipo de pocilga com geladeirinhas de isopor e um monte de gente rindo com os dentes verdes de erva-mate. Era como viajar no tempo. Como se enfiar na televisão num domingo, quando passam os filmes de tubarão e do Flypper.

Fiquei muito mal. Essas coisas são tipicamente minhas. Bem maníacas. O que eu estava fazendo ali com esse cara? Havia necessidade de chegar tão longe? Eu ia mesmo cozinhar arroz numa panela como um gaúcho de 1800? Teria que juntar madeira? Faria xixi numa árvore? Armaria a barraca, pelo amor de Deus? Me deu vontade de confessar tudo. De dizer que a minha mãe tinha feito uma aposta, pondo em dúvida a minha honra e o meu estado civil, e que ele tinha que me ajudar por caridade e me levar de volta para casa para ver televisão e pedir empanadas pelo telefone, como as pessoas normais. Até pensei em ficar de joelhos e pedir aos céus que nos mandassem um dilúvio.

Quando senti que começava a chorar, perguntei a ele onde era o banheiro e fui correndo. Ele foi resolver umas coisas (aparentemente você tem que pagar para entrar nesse lugar), e eu me sentei no vaso, travei a porta com as pernas encolhidas e chorei. Chorei lágrimas grossas, pesadas, cheias de água. Chorei como fazia anos que não chorava. Chorei muito. Chorei como quando deixei o Rodrigo para sempre e passei o meu primeiro fim de semana sozinha. Chorei porque odiava estar ali, longe das minhas coisas, da minha vida, de mim. E me propus esperar até o domingo como fosse possível e depois voltar a pensar em tudo. Mas o domingo foi pior ainda. Muito pior.

Saí do banheiro do camping com cara de poucos amigos e uma só ideia: aguentar até o outro dia de manhã e dizer ao Marcelo que me sentia mal e que queria ir embora. Se ele tivesse um mínimo de cabeça, desarmaria a barraca e voltaríamos à civilização.

Quando cheguei ao nosso lugar, o Marcelo estava armando a barraca

sozinho. Não sei se notou a minha amargura ou percebeu que um encontro em um camping era uma porcaria, mas não tive que mover nem um dedo. Me sentei ao lado dele enquanto ele fazia tudo e respondi a ele com ironias. Mais tarde fomos ao bar, e, entre a televisão, um bife à milanesa requeimado e umas revistas velhas, voltei a me sentir gente por um instante. Mas, quando terminamos de jantar, Marcelo quis ir até a barraca. E eu não. Eu parecia um desses meninos que vão brincar na casa do amiguinho e, quando têm que voltar para casa, não querem ir.

Tomamos vários cafés até que o bar fechou. Voltamos na escuridão, usando uma lanterna. Quando cheguei à barraca, desabei, acho que pelo cansaço e pelo medo de que o Marcelo quisesse me tocar. Não deixaria que ele tocasse em um fio de cabelo meu que fosse. Soube disso nessa mesma manhã, quando o vi remexendo no porta-malas do carro com aquela pochete na cintura. Ninguém com uma pochete iria me tocar. Nunca.

Mas as minhas tentativas para dormir foram inúteis. Não pude pregar o olho até o outro dia, porque à uma da manhã comecei a escutar uns barulhos estranhos. Algo assim como o ulular de um bicho impreciso – um ruído animal que eu nunca tinha escutado na vida. Era como um grasnido de um pássaro estranho: uiu uuuuii iuii uuuuuui, ao qual se juntava o assobio afiado do vento.

Senti um medo incômodo, solitário. O ruído ficou mais forte. Abracei o travesseiro, esperando que Marcelo também escutasse e se levantasse para ver o que era, mas, como não se movia, decidi chamá-lo. Toquei o seu lado da barraca, cuidadosa, e senti o piso frio e irregular. Ele não estava. O medo se duplicou, triplicou. A noite se transformou só em medo. Tratei de ficar quieta, esperando que ele voltasse, mas o ruído era cada vez mais claro: uiu uuuuii iuii uuuuuui. Achei que teria um infarto. Meu coração batia com força, e, quando estava quase chorando com as lágrimas de reserva, o ruído desapareceu.

Esperei, apertando o saco de dormir entre as unhas, por mais de dez minutos. O idiota do Marcelo continuava sem aparecer, e comecei a ter medo de que tivesse acontecido algo com ele. Até senti culpa. Apesar de tudo, ele tinha me levado para esse lugar achando que era uma boa ideia. Não tinha

feito por maldade, mas porque era maluco, coitadinho. Decidi então ir buscá-lo. Abri a barraca, decidida, com valentia incomum, inesperada, mas não pude sair. Tomei o susto da minha vida. Como um mosquito que se arrebenta contra o para-brisa de um carro, na minha frente, o débil mental do Marcelo estava rindo com uma lanterna no queixo, iluminando a cara e fazendo: uiu uuuuii uiui uuuuuui.

A última coisa de que me lembro é dos meus gritos. Gritos de medo, de irritação, de angústia. Não sei como, deixei escapar: “Seu imbecil de merda!”. O resto é previsível. Voltamos às oito da manhã, sem trocar nem uma palavra durante toda a viagem.

20 de novembro

Desde domingo o Marcelo e eu não voltamos a nos falar. Para completar a cena, eu também o ignoro. Faço como se ele não existisse. Ele, pelo contrário, fica rodeando minha mesa com olhos de cachorrinho confuso à espera de um gesto de cumplicidade. Agora mesmo, se eu olho para lá, ele abaixa a cabeça e simula uma forte concentração, fictícia, que só põe em evidência que até dez segundos atrás estava me observando, meloso, de trás do monitor.

Tirando tudo isso, o resto estava bem. Até hoje. Hoje aconteceu algo.

Quando voltei do almoço, encontrei um boneco horroroso na mesa. Um bagulho de massa colorida com chapeuzinho de bolinhas e sapatinhos de plástico com um pequeno cartaz onde estava escrito: “Vamos começar de novo!”. A minha reação foi a de quem encontra uma ratazana morta sobre os seus papéis. A mesma. Empurrei o boneco com um lápis, sem tocá-lo, até o cantinho da mesa, e continuei trabalhando.

De longe, Marcelo esperava com os olhos vidrados um momento emotivo entre nós. Acho inclusive que deu uma piscadinha maliciosa. Lamento não ter jogado para o alto aquela bosta de massinha. Queria ver se daria outra piscada com o boneco arrebentado no nariz dele. A minha chefe

teria me aplaudido e me levantado no ar como fazem com os campeões. Com certeza.

21 de novembro

Me sinto como quando você tira o “perde tudo” ou o “vá para a prisão” no Banco Imobiliário. Tenho que voltar e começar do zero a minha procura. Se me perguntarem hoje, sinto que nem em vinte anos vou conseguir desfazer as palavras da minha mãe. Parece que estou no processo de ser uma solteirona que, como os heróis das tragédias, não vai poder mudar seu destino fatal.

Como se fosse pouco, hoje tive reunião com o comitê organizador de salgadinhos. Ou seja, Irina, minha mãe e eu. Minha mãe me perguntou em que mesa eu queria ficar, se na dela, na do papai ou com “garotos e garotas da minha idade”. E isso quer dizer só uma coisa: que não sabem onde me colocar porque eu sou solteira. Na realidade, o que a minha mãe tentava me perguntar era que papel eu preferia desempenhar. Se preferia ser uma solteirona consumada (sentada com os meus pais aos trinta anos de idade) ou se ainda queria insistir em procurar alguém.

Essa pergunta, longe de me deprimir, me deu mais força. Decidi que vou chegar até as últimas consequências, mas tentando preservar a minha integridade. Vou procurar um candidato seguro, um candidato que seja convincente à primeira vista.

Deveria ter começado com ele diretamente. É educado e sério. Não vai me deixar mal com os outros. Salvo por alguns detalhes, não é mau partido. É um pouco chato. E obsessivo. Por exemplo, tem uma fixação com a quantidade de tempo que fala pelo telefone: nunca passa dos trinta minutos. E também é maníaco por limpeza. Além de pão-duro.

De fato, a última vez que nós saímos para comer fora, fez algo que nunca tinha acontecido na minha vida. Todas as vezes que saímos, o Eduardo vasculha todo o cardápio, linha por linha. Depois interroga de maneira pausada e louca o pobre do garçom. Pergunta a ele sobre os ingredientes, os

métodos de cozimento, as quantidades, mais como um cientista do que como um *chef* de cozinha. Os tomates *concassés* são frescos? As folhas verdes são orgânicas? Os camarões são crus ou cozidos? O peixe do dia não é a merluza de sempre? Eu sempre achava esse detalhe engraçado, que mais parecia um traço de extravagância do que de perigo.

Mas na *última* vez que saímos, quando o garçom trouxe a conta, o Eduardo fez uma coisa que nunca tinha feito. Primeiro, dedicou-se a examiná-la por uns cinco minutos. E depois, em vez de dar o cartão de crédito ao garçom, deixou-o sobre a mesa. Eram cento e quarenta e dois pesos e cinquenta centavos. Então ele fez um cálculo mental, tirou a carteira e, como um cavalheiro, pagou. Colocou uma nota de cinquenta pesos e disse “cinquenta...”, pegou dez mais e disse “sessenta...”, pegou outros dez e disse “setennnta...”, e em seguida pegou moedas do bolso, colocou um peso sobre a mesa, “setenta e uuum”, e continuou procurando, procurando, procurando, vasculhando pelos bolsos, até que fez um “tsc-tsc”, deixou cinquenta centavos mais e me disse: “Não tenho de vinte e cinco”.

E isso foi tudo. Nesse dia fiquei sem namorado de novo.

22 de novembro

Hoje me reuni pela última vez com a minha mãe e a minha irmã para definir os detalhes da festa. E digo pela última vez porque não vou mais. Que se acertem entre elas. Apesar de que elas já estavam se acertando sem mim. Quando cheguei, me surpreenderam com várias ideias incríveis. Em especial uma que me parece irreal.

– Pensamos em algo especial para você, porque você é a irmã – começou minha mãe.

– Eu? Eu prefiro não fazer nada.

– Não seja tonta, meu amor. Você é a irmã. Essa festa é importante para a família inteira.

– Não tem nada a ver com shows, né?

– Não, não. Os shows são para gente que enche a cara e dá risada. Mas vamos ter um espaço de recreação para que as crianças não chateiem. E vai haver uma professora infantil e você.

– O quê?

– Claro, não para que você fique atrás deles nem para que trabalhe. Ela vai estar aí para isso. Você vai organizar brincadeiras, atividades, danças. A parte legal, não a chata. Se um faz cocô, não é você que vai ter que trocar a criança. Troca... ela? Ou a mãe? Irina, se um nenê faz cocô, quem troca a fralda? No casamento da Susana...

– Organizar danças? Mãe, eu não danço, não brinco, apenas dou risada. Vocês ficaram loucas?

– Mas você adora crianças...

– Vão à merda as duas.

23 de novembro

Hoje eu saí com o Eduardo, o contador.
Por quê?!?

24 de novembro

Ontem jantei com o Eduardo. E digo “jantar” e não “sair”, porque foi só um jantar. Às onze da noite estava de volta em casa. O encontro (já que tenho que chamá-lo de alguma forma) durou só duas horas e terminou pessimamente mal, pelas razões mais estranhas do mundo. Tão estranhas que não tive que pagar a metade da conta.

1. O interrogatório. Como sempre, antes de fazer o pedido, Eduardo interpelou o garçom durante vinte minutos. Perguntou a ele sobre a procedência da rúcula (parece que a de estufa tem folha pequena e macia, mas não tem gosto de nada) e se os frutos do mar tinham sido congelados crus ou cozidos (os cozidos ficam viscosos). Esse processo demorou um pouco mais do que o habitual porque o lugar era barulhento e, além disso, o rapaz era inexperiente e preguiçoso.

2. A revolução. Mas não éramos os únicos que se queixavam da atenção do garçom. Todos os clientes o chamavam porque ele tinha se esquecido de trazer um limão, uma Coca-Cola ou levado um prato errado. Um senhor teve que levar o seu bife até a janelinha da cozinha e pedir que fosse grelhado de novo. Parecia mais um bingo que um restaurante. Todos se levantavam, faziam “psiu”, levantavam a mão e comparavam com as outras mesas umas anedotas incríveis sobre a ineficiência do pessoal. Mas nenhum se queixava tanto quanto o Eduardo, que estava a ponto de chorar, exaltado pela impotência, porque a salada não tinha tomates *confits* como o garçom tinha prometido.

3. A batalha. Algum tempo depois, alguns clientes se resignaram, e outros conseguiram a sua comida. Foi então, quando o caos se aplacou, que notei que

o garçom fazia sempre o mesmo percurso: um triângulo entre outra mesa, a nossa e a cozinha. Outra mesa com outro casal, outros problemas e, o que é pior, outro Eduardo, que levantava a mão tão histérico como o meu. Assim que os dois Eduardos se viram, perderam o controle. Sem dizer nada, desafiaram um ao outro a um duelo de experts, colocando o braço para cima como se fosse um revólver. Davam cabeçadas, assobiavam, faziam “psiu”, faziam ola. Qualquer gracinha era válida para chamar antes o agitado garçom e evitar que o outro pedisse primeiro.

4. Os disparos. Até esse momento, a guerra não tinha vítimas graves. As únicas feridas éramos a companheira do dublê e eu, que comíamos em silêncio, tentando acalmar os nossos heróis até o round de piração seguinte.

Mas, em um dado momento, Eduardo sentiu que o garçom não respeitava a ordem cronológica dos chamados e ficou louco de verdade. Enquanto o garçom conversava com o seu dublê, que mostrava um balde de gelo vazio, Eduardo se levantou e gritou com o seu vozeirão: “Eu tinha levantado a mão antes!”.

5. A invasão. Os olhos do dublê se injetaram como as linhas de rotas coloridas dos mapas. Eles se olharam fixamente por alguns segundos, e logo se escutou uma metralhadora de agressões estrondosa e confusa: “Cala a boca, careca”; “Vem pra cá que eu te chamei primeiro”; “Você não pode chamar tanto o garçom pra pedir esse vinho barato”; “O que você disse?”.

As pessoas nos olhavam como quando um delinquente é levado preso com blusão cobrindo a cabeça. Enquanto o encarregado se aproximava, em câmera lenta, com ambas as contas em bandejinhas de couro, eu deixei de escutar. A última coisa de que me lembro é de o Eduardo dizendo “vamos embora” e a conta (com sua respectiva bandejinha) voando pelo ar, como se fosse uma pipa. Por tudo isso, às onze eu já estava em casa de volta. Sozinha de novo.

25 de novembro

Os domingos para as solteiras

Os domingos são o câncer das solteiras. A maioria de nós se fecha em um apartamento escuro, vestidas com um pijama sebento de quando tínhamos doze anos, e ficamos vendo uns programas vulgares na televisão, falando ao telefone com uma amiga, perdendo tempo no computador e comendo porcarias engordativas com refrigerante morno e sem gás.

Poderíamos fazer milhares de coisas mais legais e escapar desse buraco negro: ir comer um delicioso brunch no jardim de um bistrô em Palermo, ir fuçar em feiras de antiguidades, nadar na piscina de uma amiga ou ir ao Malba para ver uma exposição e tomar um chá. Mas não vamos. Ou, pelo menos, não aos domingos. Domingo é preferível ficarmos trancadas a sentir pena de nós mesmas e nos autoflagelar pela falta de companhia. É nosso hobby secreto.

Recentemente, entretanto, adicionei uma nova atividade domingueira. Agora, além de passear de pijama pela casa, viajo desenvolvendo hipóteses sobre a minha vida amorosa. Penso, por exemplo, por que é que eu atraio caras como o Eduardo e não como o Matías (o novato do escritório). Acho que os caras como o Matías não saem com garotas que passam o dia de pijama assistindo às repetições de Charmed, e por algum tempo fico rabiscando listas em um velho caderno, enumerando todas as mudanças que vou fazer no futuro: vou estar sempre depilada, fazer um banho de creme a cada quinze dias, começar a academia e alguma aula de arte e, sobretudo, sair todos os fins de semana, sem exceção.

Mas algum tempo depois, enquanto combato a sonolência causada pelo último alfajor triplo que comi, penso que sou assim, que não gosto de sair e que quem se apaixonar por mim terá que me aceitar desse jeito.

Nesse momento começo a ter umas fantasias idiotas. Imagino que o Matías se declara para mim, que fazemos sexo na escada de emergência do escritório, que ele me faz uma serenata ou que abandona a namorada atual (que é muito má e que afoga gatinhos) porque não pode viver sem mim.

Claro que tudo isso tem um detalhe real. Matías não fala com ninguém.

Ou, na verdade, fala com qualquer um, mas ninguém sabe nada sobre ele. De modo que tudo, incluindo a namorada que afoga gatinhos, é parte da minha imaginação. Gosto de pensar que é um homem tosco e torturado, cujo coração alguém detonou faz cinco anos e que nunca mais pôde se apaixonar. Imagino que se esquiva de mulheres bonitas e burras, com nojo de sua estupidez e de sua vulgaridade de peruas escandalosas. Imagino que seu melhor amigo é o seu cachorro, que tem um nome legal como Ajax. Imagino que lê muito para não ter que se relacionar com ninguém e que, mesmo não detestando as pessoas, prefere a solidão.

Eu o imagino assim. Perfeito. Com um toque do Rick de *Casablanca* e uma pitada de *O paciente inglês*. Outro dia, além disso, me animei e provei. Ele estava de pé falando ao telefone, ao lado de uma parede espelhada, e eu me coloquei ao lado, com o braço estendido atrás de sua cintura, como se tivéssemos os cotovelos entrelaçados. E sabem de uma coisa? Ele ficava perfeito comigo.

28 de novembro

Como ontem estava com pressa para chegar logo em casa, voltei de metrô e tive várias surpresas. A primeira é que ali não dá para respirar. A segunda é que o metrô é elástico, sempre cabe mais alguém. E a terceira é que o Matías perfeito pega metrô todos os dias. É isso, ou a conversa inteira que eu tive com ele foi uma alucinação por causa da asfixia e do calor que fazia lá embaixo.

De certa forma, isso é uma desgraça para os meus domingos de solteirona, porque agora sei muitas coisas de Matías e já não vou poder fantasiar. Sei que ele namorou por dez anos (dos dezenove aos vinte e nove anos com a mesma garota!) e que se separou faz dois anos e meio. Sei que é professor de “expressão oral e escrita” em uma faculdade particular (quero morrer, gosto mais dos professores do que dos médicos e dos jogadores de futebol), que vive sozinho e que tem uma cachorra que se chama Rita, porque é uma cocker e é ruiva como Rita Hayworth. Também sei que tem um cheiro bom, como papel novo, e que, por sorte, quer morar para sempre na capital.

Ele, por seu lado, agora sabe todas as fofocas do escritório, o histórico amoroso da minha chefe e o que é preciso fazer para conseguir que venham encher a máquina de café. Da minha vida, pouco e nada, porque tenho vergonha de quase tudo e respondo com evasivas. Sabe que vivo sozinha em Almagro, que desde os doze anos sou apaixonada pelo Frank Sinatra e que adoro as comédias românticas da época dourada de Hollywood. Especialmente as de Katharine Hepburn e Spencer Tracy.

Gostaria de dizer que depois falamos de jazz e de cozinha *fusion*, mas não é verdade. Ficamos rindo da Gisela *Buche* e de suas aspirações de cantora, do Marcelo e de seu chimarrão, e de como o *Piñata* fica com a língua presa quando está nervoso.

29 de novembro

Na editora em que trabalho publicamos cerca de dez revistas, mas cada um está num projeto diferente. O meu, por exemplo, ocupa dois andares. Em cima está o pessoal de arte e redação, e embaixo a área comercial, que centraliza o pagamento a fornecedores, *marketing* e vendas. Nós, os de cima (que é o setor criativo), chamamos de “inferno” o outro andar. E eles, sem ficar ofendidos, nos chamam de “os hippies lá de cima” com certo desprezo.

Eu estou há um ano trabalhando aqui, mas não conheço todo mundo porque não sou muito sociável. Não devo ter falado com mais de dez pessoas em todo esse tempo. Da Gisela só sei que quer ser cantora, que chegou até a metade de um desses reality shows que procuram solistas e que não pensa em outra coisa. Sempre canta no saguão da entrada como se ninguém a escutasse, e todos morremos de rir.

Marcelo Ugly é designer. Matías perfeito, outros dois e eu somos redatores. Tem um fotógrafo idiota que eu detesto, uma gatinha provocante que o persegue em todos os lugares e dois estagiários que tiram xerox, pautam alguma revista ou procuram informação na internet. Embaixo também estão a Graciela (a assistente da minha chefe), Piñata (o gordinho da língua presa) e Silvani (que faz marketing ou algo parecido), entre outros.

Ao meio-dia, alguns vão almoçar no bar de baixo, e outros, no refeitório. Os que são solteiros também jogam boliche juntos ou vão beber na saída do

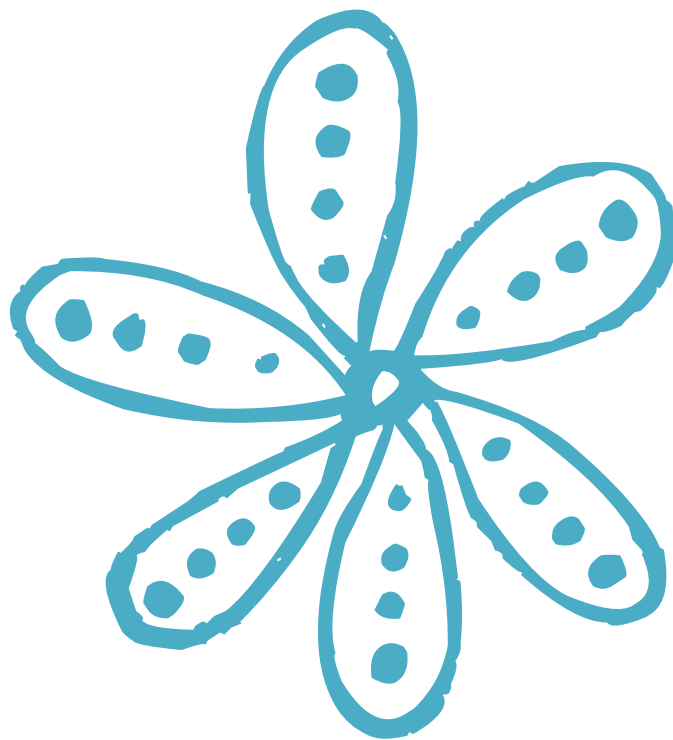
escritório.

Eu em geral vou comer alguma coisa por aí, mas hoje fiquei porque Gisela Buche começou a cantar como um rouxinol na cozinha. Aparentemente, Matías lhe disse que se não tinha conseguido ficar em Popstars era porque cantava mal, e a Gisela enlouqueceu e nos obrigou a escutar o seu tema.

Gostaria de poder dizer que ela cantou como uma gralha ou como um anjo, mas isso não é nada para alguém que, como eu, viu as gracinhas que ela fazia com a boca e as sobrancelhas. Acho que ensinam esses gestos de cantor brega em alguma escola ou vídeo caseiro, porque eu já vi isso em intérpretes horríveis que vão a programas de canais a cabo para fazer um cover ou em festas fuleiras de fim de ano de algumas empresas.

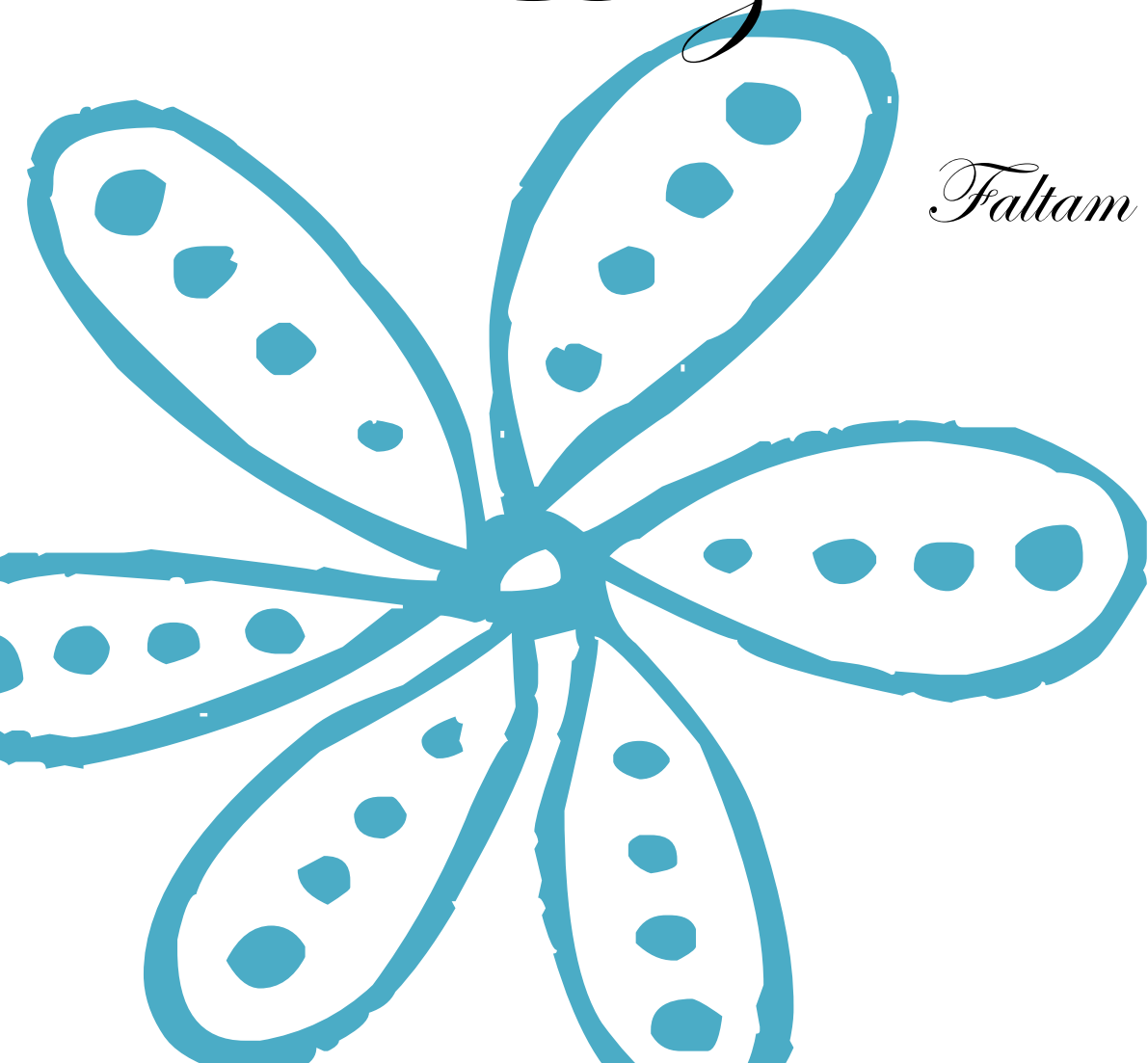
Mas o que no começo me causou tanta graça acabou me dando pena. Era como essas velhas loucas que tiram a roupa na ala geriátrica. Tive vontade de abraçá-la e evitar que passasse por semelhante humilhação. Seu canto era tão feio, tão artificial que a cada falsete ela ia ficando mais feia, como se aquele papelão levasse com ele sua beleza, seus traços finos, seu cabelo sedoso de propaganda. Era como ver uma meia do avesso, que de um lado é branca, macia, fofinha e do outro é um monte de fiapos e penugens cinzentas da máquina de lavar roupas.

Matías e eu tivemos que nos esconder para rir na escada com os fumantes, porque as nossas gargalhadas pareciam gritos. Eu não disse nada. Não quis parecer sentimental, mas me deu muita pena vê-la em sua pior versão diante de todos aqueles urubus do escritório.



Dezembro

Faltam 197 dias



2 de dezembro

Eu só arrumo idiotas

Faz um mês que a minha mãe apostou que eu iria ao casamento sozinha, e até agora ela tem razão. Nestes trinta dias não só não consegui um acompanhante, como nem mesmo tive uma noite agradável. Sofro de um mal: sou invisível para os homens normais. Estou condenada a que só os idiotas prestem atenção em mim, os desagradáveis, os grotescos, os malucos, os esquizofrênicos voluntários. Nem sequer me dão bola os psicopatas e os abusados, que deveriam fazer a festa com uma insegura como eu. Nem isso. Sou como um negócio no qual só trabalham palhaços e nenhum outro tipo de homem.

Durante um tempo saí com um cara que de qualquer jeito tinha que voltar para casa às onze da noite para dar comida para a gata. Em outro ano saí com um que conversava com o carro. Falava com ele, carinhoso como um domador de cavalos: “Hoje vamos à casa da mamãe, depois voltamos, descansamos duas horinhas e vamos a um aniversário”. Outra vez saí com um cuja casa dava nojo, porque parecia que tudo o que havia lá estava suado e grudado. E há mais tempo ainda saí com um professor que tinha um cachorro salsicha que se sentava entre nós para ver televisão e mordida minha mão toda vez que eu tentava tirá-lo dali para me aproximar do seu dono.

Nenhuma pessoa normal ou comum. Para esses eu sou sempre a outra, a amiga, a que é abandonada quando eles voltam para a ex-namorada, aquela que eles veem aos domingos à tarde, a tapa-buraco, a que se faz de enfermeira quando alguém lhes destrói o coração, a segunda, o romance de verão. Mas nunca sou o amor da vida deles. Nunca.

Eu não sou feia, não sou burra, não tenho nenhum defeito incorrigível. Apenas sou neurótica e insegura. Mas, por alguma razão, termino sempre apaixonada por algum infeliz que me trata mal ou por alguém que não pode nem com a própria vida.

E por isso sei que nunca vai acontecer nada entre mim e o Matías. E não

porque ele seja inalcançável, encantador ou bom moço demais, mas porque comigo essas coisas nunca acontecem.

Quando vou a uma festa, por exemplo, nunca sou aquela que alguém está esperando. Quando conheço um homem divino com as minhas amigas, para comentar outro caso, nunca sou eu quem fica com ele. Jamais sou aquela que tem um vizinho solteiro que bate na porta com um vinho. Também não sou a que viaja sozinha a Paris, se apaixona e fica um mês passeando e comendo baguetes. Sou sempre a atriz coadjuvante, a protagonista de uma comédia de humor negro, a amiga engraçada da noiva, a irmã do galã, aquela que tropeça ao atravessar a rua. Sempre faço a linha de comédia do filme.

Sábado é a festa de fim de ano da empresa. E irei sozinha, apesar de que neste ano, pela primeira vez, é permitido levar alguém. Outra vez vou ser a que derruba vinho no vestido, a que morre amassada pela bola espelhada da discoteca ou a que se eletrocuta no banheiro feminino. Todas, menos a Cinderela.

3 de dezembro

Não tenho candidato

Ontem revirei todas as agendas velhas, toda a lista de endereços de e-mail, todos os e-mails que recebi no último ano. Nada. Não tem nada. Ninguém mais que eu possa chamar para sair. As minhas amigas falam para eu procurar na internet, mas tenho medo. Não, medo não. Aversão. Na internet estão todos os entrevados, os traumatizados, os onanistas, os horríveis e os casados. Sobretudo os casados. A única coisa que me vem à cabeça é pedir para a Marisa, uma amiga da minha irmã, que me apresente a esse famoso candidato de quem ela me fala há meses. Talvez possa aproveitar o aniversário dela (acho que cai neste mês) para conhecê-lo, porque os encontros às cegas são como areia movediça. E mais ainda quando a tua amiga, para tentar te convencer, jura que o candidato é muito divertido e um cara superlegal.

No fim, sempre acontece a mesma coisa. O encontro é horrível e a tua

amiga fica brava, te acusa de ser fresca e te diz o que ela sempre achou: que você vai morrer solteira mesmo.

4 de dezembro

Hoje, às nove, enquanto tomava café da manhã, me chegou um torpedo de um número desconhecido. Dizia:

Estou doente. Vou ou não vou?

Dei tratos à bola, procurei o número no meu cadastro de e-mails, nos papeizinhos da minha carteira, na minha memória de solteirona, mas não consegui identificá-lo. Paranóica, perguntei quem era sem cumprimentar nem responder à pergunta. E adivinhem o que aconteceu?

Estou doente. Tenho medo de não ir e a gisela cantar.

Vou assim mesmo?

Como sou uma idiota bem-educada, respondi o que ficaria bem dizer:

Observe se você se sente bem, talvez tenha uma recaída.

Mas pensava: “vemvemvemvemvem”. Me imaginei no escritório, sem ninguém para quem olhar, e fiquei deprimida. Eu teria que suportar todos aqueles imbecis comendo os croissants de sempre, cheirando a bife à milanesa rançoso e conversando aos gritos sobre o Big Brother, e senti vontade de não ir também. Mas tomei coragem e escrevi:

Bom, então venha. E aqui estou, esperando.

5 de dezembro

Ontem a minha mãe me ligou muito emocionada e me disse o seguinte: “Lulú, você viu esse rapaz que saiu na televisão? Pesava quatrocentos quilos! Ele fez uma cirurgia de redução do estômago e agora está superbem. Perdeu uns *duzentos* quilos e já pode caminhar. Por que você não dá uma olhada se o método não é muito invasivo e como é o pós-operatório?”.

Não consegui responder. Fiquei congelada. Eu sei que todas as segundas tento começar o regime e que todas as quartas termino abraçada a uma caixa de pizza, mas neste momento estou com onze quilos a mais, não trezentos e vinte. Deveria ter batido o telefone na cara dela, mas não consegui. Fiquei ali tremendo de ódio como um cachorro raivoso atrás de um portão de madeira.

6 de dezembro

Fiquei quase meia hora procurando um jeito de perguntar ao Matías se ele viria à festa da empresa. Não sei para quê, se ele nunca vai me dar bola. Mas sou curiosa. E masoquista, claro.

No começo tive medo de que ele me perguntasse por que eu queria saber se ele iria ou que ele me dissesse que iria com a sua namorada. Mas depois aconteceu uma coisa, e o medo foi embora. Agora estou com vergonha. Uma triste e enorme vergonha de quem está secretamente apaixonada.

Agora há pouco o Matías veio até a minha mesa para conversar, mas não conseguiu dizer nada. Ficou olhando a minha caneca de café sem saber o que dizer. A minha caneca não é bem uma caneca. É uma tigela enorme de setecentos e cinquenta mililitros que aloja dentro um ecossistema que deve ser adoçado com mangureira. É ótima para o viciado em café, e nunca me senti incomodada por seu volume colossal. Até esse momento, no qual pela primeira vez percebi que eu era um javali.

— Legal! Agora você já sabe que eu tomo café com leite num balde, como um javali!

– É, que graça... isso é um pouco grande, não é? Quanto cabe? Quase um litro?

– Não sei. Dez galões? Cara, eu ia te perguntar... Você viu que... – comecei, até que uma voz conhecida me interrompeu:

– Vocês têm que tomar chimarrão...

Marcelo Ugly se aproximou com sua garrafa térmica e se meteu na conversa.

– Eu não tomo chimarrão... – disse Matías – porque pega mal, mas também acho um trampo inútil ter que ficar colocando água quarenta vezes e depois ainda compartilhar com os outros.

– Como? – Marcelo não entendia. Eu suspirava e pedia aos céus que ele fosse embora. Sai, sai, sai! Leva já essa porcaria cheia de erva da minha mesa. Vai! Desaparece! Estou falando com outra pessoa! Mexeriqueiro! Isto não é um dos seus fogões! Não queremos tocar violão nem contar histórias! Some daqui!

– Nãããããoooooooo, é muito bom o chimarrão, *che*.

– Não, Marcelo, é nojento. É um aglomerador de micróbios – eu disse, tentando acabar com a conversa.

– Não! – voltou a dizer o Marcelo, sentando-se. – Olha, vou te contar uma coisa...

Filho de uma puta, não sente! São cinco e meia da tarde, e não vou poder perguntar nada a ele por sua culpa! As propriedades curativas do mate não me interessam merda nenhuma! Você quer foder a minha vida, é isso que você quer! Quer me deixar solteira porque não quis passar o resto da vida com você em algum lugar natureba... não fui com você tricotar polainas em Tilcara... Aaaaaaaai... Saia agora mesmo da minha mesa.

– Então os gaúchos, de tarde...

Cala a boca. Cala a boca. Cala a boca. Não me interesso por suas histórias de campo, galinhas sujas e chimarrão ao amanhecer. Não me interesso por nada que não seja asfaltado e não venha embalado em Tetra Pak. Vai catar coquinho e vê se me erra!

– Já entendemos, Marcelo. Mas nesta mesa tomamos café, e, se quiser, traga o seu cafezinho, mas pare de falar do chimarrão como se você fosse uma

promotora de uma cadeia de hotéis de luxo.

– Tá.

– Tá o quê?

– O cafezinho. Já venho.

Não! Chato do cacete! Eu estava brincando! Vê se me erra!

7 de dezembro

iiiiiiiiiiiiiiiiiiuuuuuuuu hahahahadhahahaha.voutei da festa buito bem. Vou explica. Primeirro que marcelo ugly começou a dançar e como tava calor prendeu o cabelo com um palito hahahahaaaahahhhhaahaha ai marcelo! Hahahaahhhaha. boum derramei vinhu e matías lindissismio me limpou com ums guardanapo o vinhou Du vistido. bebemo muituu muiotoe voltamos detaxi dos dois i o taxistaa quis que agente descesssse pelas gritoaas e me falei voce é divertida,amais divertida, caraliho.

Sentamos na mesa com o marcelo, nina e outra menina, matías. marcelo falou a noite inteira de coisas queria que calasse a boca e fosse embora para sempre. gisela bichen tava com ropa fúcsia brilhante hahaapaedahbghahaha e parecia paixao atropical dançando naum cantou nenhuma musica dela. odeio a caipira tomara que morra já. se jogou emcima do matías para dançar amas ele não dança eela dizia ai,olha que música, e matías dizia que naocom a cabeça quenaum queira dançar nem estando bebado haahahahaakahahaha coitada... né''?

Um momento quando gisela ficou mais insistente nos robamos um vinho e fomos para fora num quintal pequieno porquae já estávamos bebados mas fiz< uma coisa péssima: comi a sobremesa de masteus também. as duas a mihna e a sua , ele ria mas foi muito gravae peorque as duas que eram um sorvetea com tortas e bebida parecia que nao tinha problmeam comer. Agoraaa vai pensar que sou uma godra com obesidaed nórbida fora di controooli. colocamo penugem na sobrimesa dumarcelo i eli comeu dumesmo jeituu.

Ai e disse emum momentuuu: num sabia que ce tinha o cabeluu tãum

compriduu proque sempree esta presu comum lápis e colocou a mao no meu cableo. Isso é esquisiiiiiiiiituuuu, né? não se toca o cabeluu di quaqluer um, né? foi assmi um momnento estrahno com silencio estrhanho, né? Num sei na verdade dpois veio a mihna chefe, naum sei mais.

Primeriu desci na mihna casa e quis cumrpimentar o matías e dei uma cabeçada sem quierrer como quanodo você faz bochcha com bochecha e não da o bejio no ar e ia descer tchautchau e me disse nao me da um beijo isso nao é um beijjo. Eeu dei. mas isso é estranhuuuu, nãoooooooooooooooooooooo””” eh?

[illegible]

Thaaaaaaaaaaaaa

[illegible]

Oimati

8 de dezembro

Hoje de manhã, depois da festa, acordei com o celular. Tinha um torpedo novo:

O teto também tá rodando aí?

E dois minutos depois, mais um:

Me sinto muito mal. Não me lembro de nada.

E foi aí que eu menti, um pouco engraçada, um pouco brava:

Não tô sabendo de nada. Não fui na festa.

Tava legal?

E ele sacou.

Engraçadinha.

E isso é mais ou menos verdade. Porque eu me lembro das coisas assim:

10 horas atrás. Me jogo na cama, vestida, maquiada e de sapatos.

10 horas e 30 minutos atrás. Estacionamos na porta de casa. O taxista olha para trás. Além de ter bigode na orelha, tem pelos no nariz. Parece uma medusa. Choramos de rir. Ficamos uns segundos longuíssimos em silêncio. Digo a ele que vou embora. Ele concorda com a cabeça. Dou um beijo mal dado, no ar, e bato nele com o osso da bochecha. Ele me diz que isso não é

um beijo. Dou risada. Ele dá risada. Dou um beijo na bochecha dele. Ele ri de novo. Eu desço.

10 horas e 40 minutos atrás. O taxista tem uns pelos enormes nas orelhas, como bigodes de gato. Não conseguimos parar de rir.

– Te pago vinte pesos se você arrancar um pelo dele de uma vez – me disse o Matías.

– Se você me der cem, eu faço.

– Até parece.

– Faço, sim.

– Não.

– Sim.

O Matías pega cem pesos da carteira e me dá. Eu estendo a mão até a orelha do taxista, convencidíssima, mas ele me para, assustado, quando estou a ponto de arrancar um pelo.

– Sua maluca! Você ia mesmo fazer isso!

– São cem pesos! Sabe quanto é que eu ganho?

11 horas atrás. Acordo dormindo sobre o paletó do Matías. Digo que espero que não ganhe a rifa porque não vou conseguir subir a escada do palco. Ele me avisa que a rifa já passou faz duas horas. Chamamos um táxi. 14 horas atrás. Matías brinca de fazer bolinhas com os rótulos das garrafas. Eu giro a garrafa no chão e olho para ela. Matías me pergunta se eu quero que a gente chame o Marcelo e a Gisela para brincar de jogo da garrafa. Não acho nenhuma graça.

17 horas atrás. Superbêbada, revelo que uma vez comi uma caixa de chocolates e terminei no hospital. Continuo contando sobre uma vez que chorei porque uns bombons tinham derretido no porta-malas do carro (contei isso muito angustiada).

17 horas e 30 minutos atrás. Matías me diz que tenho o cabelo comprido e que não parece porque sempre está preso com um lápis. Me marca até onde chega o cabelo, tocando a metade das minhas costas.

– Por que você deixa preso? É muito mais bonito assim – me diz.

18 horas atrás. Matías volta com outra garrafa de vinho. Ficamos quietos bastante tempo. Não pergunte “em que você está pensando”. Não pergunte “em que você está pensando”. Não pergunte “em que você está pensando”. Eca!

19 horas atrás. Completamente bêbados, a gente se jogou no chão para beber e fazer perguntas idiotas. O vinho acabou.

20 horas atrás. Fomos a um quintal perto dos banheiros tomar vinho escondido. Estamos os dois bem bêbados. Eu estou pior. Ele se desculpa dizendo que vem de outro jantar e que tomou cerveja. Eu fico com ciúme, fico imaginando que ele jantou com alguma namorada e já a odeio. Penso nela com a cara da Cameron Diaz (sempre uso a Cameron Diaz para ilustrar garotas que odeio sem conhecer).

20 horas e 5 minutos atrás. Matías rouba duas garrafas de vinho do escritório.

20 horas e 10 minutos atrás. Choramingo porque tenho sede. Matías se oferece para me trazer uma Coca-Cola. Ele me traz Coca-Cola comum, e digo que não quero porque engorda. Fecho a boca como se estivesse colada. Ele ri e me oferece vinho porque, segundo ele, engorda menos.

20 horas e 30 minutos atrás. Matías me pergunta se também quero a sobremesa da Gisela, já que ela está dançando e com certeza é anoréxica. Digo a ele que sim. Como as duas bombas de chocolate e os dois sorvetes. Na frente dele. Um atrás do outro. Acho que também lambi o açúcar que ficou no prato (agora, quando olho para ele, me arrependo muito).

21 horas e 10 minutos atrás. A Gisela fica louca quando vê o Matías e começa a dançar em volta dele. Pega a mão dele e pede que dancem “só uma música”. Faço uma aposta comigo mesma: se o Matías se levantar e dançar

com ela, não serve pra mim. Mas ele nem se mexe.

21 horas e 30 minutos atrás. Chega o Matías. Já estou sem maquiagem, arrasto todas as consoantes e lancei quarenta batatas noisettes e um sapato no Marcelo, para fazê-lo calar a boca.

21 horas e 45 minutos atrás. Matías me manda um torpedão. Não acha o salão. Eu ligo para ele. É a primeira vez que eu ligo. Ele tem uma voz linda pelo telefone. Me pergunta se por acaso não estou meio bêbada. Digo a ele que sim, que, se ele visse o Marcelo fazendo montanhas de batatas noisettes com as sobras do jantar, ele estaria bêbado também. Ele me diz pra não encher a cara sem ele, pra esperar por ele. Eu morro de amor.

22 horas atrás. Matías não chega. Bebo meia garrafa de vinho de ansiedade. Dez minutos depois já estou enrolando a língua.

22 horas e 55 minutos atrás. Chego perto do Matías e da Gisela para interrompê-los. Mas, para minha surpresa, não é o Matías. É o Marcelo, com um novo corte de cabelo. Além disso, está usando jeans, camiseta branca e um paletó marrom lindo. Deve ter ido a um desses programas de televisão nos quais te mudam o visual. Se não foi isso, não sei o que aconteceu.

23 horas atrás. Vejo o Matías de longe, falando com a Gisela. O que será que ele está conversando com ela? Do que podem estar falando? Ela que converse com o Marcelo!

9 de dezembro

Os jantares de casais

Ontem fui ao aniversário da Marisa, uma amiga da minha irmã que está grávida de sete meses, e me aconteceu o pior que pode acontecer a uma mulher solteira durante um jantar. Só havia casais. Não existe nada que eu odeie mais do que os jantares de casais. Ou melhor, existe, sim. Os jantares de casais com uma solteira. Particularmente quando a solteira sou eu.

Não importa que as pessoas sejam simpáticas ou que a ocasião seja emocionante: sempre existe algo estranho no ar, uma compaixão dissolvida em elogios absurdos, que faz com que me sinta fora de lugar.

É tão difícil assim convidar dois outros solteiros para variar um pouco as conversas? Será que os casados não percebem que nós não estamos interessados em piadas sobre homens que não ajudam na limpeza ou em debater sobre a dificuldade de encontrar uma faxineira de confiança? Convidem solteiros! Prometo não falar com eles! Só quero que estejam ali, como uma minoria tolerada pelo resto, ocupando quinze por cento das cadeiras da sala. É pedir muito? Ou será que eles gostam de fazer a gente se sentir deslocado?

Para as mulheres, acho eu, isso deve servir para desafogar a mágoa de uma rotina levemente escravizante. Falam de seus problemas durante horas seguidas (toalhas no chão, sogra filha da puta, futebol demais no fim de semana), mas depois notam que eu não tenho nem sequer alguém com quem brigar por causa das toalhas e se sentem melhor consigo mesmas.

Para eles, por outro lado, é legal que haja uma solteira inofensiva. Porque, cada vez que veem uma solteira de vinte anos bem gata e sem preconceitos, os homens casados pensam em tudo o que estão perdendo. Mas quando olham para mim, que me pareço mais com as esposas deles do que com uma vedete, percebem que não estão perdendo nada e ficam tranquilos.

A única que sofre sou eu. Eles nem sequer se perguntam como me sinto nesses jantares. Como me entediam. Como me indigna que elas me olhem como se eu tivesse câncer terminal. Como acho estranho que falem de si

mesmas como se tivessem nascido casadas. Como me irrita que me tratem como se eu fosse de uma casta inferior.

À noite, por exemplo, houve vários momentos em que eu tive vontade de chorar ou de pegar uma arma. A primeira vez foi no meio de uma conversa sobre o supermercado. Marisa esclareceu que ia ao mercadinho de verduras mais afastado, porque as mesmas berinjelas que comprava por nove pesos no supermercado, ali custavam quatro. E eu disse que chegava tão cansada de trabalhar que terminava pagando nove por falta de tempo. Mas ela não pôde se segurar:

– Claro, no seu caso não tem sentido. Para você sozinha é uma berinjelinha, um tomatinho... O que você vai economizar? Nada! Mas quando você tem uma família, e alguém que come como o Juan, não resta outra opção. E desde esse momento não pude me conter mais:

– Não, não é assim como você pensa, eu como muita verdura, mas quando chego do trabalho estou acabada. Meu trabalho me desgasta mentalmente, e no final do dia, te juro, não consigo pensar se as berinjelas custam três pesos a mais. Também existe a questão do tempo. Pense que vocês têm o dia inteiro para ir e vir com os tomates, porque vão levar as crianças no jardim de infância e pronto, mas eu não posso.

Ela não ficou quieta. Meia hora depois recebi uma mensagem do Marcelo no meu celular, dizendo que tinha que falar comigo. E Marisa, que é uma tremenda fofoqueira, uma alcoviteira de bairro supervenenosa, uma viborazinha disfarçada, começou a me perguntar, engraçadinha, quem era o Marcelo.

– Aaaaaiiiii, está falando com queeeeeemm? É alguém que eu conheça? É um namorado? Até que enfim! Até que enfim!

Rezei muito para que a cadeira dela quebrasse e ela caísse no chão de barriga para cima, imobilizada, como uma tartaruga indefesa, mas é claro que isso não aconteceu, e tive que me conformar em lhe dizer que parasse, que estava fazendo um grande papelão.

Outro grande momento foi quando me perguntaram pelo casamento da minha irmã. Não entendia em que podia lhes interessar uma festa de que ninguém ali participaria. Mas rapidamente entendi. A festa da minha irmã era a

ocasião para falar de suas próprias festas de casamento. Um momento único para lembrar semelhante desperdício absurdo de dinheiro. Uma ocasião para tirar o pó desse saco de cinquenta mil pesos que puseram uma noite só e que deixaram pendurado no armário.

Então cada uma começou a contar como tinha sido a sua festa de casamento, como se fosse a entrega do Oscar. Contaram se foram de carro, carruagem ou limusine. Se o vestido era “campestre” ou “de princesa”. Se gastaram muito em bebidas, flores ou na lua de mel. Qual tinha sido a filosofia da recepção: a festa é um pouco de todos ou faço o que quero porque é a minha festa? E outras grandes incógnitas sobre os casamentos que deveriam ser recompiladas em um livro chamado *Como gastei quarenta mil pesos em salgadinhos para primos que não suporto, mas ainda não conheço a Europa*.

Eu, do meu lado, disse que jamais gastaria duas viagens à Europa em canapés para a minha avó. E uma me tocou o ombro, compassiva, e me disse:

– Isso você fala agora, vai ver quando for a sua vez.

O fim da noite é sempre idêntico e me devolve à minha casa como um pano de chão. Eu quero pegar um táxi, mas algum casal insiste em me levar. É que fica bem no nosso caminho! Para que você vai gastar com um táxi?! Se não nos custa nada! Com o frio que está fazendo! O que ignoram é que ir sozinha no banco de trás, enquanto eles vão sentados na frente como um casal, colocando os CDs que gravaram juntos, fazendo carícias nas mãos um do outro, comentando que no domingo têm que ir ao aniversário do pai dela, te faz sentir de novo, mais do que nunca, a irmã caçula que eles levaram junto por obrigação.

10 de dezembro

Hoje foi o aniversário da Gisela Buche, e compraram um bolo horrível para ela (um desses que têm flocos de chantilly plastificado e cerejas de gelatina), um cartão de parabéns e um kit muito brega de espuma de banho, sabonete e saís, do qual eu paguei um doze avos.

Odeio os aniversários de escritório. Não existe experiência mais

deprimente. Quando eu estiver a cargo de uma redação, não vou deixar que ninguém festeje. Como voltar a trabalhar depois de agradecer por um presente estranho, de comer uma porção de bolo rançoso com soda quente e de cantar um “Parabéns a você” preguiçoso e desafinado até dizer chega? Intolerável. Pelo menos para mim. Por isso, aproveitei esse circo para levar umas fotos a outro andar, pelo menos até que todos terminassem de se arranhar por um pedaço de bolo de supermercado.

Quando voltei, na minha mesa havia uma surpresa: alguém tinha tido a gentileza de me guardar bolo. Para mim e para outra pessoa. Perguntei quem tinha deixado o bolo, e como ninguém disse nada, levei tudo para a geladeira, mas o Matías me interceptou no corredor.

– É seu? – perguntei a ele, embaraçada.

– Não, são os dois para você. Eu disse a eles que você gostava assim, de dois em dois.

– Não é nada engraçado – comentei, enquanto a minha cara se inflamava de ira.

– É, sim.

– Pode ter certeza que não.

10 de dezembro, mais tarde

Hoje à tarde, o Matías veio até a minha mesa para tratar de arrumar as coisas.

– Não fique brava, por favor. Você... é maravilhosa para mim. Foi uma brincadeira, pensei que estávamos longe dessas suscetibilidades femininas. Pensei que você ia morrer de rir. Se eu tivesse feito a mesma brincadeira com um amigo, ele agora estaria pensando em outra para dar o troco. O que eu posso fazer para que você me perdoe? Quer um alfajor da paz?

– Estúpido! Eu estava quase te perdoando!

– Desculpe. Não pude evitar! Me dá mais uma chance! Só mais uma!

12 de dezembro

Matías e eu não nos dirigimos a palavra desde ontem à tarde. Ele me disse que já tinha me pedido desculpa e que não ficaria suplicando a vida inteira para que o desculpasse. E, como eu não respondi nada, usou o cavalinho de batalha de todos os homens. Me chamou de “histérica”. Aparentemente, a histérica sou eu. Ele me pede um beijo e depois perde a memória, e a histérica sou eu. Ele diz que sou maravilhosa e depois afirma que sou como um amigo, e a histérica sou eu. Ele me espera todos os dias na saída do trabalho para tomarmos o metrô, mas me faz brincadeiras ofensivas, e a histérica, claro, sou eu.

E isso não é nada. O mais grave é que estou tão acostumada à histeria que nem sequer percebi o que estava acontecendo até este momento. Mas eu me cansei. Estou farta de que o Matías fique treinando o xaveco e massageie o ego às minhas custas.

Decidi me render como o comandante covarde do meu pelotão, com uma bandeirinha branca feita de trapo, perante o inimigo. Mais que isso, já chamei o general do outro grupo e disse a ele que me rendia. Que ganharam, que vou trair os meus ideais e me unir ao seu exército para sempre, porque estou profundamente cansada de estar do outro lado.

E fiz isso. Liguei.

– Oi, Marisa? Tudo bem? Aqui é a Lucía, a irmã da Irina, nos vimos no jantar do outro dia. Sim, isso. Eu estava pensando... Você lembra que me disse que tinha um amigo do Juan para me apresentar? É, isso. Sim. Você acha que a gente poderia...? Ahã. Beleza. Não se entusiasme tanto. Legal, então espero a sua ligação. Sim, sexta, sábado. Eu posso. Estou solteira. É, solteiríssima. Bom, é, tenho pressa... É, trinta. Ok, rápido, como você quiser.

13 de dezembro

Ontem à tarde, Marcelo veio até a minha mesa com cara de cachorrinho molhado outra vez. Nem levantei a vista, porque sabia que queria falar comigo, mas não tenho vontade de escutá-lo. Não me interessa nada do que ele tenha para me dizer. Pelo meu lado, nunca aconteceu nada entre a gente, e não existe nada para discutir. Entretanto, ele não pensa assim.

– Te disseram que amanhã vamos ao bar tomar umas, che? Todos os solteiros vão festejar o aniversário da Graciela e de outros dois que fazem aniversário este mês. Eu estou te avisando porque é capaz...

Mas eu fui taxativa.

– Não, não posso.

– Mas olha, nós vamos lá pelas nove porque alguns vão comer alguma coisa por aí. Vamos ficar até as seis, então você pode ir antes ou depois. – Não posso. Vou sair.

– Ah... ok.

Ele se afastou da minha mesa com um passo cansado, mas depois de uns minutos voltou com o cenho franzido.

– Eu queria falar com você hoje, se for possível... Tem algo que eu quero te falar faz uns dias, que ficou pendente.

– Não posso.

– Bom, na segunda, então.

– Acho que não.

15 de dezembro

O maluquinho do celular

Ontem tive o segundo pior encontro do mundo. O primeiro, claro, foi o do acampamento com Marcelo Ugly. Eu poderia jurar que o encontro com o Eduardo naquela noite do dublê tinha sido melhor, mas não tenho certeza.

Willy, o amigo da Marisa, tocou a minha campainha às dez e vinte da

noite. Ou seja, meia hora atrasado. Como eu não sou pontual, não me importo muito com o atraso. Apesar disso, houve outra coisa que me tirou do sério. Mal ele chegou na minha casa, tocou a campainha, esperou dois ou três minutos e começou a tocar a buzina sem parar, impaciente como um adolescente. Algumas buzinas eram tão longas e possantes que, por alguns momentos, pensei que a buzina tinha ficado travada. Mas a buzina estava bem, o que estava travado era o cérebro dele.

Apesar de tudo, quando entrei no carro, vi um homem normal. Não era feio, tinha dois olhos, dez dedos e um só nariz e, à primeira vista, parecia normal. Mas essa impressão errática e apressada durou pouquíssimo. Nada, na verdade. Assim que nos sentamos para jantar, engatou um monólogo insuportável sobre seu amigo “boa-pinta que pegava todas as minas” e sobre o amor de sua vida: seu celular.

Evidentemente, Willy pertence a essa nova classe de homens que apareceu depois da crise econômica que vivem enfeitiçados pelos avanços estridentes da telefonia celular. Antes do advento dos celulares, esses imbecis se entretinham equipando o carro. Passavam o dia inteiro falando de seus carangos como se fossem limusines e comparando-se com os outros homens para ver quem tinha o estéreo mais caro ou o ar-condicionado mais potente. Mas, desde que com dez mil pesos ninguém compra um carro decente, tiveram que transferir seu complexo de pau pequeno para a telefonia celular.

Mas, além da questão do gosto pessoal, todos têm sempre o aparelho mais metido e nojento do universo, e ficam o dia inteiro mexendo nele, experimentando *ringtones*, aumentando a lista de contatos, tirando fotos e fazendo ajustes de volume desnecessários. E Willy não é exceção. Em traços gerais, tem todos os sintomas dos maluquinhos do celular, ainda que de vez em quando passe uma temporada falando de seu carro.

A gente nem tinha sentado direito e Willy já começou com o papo de que seu celular “tinha de tudo”. “Vai, me pergunta sobre qualquer função”, repetia ele como se estivesse programado, e, apesar de eu suplicar várias vezes que a gente desencanasse dessa demonstração, ele insistiu tanto que eu disse “agenda”.

Ele me olhou entusiasmadíssimo e, com uma cara de vendedor

ambulante, repetiu: “Agenda? Claro!”. E começou a me mostrar uma quantidade incrível de inutilidades que o aparelho era capaz de fazer. Uma por uma, como se estivesse vendendo.

– Alarme? Claro. Dicionário? Claro. E-mail? Claro. Browser? Fala uma página. Fala uma página. Yahoo? Você quer que eu coloque Yahoo? Não, é porque faz de tudo. É igual a um computador. Igualzinho. Tem de tudo. É o melhor do mercado. Custa uma merreca, mas te digo que é um computador.

Quando me deixou em casa, com a cabeça zunindo, não teve ideia melhor que pedir o meu telefone para me ligar e combinar outro encontro. – Viu? No fim você vai entrar no meu celular. Não é para qualquer uma, gatinha, mas tudo tem a sua hora. Quer saber? Gostei de você. Acho que a gente vai curtir muito juntos. E eu quase nunca erro.

Dei o meu celular para ele, claro. E registrei o seu para ter certeza de que vou reconhecer o número dele no identificador de chamadas para nunca atender. Ele, por seu lado, agradeceu o meu gesto. Pelo que parece, um celular de uma pessoa é a coisa mais íntima que se pode dar. Pelo menos para o Willy.

17 de dezembro

O Matías está mais bravo que de costume. Nem sequer fala comigo, e eu não sei o motivo. Mandeí uma mensagem para ele, mas ele se desconectou. Fui até a sua mesa, perguntei se tinha dois minutos, e ele disse que não. E finalmente me disse sem anestesia: “Não quero falar com você”.

Não entendo o motivo. Não era eu quem estava brava?

17 de dezembro, mais tarde

Estou tremendo de raiva como uma panela no fogo. Se não me segurar, posso ir para a cadeia, porque acho que sou capaz de matar o Marcelo. De curtir o seu assassinato como se fosse uma brincadeira. Sei que muita gente veria isso como um ato de justiça ou que ao menos me desculparia pelo incidente.

Desde sábado que Matías não fala comigo. Me ignora deliberadamente. Nem sequer sustenta o meu olhar. Cada vez que nos cruzamos, abaixa a cabeça e passa reto. Assim, de repente.

Escrevi para ele, mas não tive resposta. Fui à mesa dele para propor uma trégua, mas, assim que me viu chegar, ele se levantou e se afastou. Na saída do trabalho, não me esperou para tomarmos o metrô juntos, mas eu o encontrei na escada, descendo, arredio e de mau humor. E fiquei com tanta raiva de ele se esquivar de maneira tão besta que acabei gritando com ele como uma histérica. E, pelo que parece, ele não gostou nada do meu grito, porque vomitou os motivos da sua indiferença como um vulcão que expulsa lava antes de uma erupção.

Fiquei abismada ao ouvir aquilo. Não tinha imaginado, não fazia ideia. Achei que era histeria da parte dele, ou estupidez, ou no máximo apatia. Mas nunca imaginei algo assim. Acho que nunca tinha me acontecido nada parecido.

A primeira coisa que ele me disse foi “mentirosa”. E depois acrescentou que, se ele tivesse sabido antes quem eu era, jamais na vida teria me ligado. Que ele já teve relações complicadas, dolorosas, distorcidas e que, nessa idade, já não quer saber de nada disso. Que ele tem trinta e dois anos e que já não está a fim de loucas como eu desde os vinte e um. Que pensou que isso era diferente, para mim e para ele. E que se sente um estúpido. Que eu o fiz perder tempo, fazer papel de idiota comigo e com os demais. Que ele procurava algo normal, tranquilo e bonito. Que não quer saber de nada mais comigo. Não quer nem mesmo conversar.

Juro para vocês que até esse momento eu não estava entendendo nada. Quis ser cautelosa, mas estava tão transtornada que talvez tenha sido um

pouco bruta. Em vez de perguntar a ele o que estava acontecendo ou começar a chorar, perguntei se ele estava drogado. E ele ficou mais louco ainda.

– E ainda por cima com o Marcelo... Isso eu não entendo. Como é que você pode sair com o Marcelo?

Fiquei estupefata e zonzá, como se tivessem me cegado com a luz de uma lanterna.

– Porque você dá risada do Marcelo, tira sarro das coisas que ele faz... Ou seja, você falava mal dele e depois passavam os fins de semana juntos... Você dorme com ele no domingo e na segunda vem me zoar? Qual é o seu problema?

– O quê?

– Não estou interessado em relações a três nem a quatro e não estou a fim de loucas como você. Case com esse idiota e acabou.

Expliquei para ele que não era namorada do Marcelo, gaguejando de surpresa e de indignação. As lágrimas me rolavam pela cara de tanta raiva. Mas todas as minhas desculpas foram em vão. Ele me perguntou algumas coisas que eu não podia negar: se eu tinha saído com o Marcelo, se tínhamos passado um fim de semana juntos e por quê.

Tive que ficar quieta. Não pude explicar nenhuma das três, porque as duas primeiras me envergonham profundamente, mas também porque a terceira é a pior de todas. As palavras “infidelidade” e “mentira” podem ser superadas, mas “aposta” não tem volta. “Aposta” é a pior das afrontas.

17 de dezembro, ainda mais tarde

Fiquei umas vinte horas esperando o momento oportuno para pegar o Marcelo pelo colarinho, mas queria que o Matías não me visse, e tive que esperar até o meio-dia.

O meu plano era simples. Eu o jogaria pela janela e ficaria lixando as unhas enquanto o via ser atropelado por um carro. Mas não deu. No

momento de fazer isso, pensei na dureza da rotina penitenciária e mudei de ideia.

A primeira coisa que eu disse ao Marcelo Ugly foi que nós dois não fomos nem somos nada. Nem mesmo amigos. Que não tivemos nenhum tipo de relação, que saímos duas vezes e que aquilo havia sido um erro. Um erro enorme e sem sentido. E depois fiquei quieta para ver o que ele dizia (porque, se ele respondesse que eu tinha razão, era um filho da puta, mas, se dissesse que éramos marido e mulher, era porque realmente estava louco).

– Olhe, esse é o seu ponto de vista, mas eu não penso assim. Eu acho que existe algo, mas não posso te convencer de nada...

Eu lhe expliquei que era um fato real e concreto e que não estava sujeito a opiniões. Que eu podia dizer que era a rainha da Espanha, a filha de Perón ou Michael Jackson, mas que, apesar da minha autodeterminação, eu continuava sendo a Lucía. Mas ele não ficou bravo. Começou a rir e disse que o Matías não era para mim e que com o tempo eu entenderia isso, na marra. Me deu tanta raiva que meus lábios começaram a tremer e meus olhos se encheram de lágrimas. E eu lhe disse coisas horríveis. Que eu jamais iria gostar dele, que não o namoraria nem que fosse o último homem da Terra. Que estava cansada de suas tentativas, de suas advertências, de suas conversas. Que não queria mais falar com ele e que exigia, sob ameaça de morte, que ele dissesse ao Matías que nós não tínhamos nada um com o outro. Mas ele me disse que não.

– Eu não falei nada. Nós quase não conversamos. Se ele ficou sabendo, não foi por mim – ele me esclareceu, tranquilo.

– Ah, não? E quem foi que falou?

– É uma boa pergunta que você deveria fazer a ele.

18 de dezembro

No fim, a minha mãe e a minha irmã decidiram abrir mão da assessora e organizar o casamento elas mesmas (a minha mãe e a minha irmã, não eu). E, apesar de eu jamais ter concordado em ajudá-las, ficam me convidando para as

suas reuniões para falar de salgadinhos e buquês de noiva. Eu vou o menos possível, mas a verdade é que não posso desaparecer todos os fins de semana. Se falto a três reuniões seguidas, a minha irmã começa a chorar e diz que eu não gosto dela, e a minha mãe me acusa de egoísta.

Apesar disso, o que mais me incomoda não é a evidente estupidez e frivolidade que implica organizar um casamento, mas as intervenções da minha mãe. Hoje, por exemplo, escutei o seguinte:

– Eu acho que tirar uma foto em cada mesa é um exagero e um costume antiquado. Há milhares de álbuns de fotos arruinados por esse costume. Porque para cada parente bem-vestido você tem dez feios. Não. Vamos tirar fotos só com a família mais próxima e com os que saiam bem.

– Os que saiam bem? Mas, mamãe, não é um casting de modelos – eu disse.

– É a única lembrança que a sua irmã vai ter da festa de casamento, e ninguém com dente de ouro, dedo cascudo ou chinelo de dedo vai estragá-la. Ainda não me recuperei.

19 de dezembro

Hoje, enquanto almoçava uma salada no refeitório do escritório, lia uma revista estúpida e pensava que na saída eu tinha que passar no supermercado, Marcelo se sentou ao meu lado para almoçar como se eu nunca tivesse brigado com ele.

Levantei os olhos, fitei-o com desprezo e arrastei a minha bandeja até a outra ponta, tentando ser discreta, fazendo de tudo para que ninguém nos visse. Mas Marcelo não aceitou o desprezo e arrastou o seu pacote de lanche de novo até onde eu estava.

Me senti tão impotente que peguei as minhas coisas e me mudei de mesa. Mas, antes que eu pudesse me acomodar, ele se levantou para vir até onde eu estava. Não tive outra saída a não ser pegar a minha salada, jogá-la violentamente no cesto de lixo e sair da cozinha batendo a porta. A agitação foi tanta que as pessoas começaram a levantar a vista. Na verdade, acho que

todo mundo viu. Inclusive o Matías, que almoçava com o fotógrafo na outra mesa.

20 de dezembro

Hoje almocei no refeitório de novo, mas, para evitar visitas incômodas, dessa vez escolhi uma mesa cheia de gente.

Dois ou três minutos depois, como se tivesse planejado, chegou o Marcelo. Entretanto, como viu que não tinha lugar, ele se sentou para almoçar no balcão da cozinha. Senti um alívio esperançoso. Até me felicitei pela minha capacidade de prever conflitos. Me senti adulta e equilibrada. Mas isso durou muito pouco, como sempre. Os dois idiotas que estavam ao meu lado se levantaram para voltar ao trabalho, e, assim que o Marcelo viu isso, pegou seu saquinho e veio correndo se sentar ao meu lado.

Nesse momento, o tempo se fez mais lento. Eu só escutava os passos do Marcelo e o ruído do saquinho de papel. Estava numa encruzilhada. Se eu me levantasse e deixasse ali a minha salada intacta, morreria de fome e à tarde cairia nos braços do primeiro alfajor que me seduzisse. Mas, se eu ficasse sentada e me concentrasse na minha comida, Marcelo se sentaria ao meu lado, juntando a sua coxa com a minha coxa, o seu cotovelo com o meu cotovelo, seu ar com o meu ar.

Nunca cheguei a tomar a decisão. Devo ter feito mesmo uma cara de dar pena, porque, dois segundos antes que o Marcelo aterrissasse na minha mesa, Matías se levantou e ocupou o lugar tão temido. E não somente isso. Olhou para o Marcelo com expressão catatônica, disse que o lugar estava ocupado e mostrou outra mesa com o queixo.

Mesmo que não tenha falado comigo durante todo o almoço, o fato de ter se sentado ali foi um bom sinal. Ou talvez tenha percebido, pela minha cara, que odeio o Marcelo. Ou acreditou na milésima vez em que eu disse que não tínhamos nada um com o outro. Ou simplesmente sentiu pena. Seja como for, foi legal.

21 de dezembro

São três e meia e acabo de chegar em casa. Vim cedo por uma razão bem simples: levei uma suspensão. A minha chefe me pegou pelos ombros e, fingindo um abraço maternal, me disse que eu não estava bem e me mandou para casa por dois dias. E acho que tinha razão. Eu não estou bem mesmo.

Mas a história não começou nesse momento, começou bem mais cedo.

Por causa da greve dos transportes, havia filas de uma quadra para todos os ônibus públicos. As pessoas se juntavam nas esquinas como se estivessem num show. Os táxis também estavam ocupados. Devo ter demorado uma hora e meia para conseguir um, e ainda por cima o motorista estava com um humor pior que o meu. Uma hora e meia. Teria demorado menos se tivesse ido a pé ou de patins.

Previsivelmente, o calor e a demora me detonaram a disposição, e quando cheguei ao escritório não era mais do que um corpo suado e nervoso disposto a matar o primeiro imprudente que se colocasse entre ele e a minha ira.

A primeira coisa que me chamou a atenção foi que o Marcelo não estava com a sua roupa. Não estava pelado, claro, mas tinha se vestido como se fosse outra pessoa. A sua camiseta era moderna, não dizia nem “Machu Picchu” nem “Poder indígena”; tinha uma estampa abstrata parecida com a Via Láctea, bem legal. Na verdade, pensando bem, estava vestido de Matías.

Não sei se eu olhei demais para ele ou se o calor também o havia afetado, mas quinze minutos depois ele veio à minha mesa para dizer, pela enésima vez, que tínhamos que conversar. Eu disse que não queria falar com ele, mas ele insistiu e disse que era importante, porque o Matías e ele estavam envolvidos. Tanto insistiu que comecei a ficar nervosa. O povo olhava para a gente, e eu comecei a xingá-lo ainda de forma contida. Mas ele não se amedrontou. Pelo contrário. Instalou-se como uma estátua ao lado da minha mesa.

Essa situação, o calor e o mau humor nos levaram diretamente ao contato físico. Eu o empurrava delicadamente e ele empacava no mesmo lugar. Eu tratava de pegá-lo e ele de não ser pego, e assim medimos forças até que dei

um piti e a minha paciência estourou como um prato contra a parede. — Não saio daqui até que a gente converse — me disse o Marcelo enquanto se sentava na minha cadeira.

Normalmente, eu teria começado a chorar ao me sentir tão impotente. O seu ultimato era uma declaração de violência e de superioridade física. Era um ato machista. Ao se sentar, ele só me deixava duas opções: tirá-lo dali ou falar com ele — sabendo que eu não podia tirá-lo dali de jeito nenhum.

Esse abuso implícito me enlouqueceu de imediato (não por ele, mas porque desprezo todos os homens que se impõem pela força) e me obrigou a levantar a voz. Gritei que ele era insuportável, que não tínhamos nada em comum, que ele não tinha nada na cabeça. E depois joguei meia caneca de café com leite na camiseta dele. E não meia caneca qualquer, mas a minha caneca, a que aloja três baldes de café dentro.

O Marcelo parou, afastando a camiseta quente do corpo, aterrado, enquanto a minha chefe me chamava, estupefata, da porta do escritório. Pensei que me despediria, mas só me suspendeu. Disse a ela que o Marcelo tinha sido insistente demais comigo e que perdi o controle, e ela me disse para eu não voltar até a quinta-feira.

21 de dezembro, à noite

Marcelo me mandou um e-mail. Não sei se escreveu por vontade própria ou se a minha chefe o obrigou. A verdade é que não me interessa. Basicamente me pede desculpas e me diz que não vai voltar a falar comigo, mas que é para eu lembrar que fui eu que pedi isso.

22 de dezembro

Me chamam para ser madrinha (!??)

À noite eu fui (enganada) a uma festa de aniversário. E digo enganada porque acreditei que iria a uma reunião de adultos, e no final era o chá de bebê da Marisa.

Estavam os personagens de sempre: minha irmã e seu futuro marido, Marisa com Juan, alguns casais anônimos e dois amigos solteiros, um deles Willy, o maluco do celular. Para a minha sorte, toda a reunião girou em torno do bebê, e isso evitou que eu ficasse perto dos homens, que conversavam sobre negócios imaginários e mulheres bonitas em outro ponto da casa.

No canto das mulheres, por outro lado, o diálogo girava exclusivamente em volta do futuro rebento. Não sei se era o calor ou o vinho, mas nenhuma mãe parecia conseguir guardar seus conselhos para si mesma. Criticaram a Marisa pela escolha do obstetra e da clínica, sua aversão pelos calmantes e inclusive o nome do bebê. Com o sorriso mais gentil, disseram a ela que chamar a criança de Violeta era como dar-lhe o nome de “Castanha-Clara”, que Aurora era nome de velha e que, se não conseguisse um jardim de infância antes de parir, sua filha seria analfabeta.

Enquanto isso, eu me entretinha olhando as portas e pensando em como fazer para escapar cedo e evitar que a noite acabasse comigo no palco das solteiras (o banco traseiro do carro de um casal). Mas, enquanto eu nadava no meu próprio limbo, fui surpreendida por um beijo barulhento na bochecha. E outro. E outro. E outro mais. Tapinhas e beijos se juntavam ao redor do meu corpo sem explicação aparente.

As mulheres estavam tão efusivas que foi difícil entender o que acontecia entre tanto burburinho. Os homens, ao contrário, estavam jogados no sofá, com a pança exultante de peito de frango recheado e vinho tinto, soltando risadinhas canalhas, falando de secretárias de minissaia e empreendimentos medíocres de franquias estrangeiras.

Assim que o entusiasmo baixou a um nível aceitável, fiquei sabendo que a Marisa tinha dito que queria que o Willy, o maluquinho do celular, e eu fôssemos os padrinhos da sua filha. Acho que não preciso dizer que foi

impossível recusar a oferta. Já tinham me cumprimentado, e eu não podia devolver os beijos.

Não há nada pior para uma trintona celibatária que ser tia ou madrinha. O título de “madrinha” reforça o grau de solteirice. Cada vez que me mencionam com esse nome, me vejo mais sozinha, mais gorda, mais velha e mais solteira diante do espelho da vida.

23 de dezembro

Não vou ser madrinha

Hoje, quando voltei da casa da minha mãe, tinha três mensagens do Willy falando do presente, da cerimônia e de outros assuntos típicos de padrinhos entusiasmados. Me senti tão angustiada pela situação que decidi não prolongar a confusão por mais tempo e liguei para a Marisa para explicar que, mesmo me sentindo honrada pela sua proposta, ela tinha se equivocado: tinha que escolher alguém mais próximo, uma amiga da vida inteira, e que também não fosse tão radicalmente atéia como eu.

Pensei que ela ficaria ofendida, mas não fez nenhuma ceninha. Disse que tudo bem e me deu uma explicação estranhíssima e ferina, como todos os seus comentários.

– Sabe o que acontece? Quando alguém é mãe, já não consegue pensar só naquilo que quer... Não sei como te explicar, mas, como o filho vem em primeiro lugar, você tem que pensar no que é melhor para ele. E minhas amigas estão todas casadas, e as pessoas casadas têm seus filhos e seus problemas. A minha melhor amiga é a irmã do Juan, mas agora ela tem três meninos, então eu aprendi que sempre é melhor escolher uma amiga solteira, porque tem tempo para essa criança, vai cuidar dela como se fosse sua, porque não tem outra. Entende? E, ainda por cima, se você começa a sair com o Willy, ao serem os dois padrinhos, é mais difícil que se esqueçam. Eu não me

importaria que vocês se casassem, está tudo bem, porque sei que vão estar sempre aí...

24 de dezembro

Natal no escritório

Depois do Dia dos Namorados, o Natal é o dia mais deprimente do ano. Na verdade, qualquer data que inclua velas douradas ou gente fantasiada com roupas coloridas é deprimente. Os escritórios, longe de ser um refúgio, adotam os piores hábitos da cidade. Em vez de entrar no clima oferecendo champanhe e torrones, empenham-se em copiar os rituais mais bobos e redundantes: as luzinhas pisca-pisca, os enfeites de plástico coreano e a brincadeira de amigo secreto.

Como se isso fosse pouco, os chefes nos submetem a esse ritual de brindes com sidra barata e panetone sem fruta que todos esquecem em cima de computadores e mesas alheias. Não entendo qual é a intenção disso tudo. Que nos sintamos em um ambiente familiar? Que nos socializemos? Que acreditemos que são sensíveis? Se é tão óbvio que todos nos odiamos mutuamente! Não existe escritório sem fofocas e panelinhas! Mas o que se pode esperar de gente que te faz trabalhar meio período no dia 24 de dezembro sabendo que você não vai fazer absolutamente nada? O importante é que, com o pretexto engraçadinho de que eu sempre como duas sobremesas, Matías me trouxe a sua. Como devo interpretar isso? Amor? Amizade? Caridade? Reconciliação? Pena?

25 de dezembro

O meu Natal foi, como todos os anos, um pesadelo.

21:30. Cheguei à casa da minha mãe. Havia umas quinze pessoas, mais ou menos. Muita comida, muito sorriso falso, muita cortesia exagerada.

– Toma vinho, querida?
– Não, mãe, estou de regime.
– No Natal?
– É, mãe, no Natal.
– Mas você não pode fazer uma exceção?
– Não, fiz exceções a vida inteira, mãe.
– Mas uma tacinha, que mal vai fazer?
– Ninguém toma só uma tacinha, mãe.
– Mas essa dieta funciona? Quanto você perdeu, vamos ver...?
– Não sei, mãe, não me pesei.
– Então que raio de dieta é essa, que não te deixa tomar nem vinho e você não emagrece nada?

21:45. Minha mãe, como sempre, monopolizou a conversa a noite inteira:

– A Sílvia me odeia desde que éramos pequenas porque eu me casei com o seu pai e ela com o Ernesto. Depois virou uma bêbada. Antes não era assim. Foi depois que descobriu que seu marido era um pobre-diabo e que jamais teria um tostão...

23:00. Nessa hora, minha mãe já estava bêbada junto com a minha avó (que está senil) começou a contar uma porção de histórias íntimas. Quase todas começavam com “o seu pai” e tinham um alto conteúdo erótico. Eu e a minha irmã, aterrorizadas, colocamos música para não ter que escutar as suas anedotas sensuais, mas elas tanto se esforçaram que algumas confissões passaram entre uma música e outra.

Meia-noite. Minha avó me perguntou por que eu não tinha namorado às nove e meia, às dez para as dez, às dez e quinze, às dez e vinte, às onze, às onze e dez e à meia-noite em ponto, no meio do brinde. A última vez foi, sem dúvida, a melhor:

– Não brindei com o seu namorado, querida.
– Não tenho namorado, vó.
– Ah, claro, você não tem. É a outra que tem.

0:10. Meus primos, tios, mãe, irmã, cunhado, avó, conhecidos e os amigos recém-divorciados da minha mãe que não têm com quem passar o Natal me ofereceram torrone, amêndoas, pão doce, pralinas, figos e chocolate pelo menos duas vezes cada um. E, apesar de que em cada ocasião eu dissesse que não, não pararam de esticar a mãozinha carinhosa até o meu prato, até que, finalmente, misturaram vinho com salada de frutas e caíram desmaiados no sofá.

0:30. Abrimos os presentes. Tenho um vale para fazer limpeza de pele e massagens, uma carteira, uma camiseta, um colar horrível, sandálias pavorosas e o livro do novo horóscopo chinês, porque, segundo a minha prima, “este é o nosso ano”. (Minha prima é solteira. Sei que pareço paranóica, mas eu sabia que ela ia dizer isso.)

0:45. Encontro um torpedão do Willy, o maluquinho do celular, no qual me chama de madrinha. Já se nota que ninguém avisou a ele que já não somos família. Mas não me surpreendeu, ficará sabendo no batizado, quando outra mulher segurar a cabeça do bebê. A surpresa veio mais tarde, quando todos se acalmaram e consegui ler as mensagens. Havia duas declarações por erro de uns bêbados que felicitavam uma tal de Perla, uma mensagem de uma prima que queria falar com a minha avó, duas das minhas amigas e uma do Matías.

Hã, oi, sou eu, queria saber o que você estava fazendo... É isso, eu estou aqui... Queria saber o que você está fazendo. Sei lá, estou entediado... Não sei, queria dizer feliz Natal ou algo assim... Não sei. Ligo de novo? Você vai sair? Eu ia para uma festa de um pessoal, mas no final era dia 31, não vou. Tem lógica... né? Bom, estou cheio da minha tia... e da minha avó, hã... Me liga para me desejar boas festas ou algo assim. Ou, se você saiu, a gente se fala na quarta. Tchau.

1:00. Fiquei quase quarenta minutos ruminando, obsessiva, milhões de motivos para não ligar para ele. Me autoflagelei pensando que ele queria falar comigo porque estava entediado ou bêbado e não sabia para quem ligar.

Cheguei a pensar que ele tinha ligado para o número errado, mas, ao perceber isso, não tivera mais remédio a não ser gravar uma mensagem para dissimular seu patético erro de bêbado.

1:20. Pouco depois da uma e vinte da madrugada, quando vi a minha prima deprimida em um banquinho comendo sobras de veau thoné, reconheci que tinha o dever moral de ligar para ele. Que, se eu não fizesse isso, seria a única culpada do meu destino de solteirona. Assim que juntei coragem, me tranquei no escritório do meu pai e disquei. No começo, por causa da timidez e dos rastros da última briga, a conversa arrancou fria como um carro parado, mas, depois de um tempinho, voltamos à naturalidade de sempre. Fizemos um jogo ao qual demos o nome de “Supere isso”, que era mais ou menos assim: a gente dizia “Supere isso” e logo contava algo terrível, grotesco ou vergonhoso que a sua família tivesse feito. Por exemplo:

– Supere isso: a minha avó, que tem oitenta e dois anos, bateu na mesa porque tinha acabado o vinho, e o meu tio teve que ir comprar umas garrafinhas numa banca que vende fogos de artifício.

Contamos umas dez cada um, mas o Matías ganhou de longe com uma sobre o pão-durismo da sua mãe. Segundo contou, sua mãe ganhou um perfume de presente, e umas sobrinhas lhe pediram que pusesse um pouquinho no pescoço, mas, em vez de ela apertar duas ou três vezes o spray para deixá-las felizes, aproximou-se delas com o perfume e imitou o som do pulverizador com a boca, “tssssssssss, tssssssssssssssssssss”, para não desperdiçá-lo.

11:00. Acordei, vestida e babando, no quarto de serviço, com o som de uma mensagem de texto do Matías no meu celular:

Não me obrigue a passar o dia 25 com a minha família.

Eu lhe respondi em seguida:

O que você tem para oferecer? Tem que ser melhor que ficar na piscina com prima gorducha e cachorro histérico da minha avó. Claro, se não a convidam para um camping,

ela não aceita.

Você tá exagerando...

26 de dezembro

Matías perfeito

Dia 25 de dezembro, a data mais estranha do mundo para sair com um homem. Tudo tem cheiro de maionese, e o povo está verde por causa das frutas natalinas e do Alka Seltzer, os negócios fecham e a rua deserta coloca em evidência os cantos mais velhos e sujos da cidade.

Só por esse motivo já poderia dizer que sair com o Matías não foi grande coisa. Porque era um dia horrível para sair. Com ele ou com outro qualquer. Tomamos chá de ervas digestivas no único bar que estava aberto, uma dessas bodegas de espanhóis com garçons antiquados e escadas com corrimãos dourados. Nada do outro mundo. Mas pelo menos foi formalmente uma saída. Estivemos juntos. Não no metrô ou no trabalho, por obrigação. Juntos porque sim. Juntos por estar juntos.

Ficamos cerca de quatro horas sentados nos bancos do bar falando de qualquer coisa. Parecíamos dois pacientes em divãs fronteiros. Falamos de como foi difícil para ele terminar com a ex-namorada, e, já que estávamos falando disso, ele aproveitou para dar uma espécie de desculpa camuflada argumentando que, por algum motivo que desconhece, todas as suas relações terminavam assim, com um intruso saindo do nada para arruinar tudo.

– Não tem que ser sempre assim – disse eu, tratando de vender o meu peixe.

– Sempre é assim, não sei por quê – respondeu, taxativo.

Também falamos da minha avó e da sua obsessão com os namorados, da minha mãe e da sua obsessão com os namorados e das minhas amigas casadas, que têm obsessão em fazer com que os demais sejam namorados. E, enquanto tomávamos chá de ervas e eu monologava sobre quanto as minhas amizades tinham mudado depois do casamento e dos filhos, de repente, como se fôssemos crianças tímidas que se olham na escola, Matías me deu a mão,

frouxa e insegura, por baixo da mesa.

Não posso precisar muitos detalhes. Só posso dizer que me perguntou se queria mais chá, que rimos, que eu lhe disse que não, que pagamos, que fomos embora, que demos uns beijos na porta e que viemos para a minha casa com a desculpa de continuar tomando chá. O demais não tem palavras. Ou eu não sei colocá-las.

Apesar disso, tem uma parte da qual posso falar. À noite, quando já estávamos em casa muito entretidos, beijando-nos no meu sofá, minha mãe me ligou no celular e me perguntou onde eu estava. E bastou que lhe dissesse “em casa” para que tocasse a minha campainha. Como eu tinha deixado os presentes na casa dela e ela estava perto, tinha decidido dar uma passadinha no meu apartamento a caminho de um jantar.

Minha mãe deve ter sentido o cheiro de algo estranho, porque, pela primeira vez, não deixei que entrasse no apartamento e porque ainda estava com a roupa do jantar do dia 24. Eu sou famosa por colocar pijama e pantufas assim que cruzo a porta de casa. E ela sabe disso muito bem, porque vive me enchendo por causa desse hábito que ela considera “de gente relaxada”. Tantas vezes insistiu em entrar, tanto riu dos meus nervos, tanto esticou o pescoço de borracha para espiar e tanto disse que tinha que usar o banheiro que, finalmente, Matías se levantou e a cumprimentou com timidez de trás da mesinha de centro.

A cara da minha mãe foi algo que jamais vou esquecer, porque foi a mesma que Lex Luthor fez quando viu que o Superman estava vivo. Uma mistura de terror e assombro.

Deu muito trabalho refazer a noite depois da intrusão da minha mãe. As coisas ficaram incômodas. Como era de se prever, Matías me zoou durante uma hora estranha e complicada na qual todas as piadinhas giraram em torno da minha mãe. Mas por sorte, repito, mais tarde tudo se refez.

27 de dezembro

Ontem, Matías e eu dormimos em casa e nos esquecemos de colocar o despertador. Como consequência, chegamos ao escritório de mau humor, descabelados, meio sujos e dormindo em pé. Como era de se prever, Marcelo percebeu e me olhou o dia inteiro com uma cara de mãe decepcionada. E, mesmo sabendo que tinha a obrigação moral de não lhe prestar atenção, não pude evitar dar uns sorrisos exagerados de caricatura vingativa.

Não entendo por que ele se empenha em reprovar o que faço, quando é claríssimo que jamais vai acontecer nada entre nós. Não seria mais digno se me ignorasse? Ou que comprasse uma namorada no Leste Europeu, ou uma boneca inflável, e a levasse aos encontros do grupo de solteiros do escritório? O dia terminou com o Matías dizendo “te ligo” no metrô. Odeio essa frase. Todas a odiamos. Nunca se sabe quando é de verdade e quando não. Não importa a experiência nem os detalhes contextuais, um “te ligo” é sempre o mesmo mistério.

Por exemplo, agora é meia-noite e ele não ligou.

Voltei. Uma hora. Não ligou. E se não ligar mais? Vou dormir.

1:30. Acaba de ligar e vem para cá.

1:47. Veio. Acaba de tocar a campainha.

28 de dezembro

Minha mãe me ligou várias vezes. Me deixou cinco mensagens perguntando quem era o rapaz que tinha visto em casa (adoro que as pessoas mais velhas continuem deixando mensagens como se costumava fazer nas antigas secretárias eletrônicas, que eram ouvidas no alto-falante).

[illegible]

– Alô! Você está aí? Aqui é a mamãe, quero saber tudo, tenho direito, sou sua mãe, fico preocupada. Me liga!

– Eu de novo. Já sei que você escutou as mensagens porque antes não tinha mais lugar na sua caixa postal. Ele é um garoto de programa? É isso? É que agora todos são garotos de programa; não é com você, você não fez nada.

– Bom. Sou eu: mamãe. Me liga!

– Você está e não quer falar ou não está e não me escutou? Só quero saber isso.

29 de dezembro

Anteontem, Matías me propôs repetir a experiência do dia 25 e passarmos juntos o réveillon. Vamos a uma festa de uma amiga sua. Eu disse a ele que sim, exultante. Mas, enquanto falávamos, Marcelo me fazia que “não” com a cabeça. Ele quer morrer? Ele quer morrer.

31 de dezembro

Fim de ano!

Vou à festa. Coloquei um vestido curto que sobe um pouco, mas que fica legal. Espero não ficar nua enquanto danço. Ou não. Tudo bem, não dançarei.



Janeiro

Faltam 166 dias



1º de janeiro

Acabo de acordar. O sol derrete as janelas e o edifício está mudo. No chão do meu quarto tem roupa jogada, na mesinha descansa um envelope de aspirinas saqueado e na minha cama há duas pernas, dois pés e duas mãos que não são meus. Nem meus nem do Matías, na verdade. Ao meu lado está um corpo que ontem não estava.

Na noite do dia 31 o Matías passou para me buscar cedo, porque a festa ficava num bairro distante. Nem sequer sei onde era, porque por uns momentos só se viam a estrada e um campo infinito, cheio de nada. Lembro que quando chegamos estava anoitecendo, mas já havia muita gente, dentro e fora. Alguns inclusive já estavam bêbados, nadando vestidos, importunando solteiras interessantes ou rindo às gargalhadas com o seu grupo de amigos.

Apesar da quantidade de gente, assim que entramos, a dona da casa veio nos receber. Tivemos uma breve conversa e ela nos apresentou o seu namorado. Matías, por sua vez, me apresentou como Lucia e não esclareceu que tipo de relacionamento nos unia. Ela, que estava muito atenta, percebeu em seguida e perguntou (indiretamente, como se já soubesse) quanto tempo fazia que estávamos juntos. Matías não demorou em esclarecer que estávamos saindo fazia só uma semana, e eu sorri. Depois continuaram falando, mas não pude prestar atenção porque me distraí com outra coisa. De longe, entre toda a gente, como uma aparição fantasmagórica, Marcelo passeava com um drinque na mão. O *meu* Marcelo. Marcelo Ugly.

Fiquei parada durante alguns minutos como se tivesse visto um morto. Em silêncio, duvidando, toquei o braço do Matías e assinalei a silhueta do Marcelo, que circulava impune entre a multidão. Ante o meu estupor e posterior reclamação, Matías se matou de rir e disse que não sabia que ele estaria ali, mas que isso não era estranho, pois ele cantava num coral com a dona da casa. Fiquei horrorizada e me queixei de que ele deveria ter me advertido. De forma bem tranquila Matías me disse que já tinha feito isso, que tinha me dito várias vezes que uma amiga sua conhecia o Marcelo.

Previsivelmente, quando fiquei sozinha (Matías demorou mais de vinte minutos para pegar umas bebidas), Marcelo veio falar comigo. Me disse que esperava que eu não me incomodasse que ele estivesse ali, que era muito amigo da dona da casa. Eu disse a ele que não, que não me importava. Que se divertisse muito e que tivesse um feliz ano-novo, e sorri. Talvez fosse verdade. Talvez ele fosse muito amigo da dona. Talvez ele quisesse me advertir durante todo esse tempo.

Às dez da noite, eu e o Matías estávamos tão bêbados como todo mundo. Bebemos tudo o que havia na festa, dando voltas. Tudo. A tentação era irresistível, porque havia vários balcões, e em cada um preparavam algo diferente. À medida que a noite avançava, as imagens se tornavam mais borradas, mais estranhas, mais imprecisas. Como se eu estivesse adormecendo pouco a pouco e perdendo o contato com a realidade até cair em um sono profundo.

Para cúmulo dos males, tive a péssima ideia de colocar esse labiríntico vestido cinza de Lycra, com camadas irregulares, que só me caía bem quando eu estava parada e quieta. Era só começar a andar que ele se desarmava como cartas de baralho enfileiradas e me deixava de calcinha no meio da festa. De forma que, enquanto o Matías ia buscar bebida ou Coca-Cola para mim, eu ia correndo ao banheiro para acomodar essa peça de engenharia têxtil impossível de usar com dignidade

Matías, por sua vez, aproveitava as minhas fugidas ao banheiro para ir cumprimentar os conhecidos e conversar com amigos que não via fazia muito tempo. De quando em quando era impossível encontrá-lo porque havia gente demais, e os celulares não tinham sinal ou devolviam as mensagens de texto vinte minutos depois. Desse modo, cada vez que ele se afastava, eu ficava vinte minutos esperando por ele, vinte procurando por ele de novo e vinte tratando de recuperar o bom humor.

E foi numa dessas tantas vezes em que fui procurá-lo que o vi ao longe, nebuloso por causa da caipirinha, discutindo com a dona da casa. Ele a pegava pelo braço e gritava em voz baixa, e ela ria, de forma descontraída. E não sei bem o que foi: se de verdade existe a intuição feminina ou se é experiência acumulada, mas essa cena me fez lembrar o que ele havia me contado sobre a

ex-namorada.

Quando o Matías voltou, não aguentei mais de dois minutos antes de lhe perguntar quem na verdade era a dona da casa. E lhe adverti que não mentisse, que eu mesma, com esses dois olhos imprecisos de bêbada, o tinha visto discutindo de forma acalorada com a moça.

De modo que, um pouco por saturação, um pouco por obrigação, ele me disse a verdade. Ela era a sua ex.

A notícia me caiu como um piano na cabeça. Que tipo de homem te leva na casa da ex-namorada no encontro número cinco? E que tipo de pessoa nem sequer te avisa que esteve dez anos com a pessoa que está conversando com você? Serei, paradoxalmente, uma aposta? O contra-ataque de um despeitado? Por acaso ele não tinha dito que a sua ex-namorada era uma pessoa estranha e complicada de quem tinha que ficar bem longe? Então? Se tinha que ficar bem longe dela, o que estávamos fazendo ali?

Num dia normal, esse pensamento teria crescido na minha cabeça como uma trepadeira. Mas estávamos tão bêbados que eu nem mesmo podia seguir o sentido do meu ritual de autoflagelação. Nem mesmo me lembro do que pensava nesse momento. Só me lembro de pequenas cenas soltas, sem nexos.

Me lembro de que ficamos jogados no pasto, olhando a noite, mudos, durante muito tempo, de que ele fazia piadas sobre como voltaríamos nesse estado. Dizia que teríamos que suplicar ao Marcelo que nos levasse ou pedir moedas para pegar o ônibus número 15 e abandonar o carro na estrada. Me lembro também de que estávamos num sofá e uma garota nos falava, nos acariciava as mãos e nos dizia que éramos muito lindos. Me lembro de que falamos com ela durante muito tempo e lhe demos o apelido de “Mimosa”.

Me lembro também de brindarmos à meia-noite, de darmos muitos beijos no jardim e de sentirmos um cheiro horroroso, e de depois percebermos que havia um vômito enorme bem do nosso lado. Também me lembro de ver o Marcelo dando voltas, como se me vigiasse, como se estivesse esperando algo, pelos arbustos, pelos sofás da sala, atrás das portas. Me lembro de que o Matías me zoava porque o vestido ficava subindo e eu nem percebia, e ele tinha que baixá-lo de uma vez para que eu não ficasse nua no meio da festa. E me lembro, por último, da sua ex-namorada, a dona da casa, brigando com o

namorado aos gritos num corredor. Me lembro (que idiota!) do alívio que senti ao confirmar que ela era mesmo uma histérica, como Matías tinha dito.

E depois não me lembro de mais nada. Acordei horas mais tarde, dormindo no sofá. A primeira coisa que vi ao abrir os olhos foi o Marcelo, sentado com indiferença, a duas poltronas de distância. Olhei para ele, e a situação parecia tão estranha que senti um pouco de medo. Por isso, levantei rapidamente, baixe o vestido como pude e fui procurar o Matías. Não queria ficar perto do Marcelo por nada no mundo.

Procurei o Matías durante vinte minutos, até que me cansei. Ele não estava no jardim, nem na piscina, nem nos balcões, nem na cozinha. Liguei para o celular dele, mas não tinha sinal. Aproveitei então para ir ao banheiro de novo. Me encontrei com a Mimosa (a menina que nos acariciava as mãos no sofá) e conversamos na fila do banheiro. O vestido havia subido novamente, e eu parecia uma prostituta procurando alguém num hospital cheio de soldados desmaiados. Estava despenteada, tinha a maquiagem escorrida e a pele brilhante, os olhos vermelhos como os de um cachorro doente e os joelhos verdes de ficar deitada no pasto.

Morria de vontade de tomar água, de ir ao banheiro, lavar as mãos e o rosto e prender o cabelo. Com a Mimosa, fiquei esperando mais de dez minutos na porta do banheiro: quem quer que fosse que estivesse lá dentro, nem saía nem nos deixava entrar. Por isso, resolvi ir procurar outro banheiro no andar de cima para não continuar esperando.

Mimosa me indicou o banheiro e entramos juntas. Ou ao menos tentamos entrar. E digo “tentamos” porque, mesmo tendo aberto a porta, ficamos as duas ali paradas. Apesar de eu estar bêbada e zozza, jamais imaginei o que encontraria lá dentro. Nunca. Sempre pensei que nessa noite o Marcelo me esfaquearia e me jogaria numa vala porque eu era parecida com a sua mãe. Ou que eu brigaria com o Matías por alguma estupidez. Ou que quebraria o salto e o celular. Ou seja, todas as desgraças que me acontecem nas festas. Mas não *aquilo*. Aquilo inaugurava uma nova dimensão nas minhas tragédias cotidianas. Aquilo era um imprevisto sério. Aquilo era o fim.

Percebi que acontecia algo extraordinário pela cara da Mimosa, que ficou branca como a parede, e imediatamente entendi. Matías estava enroscado

como uma víbora no corpo da ex-namorada, beijando-a apaixonadamente. Quando me viu, pegou no rosto dela e a soltou. Suponho que esperava que eu o matasse. Eu também esperava a mesma coisa, mas não pude fazer nada. Só consegui sair correndo.

Eu sempre tinha acreditado que, num momento como esse, socaria, insultaria, jogaria para tudo quanto é lado as coisas que estivessem perto de mim. Mas, quando o momento chega, é muito diferente. Parada ali diante daquela ceninha particular, você se sente tão patética, tão tonta que a única coisa que quer é não aumentar esse sentimento. Você quer deixá-lo pequeno, fazê-lo desaparecer, transformá-lo em passado ou em mentira.

Suponho que por isso eu fui embora. Queria tirar essa imagem da cabeça como se tirasse massa do meio dos dedos, como se tirasse e jogasse no chão um agasalho quente demais, como se fosse um réptil que muda de pele na primavera. Queria fugir daquele banheiro, daquela casa e daquela semana inteira. Queria fugir de mim.

Quando desci, percebi que a minha profecia tinha se cumprido. Estava encalhada a centenas de quilômetros de casa, sozinha, com um telefone celular sem sinal e com uma nota de cem pesos na carteira que não servia para nada num lugar deserto. Eu não podia ir e, ao mesmo tempo, sentia que não podia ficar nem um minuto mais ali.

Tirei as sandálias e saí descalça por um caminho de terra. Lá fora começava a amanhecer, mas ainda estava escuro. Tentei dar dois passos, mas era difícil: a rua de terra estava cheia de cascalho, pedrinhas, vidros e ervas. Comecei a chorar de impotência. Nem sequer podia ir embora da festa. Estava presa, obrigada a ver como me humilhavam diante de todo mundo. Mas, quando pensei que já tinha atingido o fundo do poço, me lembrei de uma solução. A pior solução do mundo.

– Sei que é pedir demais. Sei que eu não mereço e tudo o que você me disser... tudo... sou tudo aquilo do que você quiser me chamar... – Tentei continuar, mas o Marcelo me interrompeu.

– Você os viu...

Não consegui responder, pela surpresa ou pela vergonha. Sentia que um telão se levantava na minha frente e que todos estavam me olhando do outro

lado.

– Bem... eu sabia que isso iria acontecer. Eu te disse, mas você não me escutou.

– Quando você me disse?

– É que não dá para escutar o que se diz debaixo d'água. E eu estava nadando debaixo de um café com leite. Talvez se você tivesse me jogado um submarino4...

O Marcelo me trouxe para casa em silêncio. Acho que o seu carro era o único na estrada. O dia clareava junto com a bebedeira, e, quando a minha cabeça começou a funcionar, passou a dar voltas ao redor do Matías. Fiquei quieta boa parte do caminho, mas depois não aguentei mais. Ele não disse nada, mas eu lhe fiz algumas perguntas.

Nunca tinha me sentido tão idiota. Vaidosamente idiota. Inocentemente idiota. Cegamente idiota. Me lembrei da minha raiva quando acreditei que ele tinha dito ao Matías que tínhamos saído. Me lembrei de que tinha pensado que era por despeito ou por amor não correspondido. Me lembrei da minha impaciência por sua insistência em falar. De como arrumei as coisas na minha cabeça para não ver todo o óbvio. De não ter perguntado nunca quem era o amigo em comum que eles tinham e de tudo o que o Matías tinha dito sobre as relações a três, as brigas com a ex-namorada, os intrusos e também os sinais que qualifiquei na minha cabeça como erro psicanalítico.

E me deu muita, muita vergonha pelo fato de a ficha não ter caído antes.

Quando cheguei em casa, desatei a chorar. Mas não pelo Matías. Por mim. Porque não podia acreditar que eu mesma tivesse me decepcionado dessa maneira.

Peguei as mensagens do celular, que finalmente tinha sinal. Havia felicitações da minha mãe, perguntando quem era o Matías (que pontaria, mãe!), das minhas amigas, do Rodrigo, meu ex, e várias do Matías, tão previsíveis, mentirosas e estúpidas como o pior clichê de uma novela. Apesar de já ser dia e de não ser a hora apropriada para dizer alguma coisa, decidi fazer uma última ligação.

Ou dar um último oi. E, em prantos, terminei aceitando um café às seis e meia da manhã.

Não sei se foi o álcool ou a vontade de que este ano começasse de outra forma, mas terminei dormindo entre as duas pernas, os dois braços e o corpo nu do meu próprio ex-namorado: Rodrigo.

2 de janeiro

Ontem, quando acordei, por um momento pensei que a noite anterior tinha sido um pesadelo. Mas, como os heróis que confirmam a sua aventura quando encontram um amuleto ou uma pena de dragão debaixo do travesseiro, eu soube que a minha tinha sido real porque Rodrigo roncava ao meu lado na minha cama.

A ressaca era tamanha que me arrastei até o banheiro como se tivesse correntes nas pernas. Me olhei no espelho e não parecia eu mesma; o pranto e a maquiagem escorrida tinham deformado meu rosto. O Rodrigo entrou, me deu um beijo na testa e começou a fazer xixi ao meu lado. Inclusive acho que bocejou e cantarolou uma música, como se eu não estivesse ali.

Apesar de saber que toda a noite anterior tinha sido um erro, as horas foram passando e não consegui expulsá-lo. Não sei se me deu vergonha ou se não quis ficar sozinha, mas o final do dia me surpreendeu com a mesma camisola, chorando baixinho na cama, enquanto ele via televisão, ria e gritava como uma besta e me incentivava a comer empanadas antes que esfriassem completamente.

Hoje, às nove da manhã, antes de ir para o escritório, lhe dei instruções precisas de que deixasse a chave atrás do vaso do hall ao sair. Mas quando voltei do trabalho ele ainda estava em casa, falando aos gritos pelo celular e comendo as minhas bolachinhas. Talvez eu tenha que ser mais explícita, mas me dá vergonha. Nunca fui boa para dizer o que penso. O meu papel é engolir, aguentar e começar a chorar de repente, sem explicação.

3 de janeiro

Preciso que me aconteça algo bom uma vez que seja

Preciso que me aconteça algo maravilhoso agora mesmo. Preciso que alguém se apaixone perdidamente por mim. Preciso ganhar na loteria. Preciso herdar uma mansão de uma tia distante. Preciso de uma promoção. Preciso que meu cabelo fique liso como por mágica.

Preciso que por uma vez, só uma vez, as coisas não sejam tão difíceis. Mas não preciso que me aconteça algo maravilhoso pelo fato maravilhoso em si. Preciso que me aconteça algo maravilhoso para voltar a acreditar que essas coisas podem acontecer comigo.

Existe um momento-chave na vida das solteiras crônicas como eu no qual começamos a aceitar que certas coisas só acontecem com as outras mulheres. Que o cara novo do escritório está sempre interessado em outra companheira. Que, se nos dão uma viagem de presente, é para vender-nos como prostitutas na Europa. Que, se herdamos uma casa, deve estar mal-assombrada e ter fantasmas escondidos no armário. E não estou me queixando nem posando de vítima. Longe disso. Não há pranto ou histeria. É uma certeza tranquila, uma espécie de resignação escrava.

Eu deveria ter previsto o que aconteceria com o Matías porque é inverossímil que algo tão bonito e tão original aconteça comigo. Já disse antes. Eu sou a que fica nua no meio da festa, a que descobre que o namorado sai com outra no Ano-Novo, a que fica fazendo um bolo durante dois dias inteiros para depois metê-lo na própria cara dois minutos antes de servi-lo. Eu sou uma tragédia.

Por desgraça, só o tempo vai poder provar toda a verdade que a minha teoria esconde. Se dentro de dez anos eu me casar, rendida e cinzenta, com o Rodrigo e tiver dois filhos sem graça, que vejam muita televisão e falem com a boca cheia, então é porque eu tinha razão. Se, pelo contrário, eu conhecer o amor da minha vida e ficarmos velhinhos juntos, é porque eu estava errada.

Talvez a minha mãe seja uma espécie de profeta. Depois de tudo, hoje, a sessenta dias da aposta e apesar de todos os meus esforços, estou vestida de preto, deprimida de novo e sozinha como sempre.

4 de janeiro

Quando voltei do escritório, uma surpresa me esperava em casa. Não era o Rodrigo de cueca, nem um ramalhete de flores de um admirador secreto, nem o imposto do lixo. Era o Matías, sentado com cara de cachorro abandonado na escadaria do meu prédio.

Como a última coisa que queria no mundo era falar com ele, aproveitei que outra pessoa saía para entrar rápido no hall, sem ter que tirar a chave da bolsa. Ele, por sua vez, tentou me puxar, mas não pôde fazer muito porque tinha gente olhando da calçada da frente.

Neste mesmo momento, enquanto escrevo, ele está lá embaixo. Faz meia hora que está tocando a campainha sem parar. Um toque longo a cada dois minutos. Um toque insistente, incômodo, doloroso. Estou indecisa. Não consigo escolher entre jogar um balde de água pela sacada, chamar a polícia e tomar um comprimido bem forte para dormir até amanhã.

5 de janeiro

Ontem não fiz nada do que disse que iria fazer: nem chamei a polícia, nem tomei o comprimido, nem achei um balde para encher. Mas também não descii para falar com o Matías. Pode-se dizer que o ouvi sem descer, ou algo parecido. Como tive que ameaçá-lo pelo interfone, ele aproveitou para se desculpar como pôde. E digo “como pôde” porque se ouviam palavras entrecortadas e aqueles ruídos de chuveiro de televisão sem sinal.

– Fzzzzzzzzzzzz já sei que fzzzzzz que fzzzz é a bebedeira fzzzz fzzzzz e que sou um fzzzzz e que você não vai me perdoar nunca, mas eu queria que você soubesse que fzzzzzz quis fazer isso. Não quis. Fiz porque fzzzz sabia em que ano estava, nem quem era, nem nada. Fzzzzz não a vejo mais, não bebo mais, fzzzzz o que você quiser, mas fzzzzz fale comigo, fffffzzz, fzzzzoportunidadedfzzzzz.

– Não. Não estou brava. Estou decepcionada. Comigo, não com você. É

óbvio que você precisa de uma enfermeira e eu não percebi.

– Fffffffffffffffffffffffffffffz não, não. Não é isso! Fzzzz de jeito nenhuzzzzzzzz.

– É, sim. Depois de estar com alguém por dez anos, você precisa de uma relação fácil que te cure. Uma garota que te faça feliz, que te devolva a fé. E eu não posso ser essa garota, porque essa garota é uma muleta para te ajudar a viver esse luto, a atravessar essa ponte na sua vida. E eu não quero ser enfermeira, Matías. Cure-se sozinho ou contrate uma temporária. Encha a cara, deixe mensagens para ela, transe com todo mundo. Cure-se como puder, mas não venha foder com a minha vida.

– Não, não é isso! Ffffffffffzzzzzzzzzzzz é como ffffffffffzzzzzzzzzzzz não é ffffffffffzzzzzzzzzz não me fzzzz interessa fffzzzz não a vejo mais, ela não é ninguém, não é importante.

– É tão importante que agora mesmo estamos falando de como ela não é importante, em vez de falar de quão importante eu sou.

– Nããããããããããããoooo fzzzzzzzz zzzzzzzzzzzzzzzzz zzzzzzzzzzzzz não fzzz não fffffffffffffff fffffffffffffff fffffffffffffz zzzz fffffzzzz fz fz fffffzzzz zzzzzzz fzzzzzzzz zzzzzzzzz.

– Vai chegar um dia em que, sem perceber, você vai deixar de ir às festas dela, vai deixar de falar das brigas com ela, vai deixar de dizer que ela não é ninguém, vai deixar de vê-la em outras mulheres. Vai deixá-la. Mas até esse dia você não pode ficar com ninguém. Então, vá para a cama, conte ex-namoradas e durma.

– Fzzzzzzzzzzzzzz não, não, não fffffffffffffz abre para mim ffffffz não fffffffffffffffffffffff ffffffffffz vamos falar fzzzzzz por favor fzzzzzzzzzzzzzzzz.

– Bom descanso.

Sei que ele continuou falando porque antes de desligar eu o escutei, mas não sei o que mais falou porque fui dormir. Hoje ele não foi ao escritório, e não vou vê-lo por quinze dias, porque começam as minhas férias. O Rodrigo, por sua vez, me deixou duas mensagens para saber se estou bem. Talvez eu ligue para ele. Todos precisamos de um enfermeiro de vez em quando.

7 de janeiro

Hoje começaram as minhas tristes férias proletárias na piscina da minha mãe. Entre os óculos escuros que uso para tapar as olheiras, a bebedeira tranquila que mantenho durante o dia inteiro e a voz rouca de tristeza, só me falta tropeçar, bêbada, para aprimorar o meu showzinho.

Hoje a minha mãe ficou em casa para me torturar com perguntas. A pior: quem era o Matías. A melhor: se eu vou fazer um discurso no casamento da minha irmã. Espero deixar de escutá-la lá pelo quinto drinque. Ainda faltam dois.

8 de janeiro

Por culpa de tudo o que eu tinha bebido, não percebi que o sol estava me queimando viva. Assim, hoje, além de cheia de olheiras e de ressaca, estou cor de vinho. Não posso nem mesmo rir porque a minha pele parece a pele de uma linguixa. Mas ao menos hoje a minha mãe não está. A última coisa que me faltava era ouvi-la dizer que a pele jamais se regenera e que vou parecer uma mulher de cinquenta aos trinta e dois.

Por outro lado, tenho que reconhecer que este período de desgraça tem seu lado bom. Cheguei ao fundo do poço mesmo. Como não tenho nada a perder, estou imune. Posso fazer qualquer coisa porque pior do que isso não vou ficar. Se alguém quer me machucar, chegou tarde. O que podem tentar? Partir meu coração? Me deixar na bancarrota? Detonar o meu rosto e me deixar deformada? Acabar com a minha autoestima?

E, como não posso cair mais baixo, decidi ouvir as minhas amigas. Vou mergulhar em cheio na terra de todos os tímidos, anormais, deslocados e obsessivos. Vou entrar no fantástico mundo dos encontros às cegas pela internet. Hoje mesmo, há vinte minutos, me inscrevi num site de encontros. Vou encontrar um namorado pela módica quantia de trinta e nove dólares, e sem sair de casa. Adeus, sandálias vermelhas e cabeleireira. A partir de hoje vou ter os meus primeiros encontros de pantufas, como sempre sonhei.

10 de janeiro

Se tenho que ser sincera, acima do meu sarcasmo, esperava algo melhor. Não sei o quê. Mas algo melhor, com certeza. Me dá a sensação de que na internet estão não só os entrevados e os deformados, mas também todos os piratas, os pobres e os burros. Mas não quero ser preconceituosa; afinal de contas, eu também estou na internet, não? Talvez não sejam analfabetos, talvez seja o teclado que confunde o “c” com o “s” e o “s” com o “z”.

Os primeiros dez e-mails que chegaram não prometem muito. Copio todos textualmente porque quero deixar registrados os erros de ortografia e as pitorescas expressões de galã frustrado (os nomes são meus, é claro):

1. Rulito, o bombom. Bom dia, como vai? Te escrevi vaurias vezes onti e entra uma resposta automática. Meu apelido é Bombom, cumé, tá afins ou não? Eu continuo interessado.

2. Eric, o escandi-nabo. Oi, meu nome é Eric, um nome escandinabo (sic) que significa “eroico” e não é esse um resumo da minha pessoa, claro. Meu trabalho está relacionado com a arte e o pensamento, já que estas palavras são bastante manuseadas por todos os meios, sejam políticos ou os instalados na estupidez maciça. Acho que um dos meus defeitos mais evidentes é a esperança, mas de qualquer forma vivo do meu trabalho. Me escreve se você gostar de mim.

3. Ricardo arrasa-corações. Oi, mulher, duas coisas, em primeiro lugar o que quer dizer (aqui um número ao lado do meu apelido)? Algum código ao estilo James Bond? Não quero ser preconceituoso nem discriminador, mas as mulheres com revólver... Enfim, não acredito na violência. Um amigo meu conheceu a sua última namorada enquanto passeava no bairro de Palermo, e em sua primeira noite de intimidade aconteceu que... passou por uma situação violenta! Bom, estou ansioso por saber como você é. Mande uma foto, se puder de corpo inteiro.

4. Nano, o do refúgio. Queria dizer que finalmente te encontrei mas devo seguir o meu caminho e ir batendo em cada porta do esquecimento na rua da amargura... Ninguém escutará os meus passos afastando-se de ti e ninguém me gritará para que eu fique... Enquanto isso vou te olhar com a minha boca que gritará em silêncio porque você já não escutará nada de mim. Mas tenho este refúgio mágico aqui, agora, em mim, e te convido para que fiques... Quem é você, mulher? Me conta, Nano.

5. Hugo, o profissional. Oi, antes de qualquer coisa te conto que o meu nome é Hugo e adoro o verde e a natureza, por isso já faz quase quatro anos que escolhi viver aqui. Apesar de parecer que é longe, só trinta minutos de viagem me separam do centro. Pratico muito esporte: tênis, golfe, natação, ginástica, caminhada, caratê. Sempre gostei. No mais, sou profissional, e a minha especialidade é dar assessoria a bancos. O que você gostaria de compartilhar? Como imagina a relação entre homem e mulher? Como funcionaria para você a relação de casal?

6. Ron Damon. OI, LINDA, SOU RAMÓN. TENHO CINQUENTA E CINCO ANOS, SEPARADO, TRÊS FILHOS, MORO NA CAPITAL FEDERAL, MILITAR APOSENTADO, GOSTO DA VIDA FAMILIAR, DE SAIR PARA CAMINHAR, PASSAR MUITOS MOMENTOS JUNTOS E CURTIR A VIDA. AS OUTRAS COISAS VOCÊ PODE ME PERGUNTAR. BEIJOS E CARINHOS.

7. Carlos de mãos dadas. Gostei do seu perfil e é a razão principal pela qual escrevo. Não sou um desses caras que se acham, e a deprê ficou com o meu psicólogo. Sou um cara com projetos que acredito que ainda posso desenvolver, sou honesto, odeio a mentira e a enganação, meço 1,80 m e devo estar com 4 ou 5 quilinhos a mais, resultado das saídas com os meus amigos. Nesta etapa da minha vida quero encontrar uma mulher com todas as letras que saiba me acompanhar e a qual eu possa acompanhar, em princípio como amiga e depois veremos. Eu gostaria de poder andar com ela de mãos dadas,

de compartilhar tudo, as boas coisas e as outras, e de apoiar-nos mutuamente. Em suma, alguém que seja a minha companheira pelo caminho da vida. Se o que eu mencionei te interessa, liga para mim, se não, lamento ter feito você perder tempo e ter perdido eu também, já que você não é a mulher que imaginei. Te mando um beijo. Carlos.

8. Sebastian, o bancário. Cada vez enfrento o dia como um desafio, entendo necessário construir um passo mais em direção ao sucesso, dele depende o resultado da minha gestão. A minha atividade na área de empresas em conflito pede criatividade, resolução imediata, confiando que o erro é só uma forma a mais de conhecer o adversário.....longas jornadas sem esperar reconhecimento.....eu mesmo me concedo esse reconhecimento.

9. Ezequiel do Robotech. Não posso acreditar que eu esteja fazendo isto. Não confio nada nestas coisas. Acho que sou interessante, gosto de cinema, ficção científica, passar bons momentos. Vivo na capital, tenho trinta e um anos, obviamente solteiro, a única mulher da minha casa é a minha gata Lynn Minmei. Se você quiser saber mais, tem o meu e-mail, me escreva e veremos o que podemos fazer.

10. Muito Diego. Oi estou procurando uma mulher muito muito muito linda com olhos verdes. será você a minha morenaça? se for me avise por favor. Diego.

11 de janeiro

Nem todas as notícias são ruins.

Hoje de manhã, o Marcelo me avisou que havia uma vaga livre de editor em outro andar, mas, para me candidatar, tinha que interromper as minhas férias para pegar um formulário no escritório. Por sorte, o Marcelo se ofereceu para levá-lo na saída do trabalho, para evitar um possível encontro com o Matías.

Quando tocou a campainha, saí com o meu drinque, o meu vestido de

praia e a minha cara de sono para atendê-lo, e o encontrei radiante. Usava uma roupa legal, um corte de cabelo moderno e uns tênis de couro muito parecidos com os do Matías. Mas isso não era tudo. Nem bem entrou e passou pelo meu lado, senti outra coisa, algo estranho que não tinha sentido antes. Um cheiro. Um vapor agradável.

Marcelo Ugly estava perfumado. E o perfume era bom. Não era uma colônia artesanal de sementes de toranja e farinha de mandioca.

– Você está melhor? Te liguei várias vezes para ver como você estava – quis saber.

Respondi encolhendo os ombros e mudei de assunto. Um pouco porque não sabia como estava e um pouco por curiosidade. Brincalhona, perguntei se ele tinha se perfumado para me ver, e ele ficou vermelho. Vermelhíssimo. Tanto que não conseguiu mais ficar na minha frente. Me deu o envelope apressado, me disse que o levasse na segunda-feira com duas fotos e foi embora correndo, nervoso, enquanto eu gritava que ele voltasse, que eu queria cheirá-lo.

Era sério. O perfume era gostoso.

12 de janeiro

Não consigo dormir tranquila

Hoje acordei às nove da manhã sobressaltada por um sonho. Eu estava na casa da minha mãe tomando sol e de repente sentia uma vontade perturbadora de fazer um sanduíche imenso. Então eu ia à cozinha, tirava do freezer uma baguete de meio metro, esperava que descongelasse e começava a enchê-la com uma quantidade arrepiante de frios, saladas e molhos.

Mas, quando eu estava a ponto de dar a primeira mordida pecaminosa, alguém me perguntava, indignado, o que eu estava fazendo.

Eu olhava para trás e na porta da cozinha estava parado o Adrián Cormillot, vestido com um *smoking* preto e penteado com gel como Clark Gable. Eu me olhava estupefata (porque não entendia o código de vestimenta do sonho) e descobria que, em vez de estar com uma camiseta imensa e um maiô sujo de bronzeador, usava um vestido de festa de lamê prateado. Parecia

a Cinderela, mas com um sanduíche de metro na mão. Confusa, começava a balbuciar explicações, mas Adrián Cormillot continuava me olhando com reprovação e me pedia que baixasse o sanduíche e o colocasse no balcão. E eu recusava! Dizia que defenderia o meu café da manhã com a minha vida, se fosse necessário!

Alertadas pelos gritos, chegaram à cozinha a minha mãe e a minha irmã. Minha mãe estava vestida de madrinha de casamento e minha irmã estava com seu vestido de noiva, com uma tiara de diamantes e um ramallete rococó de magnólias e rosas. Adrián Cormillot lhes explicava que queria me levar ao casamento, mas eu não queria soltar a baguete, e minha irmã começava a chorar e gritava que eu estava arruinando o seu casamento com os meus caprichos.

Eu tentava explicar que tinha preparado a baguete para comermos os quatro (que mentirosa!), e, como não acreditavam, começava a chorar desconsoladamente, até que o Adrián Cormillot, com paciência e ternura, me fazia sentar, me dava um copo d'água e jogava o sanduíche no lixo.

14 de janeiro

Hoje eu tinha que levar o formulário que o Marcelo tinha me trazido do escritório. Fui às seis para não cruzar com o Matías, que em geral vai embora às cinco e meia, mas no fim foi pior. Porque, apesar de eu não ter cruzado com o Matías, tive uma surpresa das boas. Assim que entrei no elevador, do meu lado, vermelha de vergonha e fazendo cara de distraída, estava a sua ex-namorada. A da festa.

Não posso explicar a angústia e a ira que senti ao vê-la. Estava fechada num elevador de dois metros com aquela mulher, e não havia nada que eu pudesse fazer. Tinha que ficar ali, respirando o mesmo ar que ela, olhando para o mesmo chão, jogando o joguinho das desconhecidas sem poder matá-la nem sair correndo.

O trajeto foi uma tortura. Entrava e saía gente em todos os andares, prolongando a agonia por cinco minutos que nunca terminavam. Era tão óbvio que ela estava indo buscar o Matías... Estava vestida para deslumbrar de

maneira casual. Seus sapatinhos diziam “encontro”. Seu vestidinho dizia “encontro”. Seu gloss dizia “encontro”. Eu não podia acreditar. Tinha se passado apenas uma semana e já estavam juntos de novo. Não que isso me surpreendesse; depois de tudo, claro que não podiam desgrudar um do outro. Mas uma semana? Tão rápido? E fácil assim? Se beijam no banheiro e já voltam? E ainda por cima ela vai buscá-lo no meu trabalho, no meu escritório, no meu território! Se mete aí como se todos fôssemos companheiros de escritório. Que cinismo, faça-me o favor! Nem sequer disfarçam e se encontram na próxima quadra. Nem sequer dizem que são amigos. Nem sequer se escondem em um banheiro de novo. Se encontram aí, como se não fosse nada, à vista de todos, na frente dos meus companheiros, na frente da minha chefe, na frente do Marcelo. Na minha frente. Não posso acreditar. Ou até posso. Não sei o que é que me estranha tanto. Era óbvio. Eu, a enfermeira. Ela, o amor da vida dele. Eu, a fracassada. Ela, a vencedora. Eu, a coadjuvante da novela. Ela, a protagonista.

Mas, assim que a porta do elevador se abriu, percebi que tinha errado de filme ou tinha entrado em outra sala. No corredor não havia nenhum galã, nem fogos de artifício, nem música incidental. Nem mesmo o Matías estava lá. Parado ali no meio, esperando, ansioso, havia outro pobre ator de comédia: Marcelo.

15 de janeiro

Ontem, depois de entregar o formulário, voltei com o ego tão detonado que a única coisa que queria era me enfiar na cama e dormir até o dia seguinte. Mas depois pensei que se eu dormisse, no dia seguinte, quando acordasse, me sentiria exatamente do mesmo jeito que hoje, só que mais solteira e mais deprimida.

Por isso, depois de pensar e repensar mil vezes e de procurar todas as desculpas possíveis, finalmente tomei coragem, entrei no site de encontros e respondi a alguns dos e-mails. Tenho que aproveitar as férias. Enquanto digitava, escutava ao fundo a minha mãe me sussurrando que não era uma boa

ideia, mas espantei-a como quem espanta uma mosca chata e escrevi algo que mais ou menos dizia meu nome, minha localização e minha idade, e para hoje já tinha vários projetos interessantes.

O primeiro com quem falei se chama Marco. Conversamos duas vezes pelo chat e uma por telefone, e em seguida aceitei sair com ele. Sei que nos falamos poucas vezes, mas não quero perder muito tempo escondida e iludida atrás de um computador sem saber se o outro tem um sorriso torto, cheiro de chulé ou fama de mulherengo.

Por enquanto, a única coisa que sei é que ele tem trinta e três anos, vive sozinho em Belgrano e trabalha na televisão, na área de produção de um jornal diário. Ainda não falamos do seu passado sentimental. Mas não vou me preocupar com isso agora. Talvez o veja e nem mesmo seja o meu tipo.

O segundo (com quem eu falei por chat, mas ainda não me propôs um encontro) tem trinta e seis anos, chama-se Oscar (sim, já sei, o nome mais feio do mundo depois de Omar) e tem uma livraria. Está um pouco amargurado por causa do avanço das novas redes de livrarias, e a verdade é que é um pouco reclamão. Mas parece interessante: além de ter uma livraria, coleciona livros raros ou de edições limitadas que depois vende na Europa. O lado mau? É divorciado e tem uma filha de sete anos, que vive no Uruguai com a mãe.

Me falta dar uma olhada nuns cinquenta e-mails, e a cada momento chegam mais mensagens. Estou descartando, por exemplo, os que têm vinte fotos no perfil (uma cozinhando, outra surfando, outra de viagem, outra com um cravo na mão como uma menina de quinze anos), os que dizem “quero curtir” de forma muito explícita (porque é óbvio que procuram sexo sem compromisso) e os que escrevem continhos de autoajuda (porque não os suporto).

A única coisa que procuro é alguém mais ou menos normal. Não tenho pretensões demais, e sim algumas expectativas. Apesar de tudo, tenho cinquenta para escolher.

16 de janeiro

Marco, o tiete

Eu teria que esperar passar a indignação para poder descrever o encontro de hoje com justiça, mas não quero. Estou tão irritada que não vou aguentar até amanhã. Se não puser em palavras tudo o que me aconteceu hoje à noite, não vou conseguir pregar o olho até amanhã.

Sei que já disse isso outras vezes, mas desta vez é mais verdadeiro do que nunca: tive o pior encontro da minha vida. Foi tão grave que eu deveria exigir a devolução do dinheiro que investi em sapatos novos, um banho de creme, brincos e o táxi de volta.

Marco passou para me buscar em casa às nove da noite. Não era feio, mas estava arrumado demais. Seu look era muito televisivo: a roupa tinha um corte estranho, ele estava despenteado de propósito com gel e seu bronzeado era de um alaranjado artificial. Apesar disso, deixei pra lá. A verdade é que tinha tanta vontade de que as coisas dessem certo que ignorei até os sinais mais óbvios de um desastre.

A primeira coisa que me chamou a atenção foi que ele me convidou para jantar na Costanera, um restaurante muito ao estilo Menen. As paredes, por exemplo, eram todas de vidro espelhado, como em alguns prédios do centro financeiro, e por certos detalhes da decoração parecia que em qualquer momento um showman dos anos 1980 sairia de algum dos banheiros. Notei que ele era *habitué*, porque assim que entramos olhou para todos os lados, mesa por mesa, escaneando todos os comensais e cumprimentando efusivamente. Mas também acabei deixando pra lá.

Começamos falando das férias. Ele me disse que desde que tinha começado a trabalhar na televisão tinha o hábito de ir uma semana a Mar del Plata e outra a Villa Carlos Paz. Contei a ele que para mim sempre tinha sido um mistério a Villa Carlos Paz, porque não entendia como tanta gente ia a um lugar que não tinha praia, nem mar, nem era uma grande cidade, mas ele me explicou que para os grandes amantes do teatro era imprescindível ver toda a temporada de verão em Córdoba e em “la Feliz” todos os anos (eu não entendi a que se referia com “amantes do teatro”, porque, até onde eu sabia,

em Villa Carlos Paz há teatros de revista escandalosos com ex-integrantes do *Big Brother* e contadores de piadas patéticos, mas, como eu não queria parecer preconceituosa, deixei passar de novo).

Depois falamos de séries, apesar de que, para dizer a verdade, tínhamos gostos muito diferentes, mas isso também não me pareceu muito importante. Ele me contou como começou a trabalhar na televisão, como gostava do que fazia, me fofocou quem era amante de quem, quem era uma estrela cheia de caprichos e quem levava para casa os patês do *catering* de filmagem.

Até esse momento, o encontro era regular puxando para ruim, mas, nada do outro mundo. Não existia aquela atração, mas seus comentários sobre certas atrizes e vedetes me faziam rir muito. Salvo por duas coisas que disse (“Digam o que quiserem, a apresentadora Fulana de Tal é uma estrela”, ou que tal vedete não era nenhuma ignorante e que era muito “trabalhadora”), apesar de ele não ser o meu tipo, eu não estava me sentindo mal. Mas esse bem-estar absurdo durou pouco. Na segunda metade do jantar, chegou outro cliente ao restaurante e começou um pesadelo em forma de comédia, da qual eu, pelo menos, não achei nenhuma graça.

– Quero mor-rer! – disse Marco, histérico.

– O quê?

– Não olhe – disse ele enquanto se abanava com as mãos.

E começou a espiar através de um canteiro cheio de plantas, como se eu não estivesse ali sentada, desconcertada, tentando encontrar a explicação de sua repentina felicidade de adolescente. Voltei a lhe perguntar, mas ele me fez sinal de que esperasse um segundo, enquanto olhava fixamente para a porta do restaurante. Virei para trás, mas não vi nada, salvo um grupo de pessoas falando com a recepcionista, que lhes mostrava uma mesa de seis na outra ponta.

– Laralaralarilááááááááá! – cantarolou ele.

Eu estava perplexa. Não tinha ideia do que estava acontecendo do meu lado e comecei a ficar de mau humor, de modo que ele não teve outro remédio a não ser explicar-me sem músicas nem adivinhações o que era que o deixava tão emocionado. O escândalo era porque em outra mesa estava o Arturo Puig⁶ com uma senhorita não identificada.

– E daí?

– E daí, nada. Eu já tenho um autógrafo dele, porque o esperei na saída de Grande pá7, mas faz mil anos, sabe? Mas é Arturo Puig, é um capo – me disse ele, muito excitado.

– Um *capo*...

– Olhe para ela. Olhe, olhe. Não! Não vire para trás! Não quero que vejam que olhamos para eles. Não quero.

– Mas eu não quero olhar para eles! – esclareci.

– Não pega nada bem pedir um autógrafo... Ou sim?... Pedimos?

– Não!

– Não seja azeda. Como você sabe se vai ter uma segunda oportunidade?
– ele me perguntou.

– Não me interessa ter o autógrafo de ninguém.

– Melhor, é melhor que não se note que te interessa – aconselhou ele, muito sério.

– A gente pode esquecer que o Arturo Puig está na outra mesa e voltar para o papo anterior?

– Claro, claro, me desculpe. É que no fundo eu sou um tiete. Ahahaha! Desculpe. É que eu vi Grande pá inteiro quando era pequeno. Isso me faz lembrar de toda uma época...

– Ahã, legal, mas já passou.

– Sim, sim, você viu Grande pá?

– Não sei, acho que sim – disse a ele para que parasse de encher.

– Dizem que María Leal é lésbica.

– Não me interessa.

– E a menininha, a vesga, parece que era retardada de verdade. Tratei de começar outro assunto, ainda que fosse só para terminar o jantar em paz, mas não teve jeito. A essa altura eu já sabia que não voltaria a vê-lo, mas não tinha coragem de me levantar, jogar o guardanapo na cabeça dele e ir chamar um táxi na rua. Deveria ter feito isso, porque nem mesmo conseguiríamos terminar a noite com dignidade.

– Você vai ficar muito brava se eu pedir um autógrafo?

– Quê?

– É um minuto, mas não sei, parece que agora me dá essa coisa e depois vou me arrepender.

– Se arrepender do quê?

– Me arrepender de ter deixado passar o momento. De não ter pedido por ser idiota, por timidez, sabe, essas coisas que a gente faz...

– Bom, se é o que você quer, o que eu posso fazer? – resmunguei.

– Maravilha, já venho.

E fiquei na mesa vendo Marco se humilhar. Pela risada, suponho que tenha feito alguma piadinha babaca, que tenha puxado o saco e que no fim, como quem não quer nada, tenha dado ao outro o cartão de visita para que o autografasse.

Já de novo na mesa, Marco me mostrou o seu troféu de forma orgulhosa: um cartão de visita assinado pelo Arturo Puig.

– O Arturo é o cara. Bom astral.

Olhei o cartão e sorri.

– Aqui está escrito Marcos.

– O quê?!?!?

– Ahahaha! Ele escreveu Marcos, com “s” de salame.

– Que babaca! Eu falei Marco. Falei direitinho. Marco, não Marcos. Que imbecil! Com certeza ele fez de propósito, o azedo. Que imbecil!

– Ahahahahaha! Desculpe, mas é muito engraçado.

– Tudo bem, já tinha mesmo o autógrafo dele antes – disse ele, fingindo que já tinha superado.

– Ahahahahhahahahaha!

– É o Arturo Puig, mas, se não está mais na televisão, por alguma razão deve ser.

– Talvez ele coloque sempre um “s” em todas as palavras.

– Que cara babaca! Eu falei Marco. E ele viu meu nome no cartão. Fez de propósito.

– Dever ser isso. Quis te foder.

– Não sei se foder, mas está ressentido porque não está mais na televisão.

– E, claro, se você não está na televisão, por alguma razão deve ser... –

Exato!

– Marco, me desculpe, mas acho que nós dois já percebemos que a coisa ficou meio esquisita. É melhor encerrar a noite por aqui e pronto. Você se importa de irmos embora e você me deixar em casa?

– É, na verdade, eu também não estou legal.

– Eu também não. Desculpe.

– Não, você não tem culpa. Foi esse tipo que ferrou o jantar.

17 de janeiro

Ontem tive a primeira entrevista para o cargo de editora. Cheguei cedo e comecei a ler uma revista, impaciente, enquanto fixava o olhar na porta de vidro que separava o trabalho dos meus sonhos da recepção. Um momento depois, Matías entrou na sala onde eu estava sentada, disse o seu nome para a recepcionista e ficou quieto, incomodado, na minha frente. Por seu olhar, tenho quase certeza de que não sabia que eu estava ali. E também não sabia que estávamos concorrendo pela mesma vaga.

Nos cumprimentamos com cortesia forçada e pegamos imediatamente uma revista, mas tanto demoraram para nos chamar que, por fim, ele se animou e falou depressa, desastrado, como se tivesse tirado uma rolha da boca:

– Não vamos nos falar mais? Vamos deixar as coisas assim?

– É.

– Como se não tivesse acontecido nada?

– Exatamente.

– E o que eu faço? Não te cumprimento mais?

– Por mim, não.

E justo nessa hora me chamaram para que eu entrasse.

17 de janeiro, quase sexta-feira l Oscarcito

Cheguei tão triste do meu encontro de hoje que nem sequer ia escrever. Queria colocar um pijama, fazer um chá e dormir até o ano que vem. Mas, ao

mesmo tempo, sinto que, se não escrever o que aconteceu, essa tristeza vai me devorar por dentro.

Oscar tem quase a minha idade, mas parece que tem oitenta anos. É grisalho, arrasta os pés ao andar, tem as costas corcundas como um arco-íris e, quando alguém pergunta como ele vai, responde: “Levando”.

Quando tinha acabado de chegar, a primeira coisa que fez foi tomar um chá amargo, pedir que regulassem o ar-condicionado porque estava com frio e dizer que gostava desse bar porque tinha cheiro de velho.

Começamos falando da sua ex-mulher e da sua filha. Segundo ele contou, assim que se casaram, montaram juntos uma livraria. O negócio faliu e ela voltou para o seu país, para viver com os pais. E levou a filha deles, obviamente. Então, ele vendeu o apartamento que tinha, montou uma nova livraria e agora estava falindo de novo, pouco a pouco.

Acho que disse “apartamentinho”, “chazinho” e “churrasquinho” várias vezes, coisa que me fez muito mal, porque imaginar um homem se arrastando num ambiente minúsculo, tomando chá de ervas e comendo um bifinho de pé na cozinha é algo muito perturbador.

Mas isso não foi nada. Quando nos sentimos mais íntimos, sem que eu perguntasse nada, começou a contar também histórias tristíssimas sobre a sua filha, que me deixaram com uma vontade imensa de cortar as veias com a colherinha do café.

– ... e ela me disse: “Papai, não vá embora, sou a única que não tem pai na escola”.

– Tadinha – comentei, com pena.

– E te juro que as lágrimas rolavam pelo meu rosto. O que você fala para uma criancinha que te diz algo assim?

– Claro.

– E ela me dizia: “Papai, paizinho, por favor... não vá embora”. Sabe quando as criancinhas têm o choro entrecortado, agônico, com soluços? “Pa... pai... por... fa... vor... eu... te... a... mo.” – Claro, entendo.

E a situação continuava a piorar. Mais tarde ele me contou uma história sobre um Natal em que não tinha dinheiro e deu um presente invisível para a filha, e leu para ela O pequeno príncipe. Juro que eu queria ver alguma beleza

desinteressada em seu relato, mas não podia. Queria mais era enchê-lo de porrada até a morte. Por acaso conto que o meu avô diabético pedia aos médicos que, por favor, não cortassem a perna dele? Ou que, aos oito anos, eu estava sozinha com a empregada doméstica e a minha cachorra Luna morreu nos meus braços? Que direito esse homem tem de ficar deprimindo uma desconhecida? Não é preciso ganhar a confiança e o apreço do outro antes de invadi-lo com problemas e complicações?

– E ações judiciais pra cá, ações judiciais pra lá. Vendi o apartamento, paguei os dois empregados e com o que restou montei esse localzinho, que não é ruim, mas, enfim, as pessoas não leem, e os que leem querem comprar um livrinho de trinta paus em doze prestações.

– Claro.

– E eu pago à vista... E você vai vendo como a grana voa. Cada vez que você ganha uns caraminguás nas festas, sobe o aluguel, sobe o rango... – Claro, os... caraminguás, o rango.

– Eu não comi nada, che. Tá a fim de ir comigo comer um sanduichinho? – Não, eu ia te dizer isso, para mim é meio tarde, tenho que ir andando.

– Já? Mas você vai ter que comer algo na sua casa, vamos comer um sanduichinho e continuamos com o papo.

– Não. Tenho mesmo que ir. Desculpe.

– Não, tudo bem, eu como um churrasquinho em casa, na verdade eu não como muito à noite, me faz mal.

– Imagino.

– É, não te contei, mas faz alguns anos que me operaram o ânus.

– Imagino.

– Não, te digo, é inimaginável. Mas na próxima vez te conto melhor, porque, se eu não te explico antes como o plano de saúde me ferrou, você não entende.

– Vou embora.

– Bom, vamos nos falando. Eu adorei te conhecer, che. Te dou uma ligada... Ou você me liga, pois não tenho crédito.

– Tchau.

Vim embora, peguei um táxi de quinze pesinhos, vim para casa e estou

tomando um chazinho enquanto choro um pouquinho por causa do drama do Oscar.

18 de janeiro

Fred cara de menina

Ao contrário do encontro do outro dia, o de hoje foi curtinho. Durou exatos vinte minutos.

Quando cheguei, Fred já estava no bar. Eu o reconheci pela roupa que disse que ia usar. Entrei, cumprimentei, sorri, mas coloquei uma cara péssima sem querer. Era horrível. Mas não um horrível universal. Horrível para mim. Tinha todas as qualidades que detesto num homem: magro, pequenininho, com cara de menina e pele rosadinha, e era elétrico ao caminhar.

Entretanto, não fui a única que fez cara de desilusão. Por essas coisas que só nós, mulheres, temos, embora ele não tenha dito nada, intuí que eu também não era o seu tipo. E, para não repetir a cena do dia anterior, decidi resolver a situação de forma adulta. Olhei para ele, neguei com a cabeça, fiz tsc-tsc e disse:

- Não vai dar.
- O quê?
- Você não é meu tipo.
- Você também não.

Ficamos quietos dois segundos, até que ele se decidiu:

- Te levo para casa?
- Beleza, me leva.

Tá bom, o cara é feio, mas pelo menos que me dê uma carona. Não?

19 de janeiro

Ezequiel do Robotech

Hoje eu falei com outro candidato, um dos primeiros que me escreveram: Ezequiel, o que tem a gata que se chama Lynn Minmei, como a personagem do Robotech. Parece um pouco melhor que os anteriores, pelo menos por telefone. Tem uma voz tranquila e fala pausado, como se se detivesse para pensar em cada palavra meticulosamente. Pelo que me contou, é webdesigner e faz apresentações de produtos.

É filho único, mora sozinho faz dez anos e teve três relações longas, mas nunca chegou a morar com ninguém.

Gosta de desenhos e jogos de computador (era previsível, já sei), cinema, literatura e ficção científica e dos filmes velhos de vampiros em branco e preto. Além disso, odeia os esportes, o sol e a vida ao ar livre, como eu. Pelo que eu percebi, é inseguro, um pouco medroso, introvertido. Diz “não sei” a cada duas orações e faz muitas perguntas retóricas.

Pelo que vi na sua foto, é alto, magro, moreno, branco, ossudo. Parece um cantor inglês.

Pelo que intuí, fala com a gata como se fosse uma pessoa, não sai muito na rua e odeia ir a lugares com muita gente.

E pelo que senti, está tudo bem. Acho que a gente vai se ver.

20 de janeiro

Férias na piscina da minha mãe

Se eu tivesse que escolher os dez piores momentos das férias que passei na piscina da minha mãe, o ranking seria algo assim:

10º lugar. Como tinha chegado à minha mãe sem tomar café, fiz duas torradas de pão integral e um café enorme. Me sentei com uma geléia light de

grapefruit e um requeijão desmoralizante para comer na mesa da sala. Fiquei lá sossegada até que a minha mãe, recém-levantada e de camisola, passou ao meu lado com o seu iogurte desnatado e o seu café e, olhando torto o meu pratinho, me disse:

– Mas que café tão generoso, querida! Você acaba de chegar da academia, imagino eu.

9º lugar. No outro dia, enquanto eu almoçava, ela passou, olhou o meu prato e foi para a cozinha. Cinco minutos depois, voltou com um tupperware vazio, me tirou um bife à milanesa de soja do prato (tinha dois) sem me dizer nada e o levou embora. Antes de ir, entretanto, deu um tapinha no meu ombro e me disse:

– Este nós guardamos para amanhã.

8º lugar. – Nos primeiros meses de casada e eu só podia pensar numa coisa. Me lembrava desse meu companheiro do colegial, o Peralta, sobre quem nós inventávamos milhões de histórias loucas porque ele morava com uma avó e ninguém sabia nada dos seus pais. Que idiotas! Tirávamos onda com a cara dele porque ele não tinha pais. Mas, enfim, quando somos meninas, somos sempre idiotas. Se eu soubesse então o que é uma sogra, jamais teria tirado onda com a cara dele.

7º lugar. – Solteiro é sinônimo de Édipo, de psicótico, de gago, de neurótico, de chato, de caipira e de viciado. É tudo a mesma coisa, Lulú. Você tem que procurar um viúvo ou um divorciado. Pode ser que ele tenha filhos, mas pelo menos você vai saber que algum dia ele foi amado por alguém.

6º lugar. – É muito simples. Antes de sair, preste atenção. Se te fala tomar um “cafezinho”, diga que está ocupada. “Cafezinho” é só gente que está na lona que diz, Lulú. Os que têm algum dinheiro falam “comer algo por aí”, e os que têm um bom salário dizem “jantar” ou “almoçar fora”.

– Ahã. – Até “comer algo por aí” aceite, porque também não tem que ser tão fresca; mas você não está para “cafezinho” ainda.

5º lugar. No primeiro dia de férias, cheguei à casa da minha mãe branquíssima. Então, para pegar uma cor rápida, coloquei um biquíni horrível, bem fuleiro, me untei de bronzeador FPS 4, me deitei bem deprimida numa espreguiçadeira e dormi. Duas horas depois, minha mãe veio até onde eu estava, jogou um spray autobronzeador na minha barriga, baixou os óculos de sol e disse, indignada:

– Faça-me o favor!

4º lugar. A minha mãe está contando como a sua amiga Sílvia é má e invejosa (elas competem desde que se conhecem, se acusam de copiar os cortes de cabelo e a roupa uma da outra e de comparar maridos), até que de repente digo a ela que quero ir pegar algo para beber e vou embora. Ela fica pensando por alguns segundos e me diz:

– Sabe o que te deixa tão gorda? É o pareô. Te deixa com a bunda amassada, parece um camisolão!

3º lugar. Terça-feira, três da tarde. Estou tomando sol semi-inconsciente ao lado da piscina. Minha mãe chega correndo, me sacode sobressaltada de felicidade, esvazia o meu vinho Gancia no chão e joga o copo (de vidro) contra as plantas do fundo, e, esbaforida pela agitação, me diz com um fio de voz:

– Rápido! Tape a bunda com o pareô e sorria porque o filho da Dorita chegou.

E volta correndo para dentro, mas antes de entrar em casa diz:

– Ele trouxe bombas de creme, mas nem pense em comer na frente dele!
– e faz um movimento de serrote. – Te corto a mão!

2º lugar. – Por um momento te achei mais magra, mas não, já passou. Era o sol.

1º lugar. Minha mãe entra na sala com uma garrafa vazia de vinho Gancia na mão e me repreende, indignada:

– Para ser bêbada, primeiro você tem que ser a Kate Moss. Isso é como

jeans de cintura baixa, não fica bem em qualquer uma.

21 de janeiro

Saí com o Ezequiel do Robotech

Ainda não posso acreditar no que aconteceu comigo. Nunca tinha acontecido nada igual. Nunca. Eu costumo ser uma pessoa respeitosa. Não sou malvada, nem grosseira. Pelo contrário, me importo muito com o que os outros pensam. Mas hoje não sei o que aconteceu comigo. O meu corpo se portou muito mal, e eu não pude fazer nada com relação a isso.

Como hoje de manhã eu tinha uma última entrevista de trabalho, fiquei à noite até muito tarde lendo notas sobre alguns temas que estavam relacionados com o cargo, e no final terminei supertarde e fui dormir quando já eram cinco da manhã.

Acordei às dez caindo de sono e fui à entrevista, que, entre uma coisa e outra, durou quase duas horas. Às duas da tarde eu já estava em casa, mas, como às quatro eu tinha um encontro com o Ezequiel do *Robotech*, para poder ficar acordada tomei uma Coca-Cola com cafiaspirinas, como no colegial. Uma má ideia, já sei.

Não é preciso esclarecer que duas horas depois estava mais acordada que nunca, mas horrível: tinha umas olheiras verdes e comatosas que se escondiam muito mal debaixo de uma maquiagem malfeita e realizada às pressas, bocejava a cada cinco minutos e ficava travada, sem dizer uma palavra, durante vários minutos.

Como não queria ir a um encontro nesse estado catastrófico, tratei de ligar para ele no celular para ver se podíamos passar o encontro para o dia seguinte, mas, para a minha desgraça, já era tarde demais. Ele estava a caminho.

A gente se encontrou na Recoleta, em um bar que eu adoro, e demorou mais de vinte minutos para a gente se reconhecer. Ezequiel é alto, magro, de cabelo escuro. Não tem nada estranho nem se parece a um desenho animado

oriental, mas tem algo de personagem. É extraordinariamente tranquilo e paciente. Fala pouco, de forma espaçada, e pensa muito nas respostas. No mesmo tom monocórdio, me contou como era o processo de fazer um site, me descreveu com riqueza de detalhes os seus últimos trabalhos (botão por botão, seção por seção, imagem por imagem), me falou da sua infância (que, pelo que parece, foi igual a duzentos milhões de outras infâncias) e, para me provar que eu era preconceituosa, me contou o argumento de várias séries de animê (mas eu continuo não gostando).

Gostaria de lembrar o que mais disse, que cara fez, o que eu respondi, mas não consigo. A última coisa de que me lembro é da sua voz ofendida e firme me dizendo algo parecido com isto:

– Acho que é melhor que você vá para a sua casa.

Acordei assim que ouvi essa frase, e percebi que tinha dormido na frente dele. Dormido. Na frente dele. A meio metro, no assento oposto do mesmo boxê, enquanto me falava de si mesmo. Profundamente adormecida. Inevitavelmente adormecida. Desrespeitosamente adormecida.

23 de janeiro

Depois de quinze dias de lamentáveis férias, hoje voltei a trabalhar. Durante toda a viagem de ida fui me lembrando do meu encontro de ontem, morta de vergonha, ensaiando explicações em voz alta no ônibus, como uma velha louca. Pensava em chegar e ligar de novo para o Ezequiel do Robotech, mas não consegui. Assim que coloquei o pé no escritório, me surgiram problemas mais graves, mais novos e mais urgentes, e as minhas desculpas tiveram que esperar.

Quando cheguei, cumprimentei alguns companheiros que me fizeram as perguntas tontas de rotina, me elogiaram pelo bronzado e me disseram coisas bestas que não vêm ao caso. Enquanto falavam comigo, aproveitei para espiar o que o Matías estava fazendo, mas a sua mesa estava vazia. Não havia nada. Nem uma pasta, nem uma xícara. Só o computador, desligado e frio, como se ninguém o tivesse tocado no dia anterior.

– Deram o trabalho para ele... e ele foi transferido para o décimo andar – disse o Marcelo atrás de mim.

Então me virei e vi que ele estava sentado no seu lugar, olhando-me com compaixão. Fiquei muda por alguns segundos. Não esperava ter notícias tão rápido. E menos ainda saídas da boca do Marcelo.

– Ah, ninguém me disse nada...

– Talvez ele quisesse te dizer pessoalmente.

– Não, ele não... não falo com ele. Mas ninguém me avisou que não me dariam a vaga.

– Na verdade, é só uma mudança de departamento. Nem aumentaram o salário dele, sabe?

– É, achei que eu era ideal para isso... Parece que não.

– Não era grande coisa. Além disso, melhor para todos que ele fique lá em cima e não aqui, né?

– É, é verdade. Acho que sim. Para todos.

– E outro dia você viu que veio...

– Não me conte nada, não quero saber nada da sua amiga.

24 de janeiro

Liguei para o Ezequiel meia dúzia de vezes durante o dia, mas ele não me ligou de volta. Finalmente, hoje de manhã, depois de muita insistência, parece que consegui amolecê-lo. Distante, acanhado, incomodado, me disse que tinha escutado as minhas mensagens, mas que só hoje a raiva tinha passado. Que, apesar da minha falta de educação, ele tinha gostado de mim e que, se essa não era a minha conduta habitual, podíamos tentar sair para almoçar.

Obviamente eu disse que sim, e ele sugeriu passar ao meio-dia pelo escritório para ir a um bar ali perto. Suponho que não queria marcar um grande encontro para evitar decepções e escolheu um lugar casual, de passagem, para eu estragar tudo de novo.

Ezequiel passou para me buscar logo depois. Fomos almoçar no bar de baixo, que é onde almoçamos quando não vamos ao refeitório. Um boteco

decadente, desses que têm cheiro de fritura. Ele come pouco e devagar (percebi comparando com a minha forma rápida e péssima de comer). Entre uma garfada e outra, conversa, descansa, olha para as pessoas. E eu sou o contrário: um porco que engole de maneira compulsiva e, de vez em quando, grunhe que quer mais pão ou maionese. Um horror.

Ele me trouxe vários CDs com filmes de que gosta. Disse que eram japoneses, mas não havia artes marciais nem colegiais de animê. Prometi vê-los para comentar na *próxima* vez e disse que sim.

O resto do almoço foi bem tranquilo. Não foi muito tempo, apenas uma hora e meia, porque eu tinha que voltar para o trabalho. Nos despedimos com um beijo e combinamos que ele me ligaria. Fez gracinhas porque dessa vez eu não dormi, mas não é tão engraçado como o Matías. De fato, ele não é engraçado. É na verdade sombrio, estranho e chato.

Quando estávamos saindo, entretanto, aconteceu algo que, mesmo sendo alheio a nós, fez com que o encontro ganhasse vários pontos a mais. Enquanto nós saíamos (ele me abria a porta e eu passava), outros entravam: Marcelo e a ex-namorada do Matías. Eu fiquei paralisada no meio da porta, e o Ezequiel me empurrou suavemente para que eu continuasse andando. É um bom sinal. O empurrão, claro.

25 de janeiro

Acabo de voltar do cineclube com o Ezequiel do Robotech. Ou sem o Ezequiel, na verdade, porque voltei sozinha. Ou, explicando melhor, eu entrei em casa e ele foi embora. Ao contrário do que eu tinha previsto, foi bem legal. Vimos dois capítulos de uma série bem estranha da década de 1970 sobre uns cientistas japoneses que encontravam um monstro assassino que vivia em um lago. Tinha os piores efeitos especiais do mundo. Os chineses estavam em uma nave que era igual a essas cozinhas de brinquedo de Taiwan, com botões de plástico e adesivos em forma de maçanetinha que não abriam nada, e o monstro era uma espécie de dinossauro de papel machê, todo duro, que quando ia dormir (sim, dormia como uma pessoa) não fechava os olhos

porque estavam pintados com guache.

A primeira coisa que me chamou a atenção foi que, assim que começou o filme, Ezequiel tirou dos bolsos milhares e milhares de doces (desde gominhas de eucalipto até chocolatinhos em forma de ursinho) e começou a comer um atrás do outro durante toda a sessão. Depois, conheci dois amigos dele, e me contaram que todas as terças ele faz a mesma coisa, e que ninguém sabe como ele não explode como uma bexiga cheia de colesterol.

A segunda coisa que me chamou a atenção foi que, quando a sessão terminou, Ezequiel me apresentou aos seus dois amigos e saímos para comer algo com eles, como se fôssemos velhos amigos. Eles se portavam como se fosse uma cena espontânea, mas eu suspeito que ele queria que os amigos lhe dissessem o que achavam de mim.

Por último, a terceira coisa que me chamou a atenção foi que, quando chegamos em casa de madrugada, Ezequiel se despediu e foi embora. E era o nosso terceiro encontro. É verdade que o nosso primeiro encontro fora muito ruim e que o segundo fora de apenas uma hora e meia em um bar horroroso, mas dessa vez eu conheci os amigos dele, fomos ao cinema e ele me acompanhou de volta para casa. Não é que eu esteja ansiosa, na verdade estou confusa. Não seria normal que ele fizesse alguma coisa? Não é verdade que as coisas dão certo na terceira vez? E se ele não está a fim, por exemplo, não se supõe que deveria parar de me ligar, mandar e-mails e me chamar para sair? Será que os amigos dele não gostaram de mim? Foi porque eu recusei os doces? Será vingança porque dormi na cara dele no primeiro encontro?

28 de janeiro

Ontem fui ao aniversário do meu futuro cunhado, futuro marido da minha irmã e futuro genro da minha mãe. Outros amigos também iriam (entre eles, a Marisa e o marido) para jantar algo informal na casa dele e terminar cedo, mas no fim a minha família começou a insistir nos jogos de mesa, e não pude ir embora até a uma da manhã.

– Lulú, você vem jogar com a mamãe e o papai, não vai jogar sozinha, querida.

– Não quero jogar. Não gosto dos jogos de mesa.

– E o que você vai ficar fazendo? Vai ficar sentada? Vem jogar, por favor. Você pode responder às perguntas de jornalistas. Tem de jornalistas? E a estúpida da Marisa, a amiga da minha irmã, também não aguentou ficar de boca fechada.

– Não seja boba, Lucia. Estar sozinha não é sinônimo de não poder se divertir! Joga com o Juan! – disse enquanto puxava o marido pelo braço e o levantava do sofá para jogá-lo em cima de mim – e eu jogo com a sua mãe!
– Não quero... Obrigada.

Mas ela insistiu em me emprestar o marido.

– Vai lá, eu o tenho todos os dias. Não me custa nada!

– Não quero, obrigada.

A estúpida da Marisa se levantou e me sentou à força ao lado do marido, sorrindo, orgulhosa da própria generosidade. (É preciso dizer que o marido dela é muito gato. Tão gato que ninguém entende o que ele está fazendo com ela, que parece um papagaio que grasna em vez de falar. Como pode um homem com uma mandíbula tão quadrada, olhos tão verdes e costas e braços tão enormes como o Juan estar casado com essa baranga?)

Contente com a ideia, Juan me deu uma piscadinha e avisou:

– Isso vai ser um assalto. Vamos ganhar de lavada.

– Isso nós vamos ver, gracinha – respondeu a idiota.

Não quero exagerar, mas, uma hora depois, a idiota, minha mãe e meu pai ainda não tinham respondido direito a uma pergunta sequer (inclusive discutiram durante dez minutos que “Caminante, no hay camino...” era um poema do Serrat). Minha mãe morria de rir das próprias burrices, e a imbecil da Marisa revirava os olhos, indignada, dizendo que sempre as mais difíceis caíam para eles, que assim não valia.

Mas não foi a única coisa que aconteceu durante essa hora. Não sei se o marido dela era tão lindo que me fez começar a ter alucinações, mas, por alguns instantes, sentia que ele apoiava a perna na minha. No começo, achei que era cortesia, como quando os primos mais velhos tiram as tias solteironas

para dançar em uma festa, mas depois confirmei que não era uma alucinação quando, ao passar, enquanto contava as casinhas e pedia que eu jogasse os dados porque eu era uma garota de sorte, pôs a mão morna sobre o meu joelho. Ele me soprou as mãos, eu sacudi os dados, joguei e tirei cinco. Exatamente do que precisávamos para responder à outra ficha.

E quando levantei a vista, feliz com a minha pontaria, também notei que a mulher dele nos olhava em silêncio, sem piscar. E como respondemos bem e tínhamos que jogar de novo, enquanto cochichávamos, aproveitou para intervir: – Ah, agora sou eu quem joga. Eu também trago sorte.

– Nem ferrando! Você é pé-frio. Sempre perde. Nem pensar – lhe disse o marido.

– Juan, não é verdade!

Mas o marido já estava falando comigo de novo:

– Se você tirar um doze, nunca mais vou poder jogar com outra pessoa. Agora são as perguntas de arte, que com certeza você também manja, e depois vamos para o centro e para a última.

Tirei um dez, mas ele me acariciou o braço para me consolar, o sacana. A idiota viu, franziu o nariz e se levantou para ir até a cozinha.

– Não quero mais jogar. Vou fazer um café, que já é supertarde – disse. Vinte minutos depois ela voltou com o café. Nós ainda estávamos retrocedendo, e não podíamos chegar às casinhas que tratavam de arte.

– Bom, tomamos um cafezinho e vamos embora.

– Ah, vai você, eu vou ganhar – disse o marido.

Um pouco incomodada e antecipando-me à briga conjugal iminente, levantei-me para pegar o adoçante na cozinha, mas, como não alcançava a prateleira superior, tive que pedir ajuda. Juan veio correndo para pegar e, ao fazer isso, apoiou todo o seu corpo contra o meu.

Quando saímos da cozinha, a mulher dele estava esperando com a bolsa debaixo do braço e pedindo desculpas porque estava muito cansada e queria ir embora imediatamente. Por sorte, Juan encolheu os ombros e começou a se despedir de todo mundo. Incomodada com a situação, resolvi ir ao banheiro, que ficava no fundo do corredor, para dar um tempo enquanto eles iam embora.

Esperei ali uns cinco ou seis minutos e depois saí, aliviada. Mas eles ainda não tinham ido embora. Enquanto a idiota se despedia de todo mundo e procurava a vasilha da torta, o marido da idiota, o pai de sua filha, o homem de sua vida, o bom moço inteligente costas largas do Juan, agarrou o meu rosto com as suas mãos enormes e úmidas e me deu um beijo. A três metros da mulher, com uma porta apenas entreaberta entre nós e o escândalo. Um beijo longo, dedicado e incorreto.

– Juaaaaaaaaaaaaan, vamos, porfavoooooooooooooooooor, estou com soooooooooooooooooo!

Ele passou a mão na minha bunda e foi embora correndo.

29 de janeiro

Hoje a minha irmã me ligou várias vezes. Me deixou algumas mensagens, mas a verdade é que eu não tinha vontade de falar de nada. Só queria voltar para casa, pedir comida pelo telefone e ver algum programa brega na televisão até dormir. Mas não deu certo. Ela insistiu tanto, mas tanto, que tive que atendê-la.

– Lu, você escutou a minha mensagem?

– Escutei, mas não deu para te ligar. Algum problema?

– Não, não sei. Ontem a Marisa me ligou de ressaca, diz que na semana que vem tem que organizar a revanche do jogo e quer que eu te avise. Aconteceu alguma coisa? Você chegou a dizer que ela respondia tudo errado? Alguém tirou onda com ela? A mamãe tirou uma onda, né? Eu não sei o que foi que ela disse, só notei que ela estava rindo. Mas não era para a Marisa ficar brava... É só um jogo. Eu acho que ela está mal com o Juan e está nervosa, e tudo é motivo para ela ficar mal. Você pode vir? Eu tenho que ir, ela me ligou

duas vezes ontem para falar disso. Coitada, também nunca foi muito inteligente, no colegial ela tinha muita dificuldade... E se nós formos e a deixarmos ganhar um pouco? Coitada, ela está supermal, me disse que dessa vez ela ganharia de você, que venceria em casa umas vinte vezes. Me deu pena. Podemos deixá-la ganhar?

– Você está de sacanagem?

– Não, não é isso, ela sempre foi assim. Sempre se sente inferior, se maltrata.

– Não por deixar ela ganhar, Iri, me refiro ao fato de ir. Eu não penso em ir. Você está louca?

– Pensei que você tinha se divertido. Você estava rolando de rir!

– Bom, esquece. Eu não vou.

– Ai, com certeza ela vai te ligar.

– Não dá meu telefone!

– Eu já dei ontem, ela disse que queria te dizer alguma coisa! Não sabia que era nada disso! Ela te ligou?

– Agora que você está falando, parece que sim.

30 de janeiro

Ontem, depois de muito tempo evitando o Matías, nos cruzamos na apresentação de um novo suplemento da editora. Como tinha gente perto, tratei de fazer que a conversa fosse o mais curta e cuidadosa possível. Dei os parabéns a ele pelo trabalho novo, e ele me contou rapidamente como estava indo. Me perguntou pelo trabalho velho, e eu contei o que já sabia com outras palavras. A fantasia de colegas de trabalho civilizados nos caiu superbem, até que ele decidiu ser sincero e estragar tudo.

– Te liguei várias vezes. Também tentei falar com você no escritório, mas você sempre está com alguém ou cruza com você no elevador.

– É, eu andei ocupada.

– É, eu vi.

– Ahã.

– Algum dia vamos ter que conversar de verdade.

- Tenho que ir embora, estão me esperando – e peguei a bolsa para sair.
- Em algum momento vamos ter que conversar. Fica aqui, a gente conversa agora e termina de uma vez com esse assunto.
- Não quero falar. Quero ir embora – insisti.
- É só falar.
- Não, não é só falar. Quando um vendedor de Bíblia bate na sua porta, você não pode deixá-lo entrar. Nunca. Porque, se você deixa, se você abre a porta só para dar uma olhada, ele termina te vendendo a Bíblia.
- Não entendo.
- Quero dizer que não é só falar. Em alguns casos, como com o vendedor de Bíblia, falar é só o começo.
- E então?
- Então nada... a única forma de que não te vendam uma Bíblia é não abrir a porta.



Fevereiro

Faltam 135 dias



3 de fevereiro

Ontem ao meio-dia fui almoçar com uma amiga e depois ela me levou a uma feira em Palermo. Eu detesto todas essas feiras. Todas essas roupinhas malfeitas, cheias de bolinhas e preguinhas verde-musgo de péssima qualidade, fico com vontade de chorar. Não sei o que ensinam para essas meninas na faculdade, mas queria que entendessem que, além de expressar o seu mundinho interior nos desenhos que fazem, a moda delas deveria fazer que nós, suas clientes, ficassemos mais bonitas e não mais feias.

O Ezequiel me ligou lá pelas três da tarde, e eu comecei a lhe contar sobre todas as barbaridades que estava vendo: casaquinho marrom e amarelo-esverdeado com peninhas aplicadas na manga, saia de tule com jeans, sandalinhas forradas com folhas secas. Fazendo um tipo espontâneo, ele me perguntou se eu queria ficar em Palermo e marcar de beber alguma coisa mais tarde. Eu disse que sim.

Quando chegou, eu estava falando com a minha irmã pelo celular. Ela insistia que a Marisa estava muito mal e que eu tinha que ir dar uma levatada no ânimo dela. Eu expliquei que não gostava dela, que não me interessava se ela se jogaria pela janela como uma louca, e ela me disse: “Pelo menos pense no Juan, de quem você gosta”. Mas eu disse que não. E desliguei.

O Ezequiel, que tinha escutado “se ela se jogaria pela janela como uma louca”, me perguntou se estava tudo bem, e fui obrigada a fazer a mesma coisa de sempre: mentir. Mas um pouco depois, enquanto o Ezequiel comentava a diferença entre o arroz yamani e o arroz moti, a Irina me ligou de novo para me pressionar.

Quando desliguei, a curiosidade do Ezequiel tinha aumentado perigosamente.

– Está acontecendo alguma coisa? Porque parece que sim.

Mas eu disse que não, e voltamos às comparações, agora entre alga nori e alga kombu.

O Ezequiel é tão minucioso e tranquilo para conversar que já não me

aborreço. Para uma pessoa nervosa, acelerada, desastrada, inquieta como eu, suas palavras são um calmante.

Mas nem mesmo a tranquilidade de suas palavras durou muito. Um tempinho depois, o celular tocou de novo, e dessa vez eu atendi furiosa.

– Linda...

– Quem é?

– O Juan.

– Pensei que era a minha irmã. Não posso falar, estou ocupada. Por favor, não me ligue mais.

Quando desliguei, percebi que seria muito difícil resumir tudo o que eu tinha dito antes numa explicação coerente para o Ezequiel. Se era verdade que estava tudo bem, por que eu estava tão alterada?

– Se você não quer me contar, beleza, mas está tudo bem?

E o celular começou a tocar de novo. E eu não atendi.

– Não vai atender?

– Não.

– Quer que a gente se encontre em outro momento?

Eu me senti realmente mal, porque sabia que, se dissesse que não, seria obrigada a lhe contar. E, se dissesse que sim, acabaria com tudo. De repente a minha vida parecia complicada e misteriosa, e a última coisa que eu queria era que ele pensasse coisas ruins de mim. Foi por isso que eu contei tudo. Tudo mesmo. Que a Marisa tinha me emprestado o marido, que ele tinha se insinuado de maneira pouco clara, que tinha me dado um beijo atrás da porta e que agora a mulher dele estava completamente louca, queria que eu fosse à casa dela para me fazer alguma coisa que, no mínimo, era me derrotar no jogo e, no máximo, me agarrar pelos cabelos.

Pensei que ele ficaria bravo ou me olharia como se eu fosse uma maluca. Mas nada mais distante disso. Começou a argumentar tranquilamente sobre as várias razões pelas quais eu tinha que ir jogar, e eu, que não pensava em ver nunca mais o casal diabólico, terminei ligando para a minha irmã para pedir o endereço da casa.

4 de fevereiro

Toquei a campainha, e a Marisa abriu a porta imediatamente. Tinha um sorriso vingativo e infantil que fazia com que se transformasse numa patética caricatura de dona de casa. Entretanto, não sorriu durante muito tempo. A minha chegada a deixou muda. Não por mim, claro. Porque ela estava me esperando.

– Marisa, Ezequiel. Ezequiel, Marisa.

O Ezequiel quase não falava, mas eu estava sumamente enternecida pela sua presença. Principalmente porque eu sei como odeia interagir com outras pessoas, e mais ainda com desconhecidos.

O meu plano era fazer tudo rápido. Jogaríamos umas duas horas, esmagaríamos esses bichos arrogantes e brutos e iríamos embora satisfeitos pela surra. Mas não deu. A noite se transformou num espetáculo estranho que nenhuma das duas (nem a Marisa nem eu) tinha planejado.

Enquanto eu o apresentava para todo mundo, Ezequiel os cumprimentava, mudo. Ezequiel, Irina. Ezequiel, Pedro. Ezequiel, Juan. Ezequiel, meu pai. E mais de um se surpreendeu e deu uma risadinha sacana, salvo a minha mãe, que se adiantou para falar:

– Nós já nos conhecemos, Lulú.

– Como?

– Sim, sim. Nos vimos na sua casa naquela vez, lembra?

– Não pode ser.

– Sim, querida. Você não nos apresentou. Ele estava no seu sofá, eu queria entrar, você não me deixou. Mas finalmente nos conhecemos.

E, enquanto se aproximava para dar um beijo nele, eu sentia que se ela dissesse mais duas palavras seria obrigada a desacordá-la quebrando um vaso de flores na nuca dela, por ser tão imbecil. Ezequiel estava incomodado, mas não esclareceu que não era ele, porque também nem sabia de quem estávamos falando. Eu tratei de mudar de assunto e de ir até a sala, mas minha mãe me puxou pelo cotovelo e me colocou a língua bífida na orelha:

– Não é garoto de programa, então! É bonito!

O Juan o cumprimentou como se nada fosse, e a Marisa olhava entre

indignada e surpreendida. Minha mãe e Irina não pararam de sorrir, como se tivessem que tratar muito bem o Ezequiel para que não fugisse de mim, e meu pai, como sempre, não via nada do que estava acontecendo.

– E como jogamos? Como da outra vez? – perguntou Juan.

– Humm, não, eu não a empresto – respondeu Ezequiel. Mas Juan não quis saber de nada. Então o Ezequiel tratou de interceder, mas sem sucesso.

– Sim, é fácil. Olha, você com a sua mulher, eu e a Lucía juntos, eles dois, eles dois e eles dois.

– É melhor que você jogue com a minha mulher e eu jogo com a Lucía, pois aí, sim, é uma revanche – insistiu o Juan.

– Não, o que acontece é que eu e a Lucía sempre jogamos juntos – mentiu Ezequiel.

– Mas, Juan, meu amor, é mais fácil fazermos como ele está dizendo. Além de jogarmos juntos, porque da outra vez não pudemos, por causa da Lucía...

– Sim, porque eu não tinha namorado. Você já disse isso mil vezes, Marisa.

– Bom, che, eu te empresto o meu marido e você diz isso...

– E eu te devolvi, quase sem usar. Quase como novo.

Eu e o Ezequiel demos risada. Era demais.

– Então como jogamos? – interveio o meu pai.

– Não sei, eu jogo com o meu marido.

– Eu jogo com o garoto novo e pronto, Lulú – intrometeu-se a minha mãe.

– Não, o “garoto novo” joga comigo. Você joga com o papai, o garoto velho.

– O garoto novo com a Lucía, eu com o Juan. Afinal de contas, é meu marido.

– E se jogarmos alguma coisa que seja individual? – propôs a minha irmã.

– Não, eu com o Juan – insistiu a Marisa.

– Não, é uma revanche! Será que você não entende?

– Bom, vamos jogar a revanche. O problema é que você não quer jogar com a sua mulher – disse o Ezequiel, de propósito.

– Porque da outra vez eu não joguei com a minha mulher!

– Ai, não está querendo perder – disse a minha mãe. – É só um jogo. Marisa, venha com a gente. Nós também respondemos tudo como o nariz.

– Eu não respondo tudo como o nariz.

– Responde, sim, e além disso você é pé-frio – disse a ela o marido, alterado.

– Você joga comigo!

Marisa pegou a ficha rosa (uns círculos pequenos como queijinhos nos quais vão sendo postos triangulinhos de acordo com o que você responde) e a colocou na saída.

– Somos cor-de-rosa – e olhou para o marido, furiosa.

– Nós somos amarelos?

Juan guardou a ficha da esposa e disse:

– Não. Eu sou amarelo com a Lucía.

– Juan, estou te avisando. Somos cor-de-rosa.

– Não somos nada, você e eu. Eu jogo com a Lucía.

Nesse momento a Marisa se encheu. Balançou os braços e com todas as suas forças jogou o tabuleiro para o ar, com ambas as mãos, enquanto gritava algo como “Aaaaaaaaaaaaaaarrrrrgghhhhhhhhhhhhhhh”, agudo como o ruído de mil alfinetes caindo no chão. A gente tapou a cara para se proteger das fichas voadoras, e o marido dela, incrédulo e quietinho, a viu ir para o quarto, chorando como uma louca. Irina começou a segui-la, mas Juan a deteve.

– Deixa, daqui a pouco passa – disse, esfregando as mãos. – E então? Como a gente joga?

5 de fevereiro

No domingo, quando saímos da casa da Marisa, passei a ver o Ezequiel como um desses cavaleiros que colocam a capa no chão para que você possa atravessar a poça d’água. Ele estava mais nervoso que eu, e acho que abriu a boca umas dez vezes durante a noite toda, mas atuou tão bem que eu tive

vontade de apertar as bochechas dele.

Por outro lado, o resultado não foi um sucesso completo. Eu continuo levando às reuniões uns namorados que não são realmente meus namorados e fazendo com que a minha mãe ainda tenha razão. Foi assim que comecei tudo isso, e, três meses depois, estou no mesmo lugar.

Vamos ser claros: se um cara te convida para jantar na casa dele e não rola nada, está tudo bem (ou mais ou menos). Mas, se você conhece os amigos dele, ele conhece a sua família e ainda não rola nada, a situação é claríssima: ele não está a fim de você. Não é preciso forçar a barra ou fazer nenhum teste para tentar demonstrar isso. Também não devemos ficar viajando para encontrar os motivos secretos. Ninguém é tão tímido, nem tão correto, nem tão vacilante.

É verdade que estamos saindo, mas nunca rolou nada. Não é estranho? Nem mesmo andamos de mãos dadas. Eu é que sou desesperada ou ele que é tímido demais? Posso considerá-lo um namorado potencial mesmo sem ter transado com ele? Não é algo mais parecido com uma amizade? E se ele está comigo só para provar que não é gay? Ou porque chegou virgem aos trinta? E se ainda está apaixonado pela ex-namorada e quer tirá-la da cabeça saindo comigo? E se não gosta de mim, mas está fazendo um superesforço para gostar? E se está comigo porque apostou algo com os amigos?

6 de fevereiro

Hoje eu cheguei ao escritório, fiz um café com leite enorme, deixei a minha salada na geladeira, cumprimentei todo mundo e me sentei para trabalhar. Ou, melhor dizendo, para pré-trabalhar. Porque a primeira coisa que faço todos os dias é ler alguns jornais, checar e-mails ou arrumar um pouquinho a mesa.

E, enquanto organizava um pouco a bagunça da minha mesa, achei aquilo. Dentro da minha gaveta estava um livro azul que não era meu. Pensei em levá-lo para a Gisela (com certeza alguém o havia colocado ali por engano e logo alguém procuraria por ele), mas na metade do caminho percebi que,

sim, era para mim. Era uma Bíblia, e, definitivamente, tinha sido deixada ali pelo Matías. Que convencido! Mas, ao mesmo tempo, que criativo...

7 de fevereiro

Hoje de manhã parou de funcionar o site da empresa onde trabalho. Me lembrei dos dias em que o professor faltava no colégio e a gente ficava na classe, sem fazer nada de nada, como os participantes do Big Brother. Graças à falta de trabalho e à espera indefinida, tive que interagir mais do que gostaria com o Marcelo, que, como é amigo de todo mundo, sempre sabe o que está acontecendo. Enquanto isso, o Matías falava com o novo chefe, me olhava e dava risadinhas idiotas de longe. Não as típicas risadinhas de alguém metido a galã, mas as de um adolescente que se acha. De fato, fiquei com tanta vergonha dos outros que fui obrigada a fazer sinais para que parasse, como uma mãe que repreende os filhos com a cara fechada e broncas veladas entre os dentes.

Enquanto falávamos do funcionamento normal do site, Marcelo percebeu o que estava acontecendo e me interrogou:

- Vocês estão...? Ele e você, quero dizer.
- Não, não. Ele só faz isso para me chatear.
- Ah. E te enche?
- Às vezes. E você?
- Eu?
- Você e... Como se chama a ex do Matías?
- Somos amigos.

Pouco tempo depois, Matías deixou de falar com o chefe e veio até a minha mesa para me chatear.

– Isso, sim, que eu não esperava – disse ele fazendo-se de engraçadinho. – Você e ele?

– Marcelo e eu? Ah, não posso te dizer... Mas nunca, nunca se sabe quem está com quem! Neste escritório tem uma surpresa atrás de cada porta. Você deveria saber melhor do que ninguém.

– Você nunca vai deixar de falar disso, né?

– Não. Mas você deveria estar contente. Pelo menos eu falo com você.

– Me fale o que você quer que eu faça e eu faço. Quer que me mude e troque de telefone? Quer que a traga aqui e a faça jurar que não liguei para ela de novo? Não vou falar mais com ela, nunca mais vou vê-la, vou convencê-la a casar com o Marcelo, vou vendê-la para um gigolô, vou passar em cima dela com o carro. Fale o que eu tenho que fazer e eu faço.

– Não quero nada. Quero que você me deixe em paz.

– Caraca! Te juro que é a última vez que eu te pergunto. Existe alguma chance de que um dia, por alguma razão, você me perdoe?

Engoli saliva, juntei coragem e disse a ele aquilo que eu gostaria de estar sentindo:

– Não.

9 de fevereiro

Ontem o Ezequiel veio aqui em casa comer uma pizza e ver um filme. E, de novo, não aconteceu nada. Enquanto víamos o filme, eu não podia deixar de pensar nisso. Em alguns momentos estava chateada (ele estava me fazendo perder uns dias valiosos!), em outros me angustiava muito (pela incerteza), em outros me sentia realmente mal (sou tão feia assim para que ele não queira transar comigo?) e em seguida pensava que ele era gay, idiota ou impotente e queria entrar no mundo dos maridos apócrifos pela minha mão obediente e generosa.

Fiquei assim quase a noite inteira, angustiada, enroscada, meditativa, até que chegou um momento em que não aguentei mais. Enquanto ele falava da orientação do meu apartamento ou de origami tradicional, comecei a me lembrar de uma festa da sétima série em que ninguém tinha me tirado para dançar e fiquei muito angustiada. E, alentada pela minha crescente paranoia, o consumo de cerveja e o calor residual do forno do apartamento, comecei a chorar.

Ainda que essa situação incerta e contraditória estivesse me deixando

nervosa já havia algum tempo, não estava chorando por isso naquele momento. Chorava por outra coisa. Longe de ser uma menininha insegura, eu tinha certeza de que ele não gostava de mim, e isso é um espinho cravado na autoestima de qualquer pessoa. Vocês podem dar o nome que quiser. Algumas mulheres escolhem chamar isso de timidez, outras dizem que é insegurança. Mas a realidade é outra: ele tinha tido mil oportunidades para fazer algo e tinha decidido não o fazer. Dar eu um beijo nele (que era o meu plano original) era uma missão suicida. Para que tentar beijar alguém que passou a noite na sua casa, conheceu a sua família, te apresentou para os amigos, te chamou para sair umas dez vezes e nunca encontrou uma ocasião para te beijar? Era uma loucura. Posso ser insegura, medrosa, até mesmo tonta, mas não posso negar a verdade.

Tudo isso, somado à pressão por encontrar alguém adequado e fazer as coisas benfeitas, finalmente explodiu na minha cara.

O Ezequiel, previsivelmente, ficou perplexo diante das minhas lágrimas.

– Mas o que aconteceu??

Eu tentava parar de chorar, porque sabia que estava pagando um mico. Mas não conseguia. A água saía por tudo quanto é lado como em uma enchente.

– Ei, ei, o que foi?

Ezequiel secou as minhas lágrimas com um guardanapo. Perguntou se eu queria contar o que estava acontecendo, mas obviamente eu disse a ele que não. Preferia estar morta a olhar na cara dele e confessar semelhante vergonha.

– Quer que eu vá para casa e te ligue amanhã?

– Não.

– Mas você está bem?

– Estou.

O meu cérebro trabalhava como um grupo de bombeiros tratando de controlar o acidente, mas não tinha jeito. A água se regenerava como em um milagre bíblico. E o meu rosto ficava cada vez mais molhado.

– Não quer me contar?

– Não.

– Acho que é melhor eu ir embora. Te ligo amanhã, e, se você tiver

vontade, me conta tudo.

– Ok.

Ele foi embora e eu me joguei na cama para sentir pena de mim, chorar e comer as beiradas da pizza, mas quinze minutos depois o telefone me tirou do meu monólogo interior.

– Você está melhor?

– Não.

E pensei que eu tinha que dizer tudo e depois mandá-lo à merda. Pelo menos ter esse mínimo de prazer de lhe dizer que eu sabia que ele era um anormal e que enfiasse o arroz *yamani* no rabo. E comecei:

– Olha, não sei que tipo de tara você tem. Mas, no meu mundinho, você convida alguém para sair dez vezes só se está a fim dessa pessoa. Primeiro, porque não faz sentido perder tempo e, segundo, porque não é legal encher o outro de expectativas, confundir, fazer com que os outros se sintam inseguros, estranhos, feios e idiotas.

E continuei jogando na cara dele suas mensagens contraditórias, seu comportamento esquisito e sua evidente e preocupante quantidade de tempo ocioso para foder com as outras pessoas. E, quando pensei que ele ia desligar, ele me disse:

– Vou aí agora te dar um beijo.

– Agora?

– É, vou, te dou um beijo e volto. Não tenho outra forma de consertar o que fiz. Fui eu que criei o problema, por isso você fica pensando esse monte de coisas. É minha culpa, por isso eu vou aí arrumar tudo.

– Como se você fosse um encanador com garantia...

– Não... Ou melhor, sim. Pense que é uma garantia pelo encontro frustrado. Foi você quem dormiu. Eu não te dei um beijo a tempo, então eu volto aí e te dou um.

– Não sei.

– Chego aí em quinze minutos. Ou vinte. Bom, mais ou menos.

E desligou.

Tive vinte minutos para tratar de melhorar um pouco a cara, tirar a caixa de pizza da cama, esconder as pantufas, organizar um pouco a sala. E quase

não deu tempo, porque, quando estava me penteando pela segunda vez (parecia a Pantera Cor-de-Rosa saindo da máquina de lavar roupa), Ezequiel tocou a campainha.

Nervosa, abri a porta para ele. Ele estava nervoso também.

– Que rápido!

Ele me deu um beijo. E outro, e outro. E aí a gente ficou uns dez minutos se beijando encostados na parede de tijolos do prédio, amassando uma pobre planta contra o porteiro eletrônico, com a rua deserta. Até que paramos, pegamos a planta (que já estava bem murchinha) e, antes que eu dissesse para ele subir ou que a gente subisse de forma natural, ele se adiantou e disse: – Bom, te ligo amanhã.

E eu fiquei estática, sem entender muito bem o que ele queria dizer com ligar amanhã. Mas entendi imediatamente quando me deu outro beijo, chamou um táxi na porta de casa e foi embora, sorrindo, como se tivéssemos passado uma noite apaixonante.

10 de fevereiro

Quero um Matías ou um Ezequiel?

Até agora eu tinha acreditado que estava escolhendo um homem. Como quando você escolhe carne ou frango em um jantar, corredor ou janela no ônibus, vinagre normal ou vinagre balsâmico na salada. Matías ou Ezequiel? O mau ou o bom? O divertido ou o sem graça? Quero um que me faça morrer de rir ou um que me abrace à noite? Preciso saber tudo o que vai rolar no relacionamento ou ir vivendo o dia a dia, sem saber aonde vou? Prefiro surpresa ou segurança? O que eu quero? Mas ontem a noite trouxe uma revelação. Ou, pensando melhor, duas. Essa decisão não tem nada a ver com escolher um homem; nem mesmo tem a ver com escolher um modelo de homem; tem a ver com uma mulher. Eu tenho que decidir o que quero para mim. Apesar de isso ter começado com uma aposta, será a aposta o que

realmente me move ou uma mera desculpa para reconhecer que quero estar com alguém? O que é que motiva essa procura? Estou procurando alguém para o casamento da minha irmã ou o amor da minha vida? Se o que procuro é alguém só para a festa, é simples: o Ezequiel é perfeito. Se o que procuro é o amor da minha vida, é mais fácil ainda: o Ezequiel é um grande companheiro, mas nunca vai ser o amor da minha vida.

Então, se eu defino o que estou procurando, escolher um homem é a parte mais simples. É algo que se define sozinho. Mas eu realmente estou escolhendo só um homem? Não estou, de alguma maneira, repetindo a mesma decisão que tomo cada vez que escolho a roupa de manhã ou um destino para as férias? Não é, acaso, uma dúvida universal, um clichê? Vou fazer a faculdade que mais me convém ou a de que eu gosto mais? Vou morar no bairro mais bonito ou no que está mais próximo? Prefiro uns sapatos bons e confortáveis ou uns saltões lindos de morrer?

Tenho que decidir que tipo de mulher eu sou. Se eu fosse a um programa de televisão para jogar por um milhão de dólares, eu seria aquela que pede para ir embora na quinta rodada, com cinquenta mil dólares seguros, ou a que continua arriscando até a última rodada para ganhar o prêmio maior? Sou das que ficam com a última carta ou das que voltam a pedir carta mesmo que possam passar de vinte e um? Sou das que vão até o fundo do mar ou das que só molham os pés?

11 de fevereiro

Desde a sexta-feira passada, falei duas vezes pelo telefone com o Ezequiel. Na primeira vez nós tentamos evitar o assunto dos beijos do encontro anterior, mas na segunda conversa já não foi tão fácil. O buraco que esse assunto tinha deixado era grande demais.

Tenho que tomar uma decisão. Ezequiel tem alguma coisa estranha. Ninguém apresenta você aos amigos e conhece a sua família quando ainda nem pegou na sua mão para atravessar a rua. Toda a sua conduta é misteriosa demais, entrecortada, indecifrável. Se eu decidir continuar vendo o Ezequiel,

serei eu a responsável exclusiva: estarei escolhendo me meter de verdade em uma relação que já começou mal.

E se, na verdade, o Ezequiel é um traumatizado e eu estou aqui enquanto a internet está cheia de solteiros aceitáveis que querem me conhecer? Para que eu insisto com um homem que não me convence muito, que não quer transar comigo e que nem mesmo quer falar sobre o assunto?

12 de fevereiro

Ontem, depois de muitas idas e vindas, não deu mais. Tentei de todo jeito me conter, mas a curiosidade fez a parte dela, e eu tive que perguntar ao Ezequiel por que, depois de tantos encontros e centenas de ligações, ainda não tinha tentado transar comigo. Um papelão, já sei. Mas eu tinha que saber. Por isso, liguei para ele.

– Nós saímos umas dez vezes, não? E, apesar de a gente ter se conhecido numa coisa dessas... de encontros, acho que esta relação, sem querer, está indo para outro lado. Não sei se por você ou por mim, tanto faz. Mas parece que, sem planejar, a gente acabou virando amigo. Eu faço com você a mesma coisa que faço com as minhas amigas. Vejo filmes, converso pelo telefone, saio para almoçar. Então, para mim, a gente é amigo. E eu, quando me inscrevi na página... de encontros, procurava outra coisa. Não sei se estou me explicando bem.

– É por causa do beijo?

– Sim e não. É tudo. É o tom das conversas, os e-mails, os beijos, os não beijos. Não é que eu tenha pressa, é que é... estranho demais. E não sei, nada é normal, tudo é estranho, e, com o tempo, a excentricidade acaba sendo uma chatice para todo mundo.

– É que eu não sou assim...

– Assim como?

– Assim muito sexual. Não sei, isso não me interessa tanto.

– Como?

– Ou seja, não é que eu não goste, mas me entedia um pouco. Não sei. Digamos que entre comer e fazer sexo, por exemplo, eu prefiro comer.

– Eu não falava de sexo necessariamente, mas agora entendo mais... – Mas não se assuste. Parece mais grave do que realmente é. Fico com preguiça, só isso.

– Não, não. Não estou assustada. Só estou aqui me lembrando.

– E?

– E nada. Agora eu entendo muitas coisas.

13 de fevereiro

Hoje o Matías deixou duas entradas para o cinema na minha mesa. São para o sábado à noite. Presumo que ele as tenha comprado antes de entrar no escritório ou que as tenha ganhado de alguém. A verdade é que não sei se me interessa. E tanto é verdade que fui devolvê-las imediatamente, para que ele não se confundisse. Mas, quando eu cheguei, me surpreendi. Ele estava me esperando risonho, em sua nova mesa, como se soubesse que eu iria devolvê-las.

Não pudemos conversar muito porque tinha muita gente. Como era previsível, eu tratei de lhe devolver as entradas, e ele disse que não. Me disse que, se eu não queria ir, que não fosse e pegou uma entrada da minha mão.

– Eu vou ficar te esperando – me disse, abanando-se com as entradas.

– Você vai esperar sentado a noite inteira – respondi enquanto ia embora.

14 de fevereiro

Ontem eu tive um sonho estranhíssimo de novo. Eu ia para a casa do Ezequiel com um saquinho cheio de doces dentro da bolsa, e na metade do caminho entra no ônibus o porco do cobrador para controlar os passes de ônibus (todos o chamam de porco ou só eu?). Assim que eu o vejo, começo a procurar o meu, mas, como não o encontro, tenho que esvaziar a bolsa no

banco ao meu lado. Tiro o saquinho de doces, o nécessaire com os cosméticos, o celular, as chaves, uma barrinha de cereais, um pote de creme para as mãos. Mas nesse momento o cobrador me para.

– Abra o saquinho, por favor – me diz, apontando para o saquinho de doces.

– O quê?

– Abra o saquinho.

Timidamente, abro o saquinho, e vemos os reluzentes embrulhinhos metalizados do chocolate, outra bolsinha transbordando de balas grudentas, guarda-chuvinhas, bananinhas, mentinhas e outras miniaturas escandalosamente engordativas.

Então o cobrador olha para o fundo do ônibus e grita:

– Adrián, venha! Acho que temos um problema!

Olho para o fundo do ônibus e o Adrián Cormillot, vestido de cobrador, está conferindo os passes. Vem até onde eu estou, olha o saquinho e me diz: – Você sabe muito bem que não pode comer essas coisas.

– Mas eu não estou no concurso da TV...

– O ônibus é propriedade do programa de televisão, de modo que, tecnicamente, você está participando, sim. O meu pai, Alberto Cormillot, tem alfajores, gelatinas, salgadinhos, ônibus, programas de televisão, um montão de coisas que você não sabe.

– Você tem que pagar quatro pesos e quarenta centavos por docinho – me diz o cobrador.

– Mas são milhões!

– Você não achou que eram tantos assim quando os comprou – me diz Adrián Cormillot.

Começo a procurar grana na bolsa, mas obviamente eu não tenho, e fico nervosa de novo, mais pelos doces que pelo dinheiro.

– E os doces?

– Nós teremos que confiscá-los.

– Não, por favor, eu vou a um encontro. Deixe ao menos as bananinhas.

– Não. São trezentos e sessenta pesos.

Pago a eles todo esse dinheiro (não sei como tinha essa grana toda

comigo) e eles levam os meus doces embora. Descem no ponto seguinte, e, assim que o ônibus sai, vejo que eles abrem um bombom e fico louca da vida. Enquanto o ônibus se afasta, abro a janela e grito:

– Corrupto! Vou te denunciar, Adrián!

E fui acordada pelo despertador do celular.

15 de fevereiro

Estou decidida. Não vou ao cinema.

15 de fevereiro, mais tarde

Entre ver televisão usando pantufas e ir ao cinema, fico com a televisão. Para sempre.

16 de fevereiro

Último dia para decidir se vou ao cinema.

18 de fevereiro

Me decido pelo Ezequiel

Depois de uma semana de ostracismo e masturbação mental feminina, resolvi deixar de me distrair com o xaveco furado do Matías e me concentrar no meu relacionamento com o Ezequiel. É verdade que tem algumas coisas que não funcionam direito e com as quais eu não concordo, mas nesse momento eu achei que era o melhor. Ou foi o que eu senti. Comecei a ter

saudade de seu afeto, sua estabilidade, seu companheirismo e, sobretudo, sua presença serena do outro lado do telefone. Acho que, mesmo sem assumir isso de maneira consciente, percebi que o melhor para mim era escolhê-lo.

Se eu tenho que ser sincera, nunca me passou pela cabeça que pudesse estar bravo. Pensei que interpretaria que eu tinha tido uma semana complicada, só isso. Que nós começaríamos de novo, que eu me comportaria direitinho, que esperaríamos o momento adequado para fazer sexo. (Nota mental: o sexo é tão importante assim? O que fazem os casais de oitenta anos? Se divorciam?) Mas eu estava errada. Estava tão entretida com o meu triângulo amoroso de novela que dei por certo que ele estaria esperando sentado. Entretanto, ontem, quando liguei para ele para fazer algo, tive uma surpresa daquelas.

– Eu te acordei? É, sou eu... É, eu também fiquei surpresa. Tenho que te ver. Tenho que falar com você.

Pensei em tudo o que eu lhe diria: que o sexo não era tão importante, que o importante era curtir quando estivéssemos juntos, que só me interessava estar com ele, que seria mais dedicada e atenciosa. Enfim, que a partir desse momento tudo seria perfeito.

Mas, assim que eu o cumprimentei na porta do bar, soube que havia problemas. Porque, em vez do beijinho costumeiro, ele apenas encostou o rosto na minha bochecha e desviou o olhar, como se a minha presença o incomodasse profundamente. E não quis me escutar. Me pediu que eu o escutasse.

A primeira coisa que fez foi resumir, como se eu fosse uma estranha, todas as etapas do nosso relacionamento. Me disse que sentia que eu não tinha lugar para ele na minha vida, que estava com ele por comodidade, que não me esforçava, que na metade dos dias estava de mau humor e que sempre estava às voltas com algum problema incrível. Que ele estava cansado. Não do relacionamento. Não de tentar fazer que desse certo. Me disse que estava cansado de mim.

Quando escutei isso, fiquei petrificada. Porque eu não tinha imaginado isso. Mas agora, ouvindo-o falar, aquilo parecia bastante lógico. A verdade é que eu estava concentrada demais nos meus problemas, nas minhas escolhas,

nas minhas dúvidas. E dei por certo que ele estaria ali até que eu me resolvesse.

Pedi perdão a ele, disse que havia sido uma época complicada para mim. E ele me disse que todas as épocas eram complicadas para mim. Que eu dominava, como ninguém, a arte do problema. Que sempre tinha uma dor de cabeça, um mal-entendido com uma conhecida ou um familiar, um rolo com uma amiga ou contas por resolver que me ocupavam quase o dia inteiro.

– E então?

– Não sei. Ou seja, eu me cansei. Você dormiu no nosso primeiro encontro. Entende?

– Mas eu já te expliquei isso.

– É, eu sei. Mas não é só isso. É tudo. Você dorme na minha cara, não me liga, não se importa de ficar sem me ver uma semana inteira, não me responde quando te deixo mensagens no celular...

– É, falando dessa forma, realmente parece muito ruim, mas eu também te mandei e-mails... e outras coisas. Só não me lembro agora.

– Não tem outras coisas. O que rola é que você não quer estar com ninguém... Mas acontece que a sua mãe, a sua irmã, a sua amiga querem que você esteja com alguém. Não sei, não sei. Não quero decidir coisas que não sei. A única coisa que eu posso te dizer é isso. Que esta semana foi demais para a minha cabeça. A minha paciência com você já acabou.

– E então?

– Então, nada. Acho que não tem sentido insistir...

– É uma vingança?

– Não. Não sou eu, é você.

– Ou os outros.

– Não, acredite, você é o problema.

A gente se despediu na rua, de uma maneira um pouco artificial. Eu estava aborrecida por tudo o que ele tinha dito, e ele, por ter tido que dizer coisas tão óbvias.

A verdade é que eu não me toquei de tudo isso, mas agora, enquanto estou escrevendo aqui, tudo parece muito previsível, muito lógico. Me sinto como nesses filmes de terror nos quais a protagonista olha fixamente para o

nada e um monstro aparece, de repente, por outro lado. Não me toquei. Não pensei. Ou não quis ver. A verdade é que eu não sei. Mas que problemão, que problemão...

19 de fevereiro

Ontem, quando cheguei ao escritório, encontrei a entrada do Matías, úmida e lânguida, sobre a minha mesa. Não havia nenhum jogo, nenhum duplo sentido, nenhuma graça. Só a entrada, como uma carta devolvida pelo correio ou um objeto malfeito. Só isso.

20 de fevereiro

De novo sozinha

Quando eu era virgem (o que durou muito tempo, porque fui virgem até os vinte e um), cada vez que subia num ônibus, ia ao shopping ou a qualquer lugar com muita gente da minha idade, eu me torturava pensando em quantas pessoas como as que estavam ali seriam virgens também. Seriam cinco ou dez? Aqueles dois carinhas de dezesseis anos seriam virgens? Será que eles sabiam que eu também era? Seríamos virgens só eu e a gordinha do canto? E a loirinha com cara de otária? Essa tinha que ser do meu clube!

Mais tarde, quando deixei de ser virgem, comecei a me autoflagelar com outros pensamentos maníacos relacionados sobretudo com a solidão. E eu ainda continuo fazendo isso. Gosto de entrar num lugar cheio de gente e pensar em quem parece estar sozinho e por quê. Às vezes o que me interessa é a estatística, às vezes o importante são os motivos, e às vezes fico encanada com alguma mulher em particular: essa baixinha estará casada? Aquela de microssaia terá namorado? Como pode ser? Aquele moreno será o marido da baixinha?

Quando estou numa loja de sapatos, só para exemplificar, gosto de

calcular a porcentagem de solteira com base em algumas impressões concretas. Está provando bota branca de salto altíssimo? Solteira. Mocassins de couro? Casada e com três filhos. Sandálias douradas com strass? Tem namorado e vão a um casamento. No supermercado faço algo parecido. Uma garrafa de uísque? Divorciada. Vinho tinto? Tem companhia. Vodca? Está sozinha. Ponche de sidra? Casada, tem dois bebês e a sogra mora na mesma casa.

Desde o domingo, voltei a estar sozinha. Como uma planta torcida que trataram de endireitar com um palito, mas que não conseguiu encontrar de novo a forma (nem a força) para se rebelar. E digo “voltei a estar sozinha” e não “estou sozinha”, porque “voltar a estar sozinha”, repito, é um estado muito diferente da solidão.

A solidão é confortável, pachorrenta, segura. Eu gosto de estar sozinha. Mas voltar a estar sozinha é outra coisa. É angustiante, diferente. Porque, quando alguém está sozinho, sente que a solidão é a norma. A rotina é trabalhar, ir para casa, sair com as amigas, voltar, trabalhar, ir para casa, sair para jantar com uma companheira do trabalho, voltar para casa. Conhecer alguém é, nesses casos, a exceção à norma, o evento extraordinário que chega para transformar a rotina, para alterar o *statu quo*.

Voltar a estar sozinha, em contrapartida, implica uma carência. Você perdeu algo. O estado normal era o anterior, e a novidade é essa falta. Desaparecem a expectativa, o objetivo, a ânsia. Já não olhamos para o celular esperando que alguém nos telefone, porque ninguém vai telefonar. Não esperamos passar para a próxima etapa de um relacionamento, nem que nos digam finalmente que nos amam, que nos apresentem para os pais ou proponham passar as férias juntos.

Já não existe nada que esperar, e ao mesmo tempo, paradoxalmente, tudo é espera.

Eu sei que existem muitas coisas divertidas para fazer, que a vida não é só estar com alguém. É verdade. Já sei. Mas as pessoas que estão sozinhas têm esse tipo de pensamento. Os que voltam a estar sozinhos, pelo contrário, se comportam como eu na loja de sapatos. Quando vemos as pessoas, não pensamos em diversão, nem em atividades, nem em interesses. Pensamos se estão sozinhas ou acompanhadas. E isso é assim até que nos esquecemos de

que estávamos com alguém e ficamos sozinhos de novo.

21 de fevereiro

Depois de um mês e meio evitando reuniões sobre o casamento da minha irmã, hoje já não tenho nenhuma desculpa para faltar. Não sei para que eu vou. Nada do que dizem me interessa, e elas sempre acham a minha opinião infantil.

Não sei se sou eu ou se estão todos loucos. Mas elas debatem com tanta seriedade a cor de umas fitinhas que às vezes me vejo argumentando a favor da cor branca como se isso realmente fosse importante.

Debate 1. Os melhores amigos dos meus pais estão divorciados e se odeiam. São, além disso, os padrinhos da minha irmã, e os dois ameaçaram, que se um vai, o outro não vai.

– Não existe motivo para preocupação. A Sílvia é uma tremenda bêbada, ainda mais agora. Eu faço tudo para que encham o copo dela de uísque várias vezes antes das dez, e pronto, acabou.

– Mas, mãe! Não quero que ela fique bêbada na minha festa!

– Não se preocupe. Daremos um jeito de enfiá-la na chapelaria ou algo assim.

Debate 2. Sem dúvida, o grande debate foi sobre quem se sentava com quem. Minha mãe me perguntou se o “rapaz novo” viria. Desesperada, menti. Disse que faltava muito ainda, mas que, provavelmente, viria. Espero que ela não se lembre da minha cara.

– Coloquemos nas piores mesas os mais humildes, que com certeza vão te presentear com coisinhas baratas. Você colocou coisinhas baratas na lista, não? Tem que colocar várias opções, porque, do contrário, se fazem de espertos e não compram nada de presente, com a desculpa de que são pobres. Não temos que dar essa chance a eles.

– Mãe, é superfeio isso que você está falando.

– Claro que não. A filha da Sílvia colocou o povo feio sentado no fundo,

para que os clientes do pai dela não se misturassem com eles. Segundo a Sílvia, usavam vestidos horrorosos. Eu não vi esse pessoal. Ela queria colocar uma cortina, mas o genro não deixou. Isso, sim, é horrível. Mas até dá para entender, porque o pai tem clientes importantes.

Debate 3. Tínhamos que procurar fotos de quando a Irina era pequena para um vídeo, mas a minha mãe não gostou de nenhuma, salvo as de quando tínhamos três anos. Como insistimos, ficou brava e disse que era melhor que a gente fizesse isso, então.

– A única coisa que digo é que não vejo necessidade de colocar aquelas fotos em que vocês estão gordas... É a única coisa.

– Não estamos gordas, mamãe, estamos com uns quilinhos a mais, e nem se nota.

– Mas como não se nota? Você mesma disse: quilos A MAIS, A MAIS!

– Mas são poucos! Não são cinquenta!

– Mas que necessidade você tem de fazer isso, se temos outras fotos em que vocês estão tão lindas?

– Mas não podemos colocar só as fotos até os onze anos, outra de um verão em que estávamos anoréxicas e pular para as de agora.

– Bom, as de agora eu colocaria. Vamos pôr as fotos até os onze anos e as desse verão, enchemos com umas fotos de gente da família em que você aparece de longe e colocamos alguma de agora, que você está divina, meu amor.

– Mas a ideia é colocar fotos desde que você nasceu até agora.

– Bom, vocês que tivessem pensado nisso antes. Entre comer e ser bonitas, vocês escolheram comer. De modo que agora não reclamem porque saem gordas nas fotos.

22 de fevereiro

Hoje, sexta, às cinco da tarde, o Marcelo Ugly me cravou um punhal no coração. Aproximou-se da minha mesa e, sem anestesia, argumentando preocupação por causa dos meus olhos de choro e das quatro cafiaspirinas que

tomei durante a manhã, me fez um convite:

– Oi, Lucía, hoje, na saída do trabalho, o grupo dos sozinhos daqui vai ao bar da frente para tomar alguma coisa. Você deveria vir. Vai te fazer bem um pouco de diversão.

Me sinto numa dessas comédias dos anos 1980, como Porky's ou A vingança dos nerds. Não quero ser do grupo “dos que estão sozinhos”. Quero estar entre os “solteiros e fabulosos” ou entre os “felizmente apaixonados”. E, apesar disso, não posso. Estou condenada ao gueto dos fracassados.

Enquanto o Marcelo me olhava esperando uma resposta, lembrei a minha situação: as minhas amigas estão todas casadas e não entendem a pressão que eu sinto. Não posso pedir que elas saiam comigo nem pedir que me apresentem alguém porque, se tivessem um solteiro decente à mão, teriam se casado com ele. Se elas têm alguém que está soltinho, é porque nenhuma delas quis ficar com ele. Também não vou frequentar de novo um site de encontros, porque a experiência anterior foi desastrosa. Sair sozinha para um bar ou discoteca está fora de discussão. E, como não faço cursos nem vou à faculdade, nem sou sócia de nenhum clube, a única forma de renovar o meu círculo social é o meu trabalho.

De modo que, pressionada por esse raciocínio defeituoso, aceitei ir ao bar com “o grupo dos que estão sozinhos”.

Antes de mais nada, quero dizer que “o grupo dos que estão sozinhos” é um grupo humano excelente. São gentis, generosos, gente de bom coração. Me trataram com muito carinho, e sou muito agradecida a eles pela gentileza de terem me convidado. Mas preciso dizer também que estão no fundo do poço. Mas no fundo do poço mesmo. A vida deles é como uma viagem num trem fantasma, cheia de sustos. Eu achava que estava mal, mas a minha rotina, comparada com a da vida da Graciela, da contabilidade, é um conto de fadas. Tanto é verdade que, depois de ouvi-la falar da mãe enquanto tomava dois gins-tônicas, pensei em pedir que a minha irmã me fizesse um juramento: se eu me transformasse numa solteirona assim, que ela me desse um tiro pelas costas, sem me perguntar nada.

O primeiro que me recebeu foi o Piñata.

– Bom, Lusssía, eu sou o Piñata, um prasser, ela é a Grasssiela, temos a

nossa cantora, que é a Xissela, o Marsselo, que você já conhecesse, Sssilvani, agora loiro – todos dão risada olhando para o cabelo dele –, e temosss váriosss que não vieram hoje, mas ssomosss muitossss. O que voossê quer beber?

O Piñata nos contou com riqueza de detalhes o último relacionamento que teve. Parece que conheceu uma artista da Venezuela em um chat e que conversaram durante seis meses pelo telefone. Disse ele que lhe mandou uma foto atualizada, mas ninguém acreditou nesse dado, já que a mulher, assim que botou o pé no aeroporto, fez uma cara de medo horrível e quis se hospedar num hotel. Nem é preciso falar que, três dias depois, ela disse que o pai estava com um problema de saúde, voltou para a Venezuela e nunca mais respondeu a um só e-mail.

A Graciela, por sua vez, não quer saber de homem nenhum. Diz que assim está ótima. Que pode ver o canal que quiser na televisão. Que, quando quer (citação textual) ir a uma confeitaria para tomar um cafezinho, vai sem problemas. Que, se não quer jantar, não janta. E um montão de solteirices que me deixaram boquiaberta. A ideia de que alguém tenha se adaptado de tal maneira à solidão a ponto de ser capaz de acreditar que não quer dormir acompanhado ou ter filhos para poder tomar cafezinho quando quiser me deixou pasma. Além disso, nem mesmo acredita que a sua relação anormal e simbiótica com a mãe de setenta e seis anos seja um problema.

– Eu tenho que ir andando, porque são duas horas e minha mãe é idosa – disse Graciela, ajeitando os óculos e a blusa.

– Fica aí, Grasssiela! Não sexa tonta, a ssua velha xá deve estar dormindo!

– Não posso, Ernesto... – Só a Graciela chama o Piñata de “Ernesto”. – Ela é assim, não dorme enquanto eu não chego.

– Mas, caramba, Grasssiela, ssomosss grandesss, liga pra ela do meu sssssselular!

– Piñata, deixa a Graciela ir tranquila! – disse o Marcelo.

– Ele não se chama “Piñata”! – insistiu ela, taxativa.

– Ele se apresenta como Piñata, che!

– Falando sério, meninos. Não posso.

– Mas se colocaram esse apelido nele no escritório... – disse eu,

horrorizada.

– Não, não. Ele é chamado de Piñata desde que era criança. Agora é gordo, mas, quando nasceu, pesava seis quilos e media quinze centímetros, e no colégio a coisa continuou. E, em vez de Pignataro, o chamam de Piñata8...

– Eu vou chamá-lo de Ernesto.

– Você é quem sabe, mas é um desperdício não chamar alguém de Piñata.

Por outro lado, o Silvani, do Marketing – que faz mechas no cabelo –, é um retardado mental. Está convencido de que é um excelente partido e que todas as mulheres querem se casar com ele, mas que não podem conquistá-lo. Não para de fazer piadinhas de duplo sentido para todas as mulheres que falam com ele, incluindo a Graciela, que o chama de grosso a cada três frases.

– Mas, Piñata, você pegou ou não pegou a mina?

– Eca, Sssilvani, não enche.

– Mas eu só estou perguntando se você pegou a mina, che!

– Você é um grosso, Silvani! – retrucou a Graciela.

– Talvez ele a tenha pegado no hotel!

– Ai, chega de grosseria, por favor. Vou embora.

– Caramba, você não dá risada com nada mesmo, hein? – disse o Silvani para a Graciela.

– Não, eu não vejo graça no humor de gente sem educação, o Silvani. Dá para brincar sem ser mal-educado.

Aproveitei a discussão para ir embora com a Graciela, dizendo que no dia seguinte eu teria que levantar cedo. Me avisaram, superempolgados, que na quarta-feira jogam boliche e que contam comigo. Mas, falando sério, prefiro voltar ao *site* de encontros.

23 de fevereiro

Minha irmã brigou com o noivo

Acaba de tocar o meu celular. Era a minha mãe, pela terceira vez hoje.

– Sou eu, a sua irmã brigou com o noivo outra vez. Está aqui comigo. Por que você não vem jantar e fala com ela? Eu não aguento mais.

– Mas o que aconteceu?

– Eu é que sei? Outra estupidez. Agora com as bebidas.

– Não entendo. Brigaram por causa dos drinques?

– Sei lá! Ela está chorando e gritando. Eu tomei duas aspirinas e comecei a me imaginar batendo nela para fazê-la calar a boca. Você sabe como é esse chorinho irritante que ela tem.

– Mãe, se concentra e me explica por que eles brigaram.

– Ele quer uísque e não sei o que mais, porque diz que ela escolheu tudo. E ela diz que ele vai deixá-la com vergonha diante dos amigos. Então ele diz que ela é uma controladora. E ela, que ele é um ordinário. E ele, que ela é uma fútil. Por que ela tem que se preocupar com essa ninharia? Ela deveria estar preocupada com o vestido que a mãe dele vai usar... E o pai, meu Deus do céu... E se usam roupa alugada? Com os problemas que existem, ficar preocupada por causa do uísque... Ainda por cima, ele não para de ligar. E ela não atende, mas não me deixa tirar o telefone do gancho porque quer saber quantas vezes ele ligou...

– Ok, ok.

– Seja boazinha, traz uma garrafinha de bebida e vem jantar. Você fala com ela, mas não diga que ela pode viver mesmo sem um homem, nem nada do gênero. Seja boazinha...

– Eu nunca falo nada!

– Você sabe muito bem do que eu estou falando, o teatrinho de como é maravilhoso ser solteira... Deus, ela continua chorando. Não aguento mais.

– Ela deve estar nervosa.

– Você... vai vir com aquele rapaz? – perguntou a minha mãe de repente.

– Com o Ezequiel?

– Ezequiel.

– Sim, claro. Por quê? Qual o motivo dessa pergunta? – disse, engolindo saliva.

– Nada, nada, só para saber. Não posso perguntar?

– Claro que você pode perguntar. Você precisa saber se vou com alguém para poder planejar, economizar e tudo isso. Se continuamos assim, a festa vai te custar o dobro.

- Por quê?
- Porque cada vez vamos somando mais convidados.
- Ah, sim.
- Por exemplo, o Ezequiel. Você não estava contando com ele, né? Com certeza você não contabilizou um acompanhante para mim.

23 de fevereiro, mais tarde

Minha irmã fez as pazes com o noivo

Por sorte, minha irmã fez as pazes com o noivo e parou de chorar. Parece que chamaram um ao outro de “fofinho”, “benzinho” e “bebezinho”, jogaram a culpa toda na assessora de casamento e deram o assunto por terminado. Apesar disso, para mim esse foi o começo de outro problema. Essa briga me fez notar que estava me esquecendo do objetivo mais importante do ano. Já passou a metade do tempo que eu tinha, e ainda não tenho ninguém para levar ao casamento.

24 de fevereiro

Como é difícil estar sozinha

Hoje eu estava comentando com uma amiga que está numa situação parecida com a minha como é difícil para algumas pessoas entenderem de verdade como é a minha vida. Muita gente me dá conselhos que eu valorizo muito, mas poucos sabem como é ser solteira com trinta anos. Como é ter cem encontros ruins, um atrás do outro, desafiando todas as estatísticas e as teorias amorosas do mundo. Como é sofrer por um cara diferente a cada três meses. Como é descobrir que o candidato em questão sempre acaba sendo um bicho estranho ou um bosta, não importando quantas vezes você já tomou na

cabeça. Como é ouvir todo mundo dizer “o cara certo vai chegar” e saber que nunca chega. Como é quando dizem em todas as conversas que o seu problema é que você é muito fresca, que nunca se entrega, que tem autoconfiança demais, que é desconfiada ou que sempre escolhe mal.

A verdade é que ser solteira não é tão grave. O grave é todo o resto. É o olhar de pena das outras mulheres, são as promoções do cinema de 2 x 1, são as propagandas de xampu com o casal perfeito. É viver aqui, neste mundo, sob a sombra cinzenta do casamento e da família típica. Sob o olhar de uma sociedade que está o tempo todo me dizendo que não estou colaborando com a espécie. Que não estou me reproduzindo.

O melhor seria que alguém me explicasse como é que “o cara certo vai chegar”. Como é que vai ser? Quando? É o galã número 102? O 167? O 256? E como sei se nesse momento ainda vou estar inteira? E se quando ele chegar eu tiver me transformado numa velha cínica e amargurada e não puder vê-lo? E se quando ele chegar eu já tiver me conformado com outro por medo de ficar sozinha? Talvez esse “vai chegar” queira dizer isso, que deixemos de procurar alguém que nos faça sentir completas e nos contentemos com o menos pior.

Eu sei que a minha solteirice tem mais a ver com os meus problemas do que com os problemas dos homens. Sei que escolho homens que não podem gostar de mim ou que não estão disponíveis porque, no fundo, algo que me assusta muito é terminar como as minhas amigas: achando que é verdade que o marido dorme no escritório porque é muito tarde para voltar para casa. Então, antes de estar nessa situação (casada com um cara que ferra a minha vida enquanto eu troco fraldas e limpo a casa), antes de ter que escolher entre me divorciar e me fazer de idiota, antes que me machuquem, antes que me desiludam, detonem a minha escassa juventude e me deixem amargurada para o resto da vida, escolho todos aqueles que não querem nem podem ter um relacionamento comigo.

Dessa forma, me sinto cômoda e protegida nesse limbo de solteirice. Não sou feliz, é verdade. Mas, pelo menos, ninguém me machuca de verdade.

25 de fevereiro

Quando cheguei ao escritório, cruzei com o Matías no elevador. É estranho não olhar para uma pessoa que você conhece de maneira tão íntima, tão pessoal. Como pode ser que alguém que acordou babando no seu travesseiro num domingo na sua casa ou que viu partes do seu corpo que você nunca chegou a ver de repente se transforme em um desconhecido?

Quando abri o meu computador, fui diretamente olhar os e-mails. Só havia umas mensagens em PowerPoint enviadas pelo Piñata e uns relatórios que nunca pedi. Então eu deletei tudo e continuei com os meus afazeres. Só que mais tarde chegaram outros oito e-mails. De todos os tipos. Tirando aqueles pedindo dinheiro para operar um menino de Uganda, chegou de tudo: piadas de espanhóis, frases inspiradoras, um conto do Paulo Coelho e um jogo para ver quem trabalha mais no escritório. E em todos, claro, há algo como “Não sssou de mandar essssasss coissssasss mas essste é muito engrassado”.

Pensei que, se fosse o caso, poderia bloquear o Piñata entre os meus contatos e pronto. Ele nunca ficaria sabendo, e eu não receberia mais lixo virtual. Entretanto, era tarde demais. O lixo já estava em tudo quanto é lado! Quando fui à cozinha para fazer o meu café de todas as manhãs, encontrei uma lista das mais reveladoras no quadro de cortiça que está do lado da geladeira. O aviso dizia:

BOLICHE DA QUARTA-FEIRA!

É importante que quem queira vir coloque o nome na lista para poder reservar lugar.

A gente vai se encontrar na porta às 21:15 e jantamos lá.

Podem trazer quem vocês quiserem! Quanto mais gente, melhor!

E embaixo estava o nome de todos os que poderiam ir, dentre os quais também o meu. O Marcelo se aproximou e me perguntou, surpreso, se eu iria. Brava, eu disse a ele que nunca tinha dito que iria. E então ele me disse que eu explicasse isso pessoalmente ao Piñata, pois parecia que todo mundo contava com a minha presença.

28 de fevereiro

Eu sei que disse que não iria ao boliche. Mais ainda, sei que disse que preferiria estar morta. E era verdade. Mas às vezes acontecem coisas pelo caminho e mudamos de opinião.

Estive atrasando o momento de me retratar durante todo o dia. Mais que isso, cheguei supertarde ao escritório, lá pelas quatro horas, tratando de dilatar de maneira infantil a minha recusa. Me dava vergonha explicar que eu não queria ir quando o meu nome, impresso na lista da cozinha, desafiava a minha negativa. Sentia culpa porque eu sabia o verdadeiro motivo da minha ausência: nem tinha outro compromisso, nem tinha torcido o tornozelo, nem estava com sono. Eu não queria ir porque, se escutasse uma vez mais “a minha mãe é idosa” ou “Grassssiela, fica mais”, eu me jogaria pela janela do escritório.

Por isso adiei tudo o que eu pude, com a esperança de que não percebessem e eu pudesse fugir da turba de solteiros pela escada, à francesa, até que o Piñata veio me procurar na minha mesa e tive que dizer a ele a primeira coisa que me veio à cabeça: que eu tinha um jantar familiar todas as quartas-feiras e nunca poderia sair para jogar com eles.

Entretanto, quinze segundos depois de ter dito a ele essa estupidez, tive vontade de morrer. Porque saiu do banheiro um moreno interessante que jamais eu tinha visto na minha vida e perguntou ao Piñata se iria todo mundo junto ou se combinavam diretamente na porta do lugar. No momento não me veio nada para corrigir a situação. Se tivesse dito que estava cansada, poderia ter me retratado, mas eu tinha dado a desculpa do jantar, e já não havia nada a fazer. De modo que eu deixei que eles fossem embora, olhando o bonitão pelas costas e maldizendo a todos por não terem me avisado que tínhamos visitas.

Um tempinho depois, apesar disso, enquanto descia a escada me chamando de imbecil, me veio a ideia de que podia ir diretamente ao boliche. Podia chegar, dizer que o jantar tinha sido cancelado e que havia passado para ver se eles ainda estavam ali. Era patético? Sim. Mas quem ficaria sabendo disso além de mim? O Piñata e o Marcelo ficariam felizes de me ver. E eu

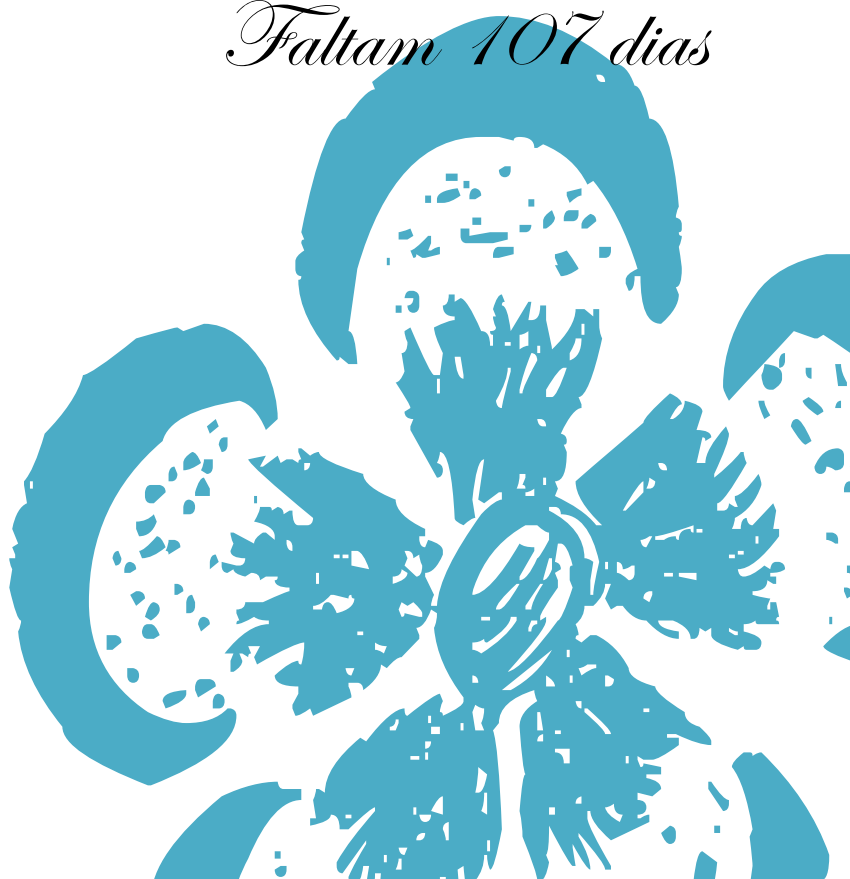
ficaria feliz de ver o bonitão novo e averiguar se era (mesmo, incrivelmente, suspeitosamente) do grupo dos solteiros. E então parei de pensar e fui. Apesar da minha tentativa de jogar com o grupo do bonitão, não teve jeito. O Piñata me segurou como se eu fosse uma maluca que não pode ficar sozinha ou se perde no meio do salão. Por esse motivo, não pude descobrir muita coisa. Só posso dizer que o bonitão em questão se chama José e que hoje é o primeiro dia em que ele ocupa o lugar que era do Matías.

Isso de ocupar o lugar do Matías soa bem. É hora de preencher espaços vazios.



Março

Faltam 107 dias



3 de março

Eu tenho um plano

Meu plano é perfeito. Vou colocar uma minissaia, um salto bem alto, uma carinha de estúpida e vou jogar boliche com a desesperada, falsa, pecaminosa e premeditada intenção de despertar algum tipo de interesse no José. Assim simples. Sem planos rebuscados nem maquiavélicos. Penso em apelar ao ritual de acasalamento mais animal e precário do universo. O da promessa sexual. O das penas coloridas. Vou me fazer de dama em apuros, a tontinha, a que joga mal a bola para que a ajudem. De que serve procurar outro tipo de vínculo quando nem mesmo sei se pode durar? E se me diz que não? Para que eu vou me esforçar em parecer interessante se nem mesmo sei se ele me interessa mesmo? Vamos começar pelo começo. Que ele olhe para mim. E depois vemos o que acontece.

5 de março

Mudança de planos

Hoje, enquanto eu estava tomando o meu café da manhã e pensava de novo no meu plano para despertar o interesse do José, aconteceu algo inesperado. Algo que nunca tinha me acontecido. Algo que me fez mudar de planos. Algo que eu ainda não sei como definir. Algo que não acontece com as garotas como eu.

O José se sentou sobre a minha mesa, pegou o meu lápis, começou a mexer com as canetas e disse:

– Você vai jogar boliche hoje, che? Não quer fazer outra coisa? Assim sem mais. Como se nada fosse. De repente. Me jogou para a frente como um carro que bate na sua traseira enquanto você está pensando na lista do supermercado.

6 de março

Não vou mentir nem me fazer de liberal ou de moderna. Nos meus trinta anos de solteira, nunca, mas nunca mesmo, tinha transado com alguém tão rápido. Nunquinha fui para a cama com qualquer um, menos ainda nos dez primeiros minutos de um encontro. É a minha primeira vez.

O José queria que nós fizéssemos “algo” na saída do escritório. Assim, sem dizer nada mais, sem esclarecer o quê. Nem mesmo queria esperar até de noite. Tínhamos que ver-nos assim, suados, com os dedos cheios de manchas de caneta ou a calça salpicada de café. Eu, em contrapartida, queria ir para casa tomar um banho, mas ele deu risada na minha cara. Como se soubesse que não precisaria de roupa (o que os homens não sabem é que não temos esses repentes por vaidade, mas porque não estamos depiladas, estamos com um corpete horroroso ou esmalte vermelho descascado nas unhas dos pés).

Acho que a gente ficou no bar por uns vinte minutos, nada mais que isso. Agora percebo que falar era só uma desculpa. Eu me esforçava muito por criar uma conversa interessante, mas ele estava mais concentrado em ver como fazia para me levar para a casa dele.

José é muito direto. Básico. Fala pouco, faz algumas piadas idiotas mas funcionais, ri sem parar com uma boca enorme que se abre como um buraco e vai direto ao assunto. Não tinham passado nem vinte minutos quando ele me deu um beijo, por exemplo. Eu fiquei dura, estranha, incômoda. Estávamos em um bar do centro financeiro, e, como era dia, estava claro demais para que nos beijássemos ali. Apesar disso, o meu desconforto, longe de ser um obstáculo, lhe serviu de estímulo. Quando eu disse a ele que o lugar não era apropriado (já estou parecendo a Graciela), eu dei a chance para que ele me fizesse a proposta.

– É – disse ele –, está meio estranho aqui. É melhor a gente ir para a minha casa.

E se levantou, pagou e pronto. Sem me consultar nada. Dando por certo que eu concordaria.

O apartamento dele é a típica casa de um solteiro. Tudo é funcional, sem

enfeites nem recordações. Nem mesmo tem filmes ou livros. Só uma mesa, um computador, uma poltrona, uma cama. Apesar disso, estava muito organizado e limpo. Não havia caixas de pizza debaixo dos móveis, nem copos sujos, nem roupa empilhada sobre uma cadeira. Nesse momento, duvidei. Era assim mesmo, organizado, ou tinha limpado naquele dia porque sabia que me levaria para dormir ali? Serei assim tão óbvia sem perceber?

Meia hora depois de entrar, já estávamos na cama. Meia hora na qual fiquei pensando como estava errado fazer aquilo, como era grave me meter na cama de um companheiro de trabalho sem ter uma relação amorosa que nos vinculasse. E não se trata de um debate moral. É puramente laboral. Uma coisa é que não dê certo um relacionamento em que existiram carinho e respeito, e outra é a ladainha de fofocas machistas e exageradas que se seguem a esse tipo de deslize.

Entretanto, foi ele mesmo quem, quatro horas depois, olhando para o teto, me fez a grande pergunta:

- O que você quer fazer?
- Com quê? – perguntei, confusa.
- Como te cumprimento amanhã?
- Ah, é isso... O melhor é que ninguém saiba.
- Tudo bem.

Mas agora eu reconheço que talvez tenha exagerado, porque eu o vi duas ou três vezes (de passagem, no elevador e no bar), e em nenhum momento me cumprimentou. Nem mesmo me fez uma carinha sacana. Se não soubesse que no dia anterior tinha estado quatro horas na cama dele, eu diria que ele estava me ignorando deliberadamente.

7 de março

Fiquei o dia inteiro vigiando os meus colegas de escritório, tratando de verificar se algum manifestava algum sinal de fofoca. A ideia de que o José tivesse se gabado das nossas quatro horas de sexo casual em algum corredor do escritório, como um adolescente num vestiário, me aterrorizava.

Entretanto, não me falaram nada. Nem ele nem ninguém.

É verdade que eu mesma havia sugerido que dissimulássemos, mas uma era dissimular que tinha rolado sexo, e outra era ignorar-me completamente.

Como se isso fosse pouco, comecei uma espionagem maníaca que consistia em passar por qualquer lugar onde ele estivesse para ver se ele falava comigo, se me olhava, me cumprimentava ou me fazia caras e bocas. Passei metade do dia levando coisas de um lado para outro como um cadete desorganizado que sobe e desce pelas escadas, indeciso, procurando matar o tempo até a hora da saída.

Mas isso não foi nada. O pior veio mais tarde, quando todo mundo combinou de beber algo depois do trabalho e eu tive que me sentar na frente dele por duas horas e meia. Duas horas longuíssimas nas quais tive que conter a minha decepção adolescente e a minha vontade de jogar um pote de amendoim na cabeça dele, para não protagonizar o terceiro escândalo do ano no meu lugar de trabalho.

Eu poderia ter ido embora, já sei. Mas no fundo eu tinha a esperança de que tudo pudesse ser uma confusão. De que ele me explicasse que não falava comigo por vergonha ou por medo de ser óbvio demais na frente dos outros colegas. Já sei, sou idiota. Mas nós, mulheres, somos assim. Vivemos com uma expectativa inverossímil até que a verdade explode na nossa cara e emporcalha todo o nosso corpo.

Comigo, por exemplo, ocorreu a explosão às dez da noite, quando José (ainda invicto de conversas comigo) se levantou, avisou que tinha um compromisso e saiu. Nunca me senti mais feia, mais tonta, mais abandonada. Por que ele tivera que esclarecer que iria para outro lugar? Aonde mais pode ir um homem à uma da manhã que não seja para ver uma mulher?

E então atingi o meu limite. Não pude continuar a dissimular. Fiquei dez minutos mais tratando de conter a angústia, mas não aguentei mais e tive que ir embora correndo. Queria chorar no táxi as minhas mágoas de fracassada, passar por uma loja de conveniência, comprar um chocolate e ver TV até de madrugada.

Mas eu não pude pegar um táxi, porque o José me parou na esquina. Ele estava fumando e morrendo de frio, com o pescoço enfiado dentro do blazer.

- Meu Deus do céu, como você é lerda! Estou morrendo de frio! – me disse ele enquanto me pegava pelo braço.
- O quê?
- Faz dez minutos que estou aqui. Pensei que você se ligaria em seguida.
- Não me liguei.
- Não me liguei... Lerdinha – disse, imitando a minha voz.

9 de março

Hoje me aconteceu o pior que pode acontecer num domingo a uma mulher solteira. Às quatro da tarde, no ponto máximo da desorganização e desleixo do apartamento, José me ligou. E, quando uma garota começa um relacionamento, essas ligações só querem dizer uma coisa: que o moço quer te ver. E, como é uma tarde de domingo e você está sozinha em casa, ele pensa em te fazer uma visitinha.

Os homens ignoram a espécie de apocalipse que tem início quando desligamos o telefone. Eles gostam de dizer “te pego em dez minutos” ou “em meia hora estou aí” porque não sabem o que sofremos antes da chegada deles. Dois minutos depois de desligar o telefone, não sabemos nem por onde começar. Se tomamos banho ou nos depilamos, se lavamos os pratos sujos, se varremos um pouquinho a casa, secamos o banheiro, escondemos a roupa suja debaixo da cama, viramos as fotos nas quais estamos gordas, jogamos fora todos os limões podres da geladeira, vamos comprar algo para beber, tiramos a meia-calça pendurada como uma teia de aranha no ventilador, procuramos os copos bons ou fazemos desaparecer o chá de ervas para emagrecer que está em cima da geladeira.

Dizer que sim significa tudo isso. Ou seja, que queremos sexo, mas que, além disso, aceitamos ter que organizar esse mundo de celibato repugnante em meia hora e abrir a porta com um sorriso.

De forma que foi só desligar o telefone para começar a trabalhar como

uma escrava. Escondi toda a minha roupa embolada nas profundidades de um discreto armário, chutei a balança para baixo do guarda-roupa, tirei do banheiro uns absorventes enormes que pareciam fraldas, joguei longe uns comprimidos para dormir que a minha mãe havia me dado e tirei as calcinhas que estavam penduradas como bandeiras na torneira da banheira.

Desci correndo até o supermercado, comprei Coca-Cola comum, um vinho tinto, umas bolachas cream-cracker, um queijo, guardanapos, papel higiênico com desenhinhos e preservativos. Voltei, passei creme para pentear o cabelo, passei uma saia a ferro, chorei porque não tinha um jogo de lençóis limpo, sacudi o sofá, limpei a porta da geladeira (nessa hora eu percebi a quantidade de marcas de dedos que ela tinha), joguei fora dez mil copos cheios de Coca-Cola velha que me esperavam, cansados, em todos os cantos dos móveis e coloquei as minhas pantufas velhas atrás do sofá.

E, como nos desenhos animados, dois minutos depois tocou a campainha, e era o José, esplêndido e tranquilo como quem acaba de se levantar depois de dormir uma boa soneca.

Tratei de bancar a anfitriã um pouquinho, servi vinho e comecei a conversar, mas previsivelmente José não estava interessado na conversa nem no queijo. Assim, passamos a outra coisa, sem mais preâmbulos. Mas dessa vez o sexo não durou quatro horas seguidas, porque eu interrompi o assunto para atender as ligações compulsivas que atormentavam o meu pobre celular. Quando atendi, entretanto, não entendi nada do que disseram. Só escutava um choro agudo e insistente. Demorei três ou quatro minutos para perceber que era a Irina que não parava de chorar (de novo). Só entendi que falava do casamento e do vestido que tinha ficado pequeno. E dessa vez, depois de ouvi-la durante meses, de consolá-la pelos seus pequenos imprevistos, disse a ela que não estava entendendo e que era melhor que a gente conversasse depois. Já sei que posso parecer uma insensível, mas até quando terei que passar os meus domingos falando de broderie e de guardanapos em forma de pato? É necessário armar um escândalo por qualquer coisa? E é justo que todos os demais suportem os seus ataques de nervos porque a modista não entendeu que a alcinha era mais fina?

Quando desliguei, eu estava indignada, o José distraído, e foi bem difícil

voltar ao estágio anterior. Tomamos vinho, contei a ele do casamento e ele me acariciou as pernas por um tempinho. Parecia que estava tudo bem, até que o telefone começou a tocar de novo. Mas dessa vez eu não atendi. Desliguei o celular.

Faz meia hora, entretanto, quando o José foi embora, encontrei uma mensagem da minha mãe que me deixou preocupada.

– Lulú, a sua irmã está em casa, veio com todas as malas. Parece que discutiu com o noivo e já não vai mais haver casamento. Não sei o motivo. Ligue para ela e veja o que ela te diz. Ela não quer falar comigo.

Liguei várias vezes, mas já é meia-noite e ninguém mais me atende. Não tenho ideia do que aconteceu e acho que até amanhã não vou descobrir nada.

10 de março

Minha irmã terminou com o noivo

Finalmente consegui conversar com a minha irmã hoje à noite. Pelo que vejo, o noivo lhe deu um ultimato: o casamento ou ele.

Segundo ele, ela está histérica, chorando o dia inteiro, com ataques de nervos porque o vestido ficou pequeno, porque não podem organizar as mesas sem sentar juntos aqueles que estão brigados, porque ninguém tem consideração e são todos uns irresponsáveis que querem acabar com “a noite mais importante da sua vida”.

E o meu cunhado já não a aguenta mais. Diz que o casamento se transformou em um pesadelo e que só vai se casar se festejarem com um jantar bem modesto para vinte pessoas. Diz que ela tem que escolher entre a festa e ele. E a minha irmã, que é cheia de caprichos, em vez de tratar de acalmar as coisas, disse que ela se casaria só uma vez na vida e como sempre tinha sonhado, fosse com ele ou com outro.

E parece que aí explodiu a discussão. Ele jogou pelos ares uma amostra de centro de mesa e ela pegou todas as suas coisas e foi embora. E já não vão se casar. Ou, pelo menos, é o que ela diz.

12 de março

Hoje o Marcelo me avisou que todos almoçariam no bar lá de baixo. Não fui a única, ele chamou a Gisela também. Mas assegurou-se especialmente de que eu iria, porque me perguntou umas três vezes.

Geralmente eu trato de evitar esses almoços com eles no bar de baixo, porque é como se enfiar numa jaula de macacos. Todos falam ao mesmo tempo, levantam a mão para gritar “Coca” e “milanesa” com a boca cheia, fazem piadas horríveis e depois discutem como animais para dividir a conta e usar os vales-refeição ao mesmo tempo. E, como se isso fosse pouco, o serviço é ruim, e a comida, pior ainda.

Mas dessa vez eu fui. Em primeiro lugar, porque adoro me estressar e sou masoquista, e em segundo lugar para ver se o José continuava me ignorando.

O almoço começou mal. Enquanto muitos acabavam de chegar, eu lutava com o porta-pão do bar (que se oferecia para mim, descarado, com todos os seus palitinhos de pão). A Graciela falava da nova operação da mãe, Gisela contava que queria se apresentar no próximo Latin American Idol e o Silvano a fazia cantar “My heart will go on”.

Quando a música terminou, todos já tinham chegado. Ou quase. Todos, menos o José. Como achei estranho, perguntei ao Piñata se não viria mais ninguém, e ele me disse que o Marcelo é que tinha organizado tudo e que eu perguntasse para ele. Tratei de averiguar no meio do caos, mas era impossível manter uma conversa coerente. E por isso eu desisti.

Mas foi só escutar a Gisela dizendo ao Marcelo que não era necessário enviar cinco e-mails para confirmar o almoço que me dei corda e não pude parar de falar. Enquanto o Silvani colocava a cabeça do Piñata debaixo do braço e esfregava seu cabelo com o punho, eu comecei a encher o saco do Marcelo de forma dissimulada.

– O José não veio – disse eu de forma casual.

– Hum, parece que não – respondeu o Marcelo enquanto olhava o cardápio.

– Ah. Ele não quis?

– Chega, Ssssilvani, issso dói! – gritava o Piñata.

- Silvani, não seja infantil, por favor – pediu a Graciela.
- Não sei, eu não o vi. Pergunta para o Piñata se ele conseguiu avisá-lo, eu não vi o José.
- Chega! Essscuta a Grasssiela. Vossssê é insssuportável!
- Como é que você não viu o José? Você mandou e-mail para todo mundo... Para o José não?
- Já chega, vocês dois! Parecem crianças! Ou param ou eu vou embora. Estão jogando a minha bolsa no chão.
- Não tenho o e-mail dele.
- Chega, Sssilvani, está doendo!
- É o mesmo que o de todo mundo, só tem que mudar o sobrenome – respondi, brava.
- Chega, está doendo! Vosssê não sssabe que isssso machuca?!
- Pare, pelo amor de Deus, Silvani, deixe o Ernesto em paz – interveio a Graciela.
- Porque o Piñata manda quinze correntes de e-mails por dia. E todos com o e-mail do José. Acho estranho que você não tenha, sendo que você recebe todas essas porcarias também.
- Não prestei atenção – disse o Marcelo enquanto me jogava o celular. – Quer ligar para ele?
- Não quero. Para mim tanto faz. Só te digo que você me avisou três vezes e se esqueceu de chamar o José.
- E por que eu deixaria de chamar o José?
- Não sei, você é que tem que saber.
- Não, me diga você. O que você pensa? Que minto para deixar os caras longe de você?
- Aqui não dá para comer nada saudável. A minha mãe cozinha de forma saudável, que sorte. É preciso comer todas as verduras, de todas as cores...
- E quem disse que ele estava perto de mim? – respondi, fingindo-me de tonta.
- O Marcelo riu.
- Eu me esqueci, aconteceu, não foi de propósito. Não me interessa se vem o José, o Pepe ou o Matías.

- Bom, vamos esclarecer isso. Você se esqueceu ou não tinha o e-mail dele? – insisti.
- As duas coisas.
- Você vai me desculpar, mas duvido muito.

13 de março

Ontem, depois de perguntar ao José por que ele não tinha ido e de saber que ele nem sequer tinha checado o e-mail, me senti muito mal por ter desconfiado do Marcelo. Na verdade, ele nunca me fez nada de mal. O meu ódio não tem motivo. Não sei por que tenho essa fixação infantil com ele. Sempre chamou o José. Sempre se comportou bem, do seu jeito. Talvez tenha se esquecido mesmo. Suponho que nunca vou saber a verdade. O que eu sei é que ele não mentiu com relação ao Matías e não tinha motivo para fazer isso agora. Ensaiei várias formas de lhe pedir desculpas, mas tudo me dava vergonha. Até que tive a ideia de copiar uma técnica dele.

Meio de brincadeira, meio de forma séria, procurei aquele bonequinho horrível que uma vez ele tinha deixado sobre a minha mesa para me pedir perdão e o deixei sobre o monitor dele (ainda que agora tivesse um olho a menos e o chapeuzinho de bolinhas estivesse meio caído).

Quando o Marcelo chegou, em vez de jogá-lo no lixo como eu fiz, pegou o bonequinho, leu o pequeno letreiro em voz baixa (dizia “vamos começar de novo”) e sorriu. Não sei se de emoção ou da minha falsa e premeditada breguice. Acho que nunca vou saber.

14 de março

Minha irmã voltou com o noivo

Às nove e meia da manhã a minha mãe me avisou que a Irina subitamente tinha voltado com o noivo, mas que de qualquer forma tinha cancelado o salão e o buffet que estavam reservados desde fevereiro. Ao escutar isso,

fiquei atônita. Não entendia o que tinha acontecido.

Para entender um pouco mais, tentei me comunicar com eles durante o dia, mas ninguém me atendeu. Nem mesmo a secretária eletrônica. Já às seis da tarde, quando pudemos conversar, minha irmã me pediu que eu fosse para a casa dela, porque queria falar comigo e com minha mãe pessoalmente. Eu imaginei o pior (que estavam se separando de comum acordo) e também o melhor (que já não queriam se casar, mas que continuariam juntos). Me enganei. Irina não nos ligara para contar se se casaria ou não. Ligara para explicar por que tinha se comportado dessa forma (chorando porque o vestido havia ficado pequeno, gritando que ninguém a ajudava, jogando canapés para cima e vomitando de nervosa por causa de um centro de mesa de cor salmão) durante as últimas semanas de preparativos.

– E o que você vai fazer? – perguntei a ela.

– Não sei, adiar ou adiantar uns dois meses.

– Você não pode adiantá-lo, Irina! – disse eu, aterrorizada.

– Por que não? Fariamos algo menorzinho, talvez para umas oitenta pessoas.

– Porque não. Porque não dá tempo para a preparação. O povo tem que comprar vestido, sapatos, presente... terno, abotoaduras. Sem ir mais longe, eu, por exemplo, ainda não tenho vestido.

– Mas se todo mundo já sabia que se casariam! Além disso, isso será do nosso lado da família, querida. Os do outro lado vão ressuscitar algum trapo velho da primeira comunhão...

– Ou você se casa na data que estava proposta, ou adia o casamento para o ano que vem. Se você adiantar, não vai ter tempo para organizar tudo. Tem coisas que ainda não conseguimos! – disse eu, desesperada.

– Mas trata-se de um imprevisto.

– Não é um imprevisto. Você está grávida. Pode se casar do mesmo jeito. Isso não muda nada.

– Não vou me casar com uma barriga de quatro meses! Ou me caso já, ou me caso no ano que vem.

– Já – disse a minha mãe.

– No ano que vem – disse eu.

15 de março

Ontem à tarde, enquanto eu trabalhava no computador, o José veio falar comigo na frente de todo mundo. José é desses que se sentam em cima da mesa e começam a brincar com tudo o que encontram. Além disso, começa a bater na cabeça com uma régua, a perguntar quem são as pessoas do porta-retratos ou a revirar o bloquinho de anotações no qual você coloca tudo o que tem que fazer.

– Na sua casa ou na minha, lerdinha?

– Hoje?

– É sexta-feira.

– Ah, não sabia que estava estipulado que a gente se via toda sexta.

– Se você não quiser...

– Não, tudo bem.

– Bom, eu tenho algo para fazer e passo lá depois.

Isso foi às quatro da tarde. Oito horas depois, ainda continuo esperando por ele.

16 de março

Ontem de madrugada acabei dormindo enquanto esperava que o José chegasse. Era uma e pouco da manhã quando tocou o telefone. Era ele, que estava meio bêbado num jantar e me pedia desculpas pela demora. Explicou que estava longe, mas que queria me ver da mesma forma. Eu respondi com um silêncio gélido.

– Você quer que eu vá agora?

– O quê?

– Perdão. Você me deixa ir agora?

A mudança de tom me comoveu um pouquinho. Perguntar se eu o deixava vir era, de uma maneira estranha, tratar de corrigir o seu erro. Além disso, sou uma solteirona patética. Então terminei amolecendo. Disse que ele

era um idiota, mas que viesse da mesma forma.

Apesar disso, quando desliguei, comecei a raciocinar. Qualquer um pode se atrasar. Mas ele podia ter me ligado. Podia ter ido embora. Podia ter mandado uma mensagem de texto. Podia ter me advertido que tinha um jantar e que não sabia a que horas terminaria. Podia ter vindo diretamente com flores e ter ficado de joelhos na porta.

Mas ele havia escolhido ligar antes de vir tarde. E essa ligação, que à primeira vista poderia parecer um gesto de cortesia, era o pior de tudo. Porque ele não estava ligando para pedir perdão. Ligava para checar que eu não estava brava ou dormindo e para não perder a viagem.

Meia hora depois eu já estava louca de raiva. Mas achei babaca desperdiçar semelhante viagem (ele vinha da Zona Norte) com uma ceninha. Por esse motivo, fiz algo muito melhor. Tirei o interfone e o telefone do gancho e fui dormir. E ele que morra tocando a campainha.

17 de março

Se a minha irmã se casar no mês de abril, eu tenho que arrumar um namorado no mês que vem. A esta altura do campeonato, cheia de desenganos amorosos, já sei que essa meta é impossível para mim. Que em trinta dias não vou conseguir nem mesmo um vestido que me caia bem. Por esse motivo, ontem não teve jeito: tive que ligar para ela, ter certeza de que ela não estava com a minha mãe e ir vê-la para tratar de convencê-la de que um casamento em trinta dias poderia acabar com a vida dela.

1. A primeira coisa que eu fiz foi tratar de convencer a minha irmã de que a barriga ainda era imperceptível:

– Mas você vive no século XV? Hoje em dia o povo se casa e coloca os filhos de oito anos como pajens, carregando as alianças! Se você se casa só com um barrigão, vão achar que você é conservadora.

- Não ligo para o que os outros falam...
- Claro! Se você faz uma festa bonita, ninguém vai ficar olhando para a barriga.
- Não são as outras pessoas, sou eu. Não quero sair grávida em todas as fotos. Eu queria ter uma foto perfeita para colocar em cima da lareira, e não vou sair redonda como uma bola que acabaram de encher. Não quero isso.
- Mas é gorda por causa do bebê! Não gorda de comer manteiga!
- Não tem diferença! Gorda é gorda. Não.

2. Como não deu resultado, tratei de deixá-la com inveja:

- Se você casar em trinta dias, todas as melhores coisas já vão estar reservadas. O melhor salão, o melhor buffet, o melhor maquiador. Você vai ter que se conformar com as sobras de outras mulheres. Você quer começar a vida com aquilo que as outras descartaram porque era pouco para elas?
- Ai, mas como você é má!
- Mas você quer se casar desde que tem cinco anos. Roubava as cortinas de voile da mamãe, e com uma você fazia o vestido e com a outra o véu.
- Mas não tem tanta gente casando em maio.
- Ai, Iri, nem sei o que dizer. Se você acha que um casamento organizado na última hora vai ficar legal, vá em frente. Mas justo você, que é superexigente, não vai conseguir curtir quando vir os guardanapos verde-água, os centros de mesa com cravos, a Coca-Cola aguada...
- Eu não ligo.

3. Ao ver que isso não funcionava, tratei de assustá-la:

- O pessoal de Mendoza não pode vir correndo agora. Você já tinha dado uma data para eles.
- Que não venham.
- E as suas amigas? Os seus conhecidos? Muitos não vão poder vir.
- Quem? Eu não ligo. Que não venha ninguém, mas eu não quero me casar gorda, não poder dançar e sair feia nas fotos, não quero.

– Mas, meu Deus do céu, como você pode ser tão superficial, Irina! Você não liga para nada!

– Superficial, eu?! Você me diz para eu não me casar por causa do cardápio ou pela maquiagem, e a superficial sou eu?!

– Estou falando para você se casar na data que combinada antes, como você tinha planejado há seis meses! Que você tenha a sua festa com tudo o que você escolheu com tanto amor durante meses.

– Não posso porque já cancelei tudo, e outra pessoa já reservou a data que eu tinha! Já não tenho salão nem buffet para o dia 15.

E então começou a chorar desconsoladamente. Eu sei que tudo isso é, em parte, culpa dela. Primeiro, por cancelar. Segundo, porque ela apostou com a minha mãe que eu iria sozinha ao casamento. Se essa aposta não tivesse sido feita, não haveria problema. Assim, ela não deveria sentir culpa. Cada uma de nós atuava segundo os seus interesses. Mas mesmo assim me senti mal. Percebi que ela estava mais angustiada do que eu.

4. Então, tive que apelar para o último recurso: a grana.

– Iri, tem outra razão pela qual você não pode se casar agora. Você vai ter que pagar a festa inteira sozinha.

E contei a ela toda a verdade. A aposta que eu ouvira, minhas tentativas, meu plano futuro. Contei a ela sobre o Matías, o Ezequiel, o José. Acho que até mencionei o Oscarcito. Contei tudo, e, quanto mais eu falava, mais Irina abria a boca, pasma, incrédula, arfando, como se saísse de baixo da água para respirar.

– Se você contar à mamãe, te juro pela minha vida que eu te mato.

– Mas e o cara que a mamãe viu no seu apartamento, o que veio jogar, o das ligações? Qual é esse?

– São dois diferentes, mas já não estou mais com eles.

– E agora, qual é?

– Nenhum, Iri. O que tenho atualmente não vai querer ir. Não é o tipo de cara que vai com você a um casamento.

– Mas então você vai sozinha? Você tem que convencê-lo!

- Ou isso, ou conseguir outro.
- Mas a mamãe tem que vê-lo antes, como aconteceu com o outro rapaz. Senão ela não vai acreditar.
- Vai acreditar porque vai ser verdade. Eu vou com um namorado de verdade. Mas dentro de 85 dias, não 30. Se você se casar agora, não somente a festa vai ser uma porcaria, mas também vai te custar muita grana. Entendeu?
- E ela assentiu com a cabeça.

18 de março

Depois de me esconder durante um dia e meio (sim, sou machona para tirar o interfone do gancho, mas covarde para confessar que fiz isso), finalmente falei com o José. Quando voltei do almoço, ele estava sentado em cima da minha mesa, brincando com a minha lapiseira e mexendo as pernas como se se balançasse numa rede.

- O que aconteceu na sexta? – perguntou José.
- Ah, era muito tarde e eu fui dormir.
- O quê? Mas eu te disse que demoraria uns quarenta minutos.
- Bom, eu sei, mas com você o tempo é flexível. Às vezes você fala que vai passar “depois” e “depois” são oito horas. Como posso saber que quarenta minutos não são seis dias?
- É que ficou tarde!
- Eu te disse alguma coisa? Te xinguei? Desliguei o telefone na sua cara? Armei uma ceninha? Não. Porque eu entendo que é algo que pode acontecer. Mas entenda também o meu lado. Era muito tarde e eu fui dormir.
- Você é má.
- Péssima.
- Vamos para a minha casa?
- Não.
- Por quê? Estamos perto...
- Então eu suspirei e fiz uma cara séria, mas não pude falar nada porque o

José se adiantou.

– Ai, ai, ai, ai, ai... Você quer conversar.

Assenti com a cabeça e ele começou a me zoar, imitando a minha voz:

– Mas o que nós somos, José? Para onde estamos indo? Estou confusa, preciso saber o que você sente por mim.

– Ahahahahahaha.

– Você dá risada, mas já estou te escutando, lerdinha... – disse, encolhendo os ombros. – Bom, vamos almoçar amanhã.

– É?

– É, na sua casa a gente não vai falar nada. Amanhã depois do boliche...

– Ok. Amanhã.

E assim, como se nada tivesse acontecido, deixou a lapiseira, levantou-se de um pulo e foi embora. Mas o Marcelo, que evidentemente percebeu que estava acontecendo alguma coisa, aproximou-se um minuto depois e, com uma cara de quem não quer nada, me perguntou:

– Vocês vão amanhã ao boliche?

– Não sei... Talvez um pouquinho.

– Bom, me avise, porque assim eu sei quantos vamos ser...

– Te aviso, sim.

19 de março

Hoje o Marcelo me perguntou duzentas e cinquenta vezes se eu iria ao boliche. E não estou exagerando. Sério, foram duzentas e cinquenta vezes. Me perguntou a cada vinte minutos, nervoso como uma criança, se eu iria cedo, se ficaria para jantar, se iria sozinha ou com alguém, se queria jogar na sua equipe. “Mesmo que seja só um pouquinho”, disse.

Como consequência disso, passei por vários estados de ânimo. Primeiro senti culpa, depois pena, logo irritação e, finalmente, ódio sincero. Mas eu nunca pude entender o porquê de sua insistência rasteira. Não até chegar a noite.

20 de março

Ontem José e eu chegamos ao boliche quando já estava todo mundo trocando os sapatos. Todos, menos o Marcelo. Antes de começar a jogar, nós o esperamos por um longo tempo, mas, como não aparecia nem atendia o celular, começamos sem ele. Por que ele teria me perguntado então tantas vezes se eu viria? Para me deixar sozinha?

Mas cinco minutos depois, enquanto a Graciela jogava a sua bola, vi certa mão, galante e anônima, segurando a porta do lado de fora para que uma garota pudesse entrar. E dei risada, claro. Porque o cavalheiro era o Marcelo, que nunca perdia a oportunidade de mostrar que era um cavalheiro. Entretanto, a risada durou pouco. Contra todos os prognósticos, a garota não somente não olhou com pena para o Marcelo, mas pegou na mão dele, os dois caminharam até nós e, um pouco nervosos, um pouco emocionados, se apresentaram.

– Ela é a Marina.

– Oi, Marina, eu ssssou o Piñata, seja bem-vinda.

O Marcelo me apresentou como sua amiga, e ela disse algo incrível:

– Oi, o Marcelo me falou muito de você!

– Ai, em contrapartida, você é uma surpresa! – repondi eu, chocada.

– É verdade, foi uma surpresa para os dois – disse o Marcelo, todo cheio.

Quando eles viraram, não sei por quê, fiz um sinal para o José de que eu ia vomitar. Ele riu, mas eu estava brava pela absurda situação. Por que ele tinha me perguntado tantas vezes se eu iria ao boliche? Para me fazer acreditar que estava morrendo de vontade de me ver e logo poder me surpreender com uma namoradinha? O que queria provar com isso? Que eu sou uma solteirona patética e ele um galã que tem uma namorada linda que o adora? Terá querido esfregar na minha cara o final de sua solteirice ou fazer com que eu deixe de pensar que ele é um psicopata controlador?

Marina e Marcelo, além de ter nomes cacofônicos e parecidos, não se separaram nem um minuto. Eles se beijaram, se abraçaram quando ganharam de nós, chamaram um ao outro com apelidinhos, dividiram o mesmo copo e, como se fosse pouco, se ofereceram para me levar para casa porque eles

estavam indo para o mesmo lado.

– Não, obrigada. Eu vou com o José – disse, de propósito.

Mas o Marcelo nem se mexeu.

– Bom, a gente se vê amanhã – me disse, distraído.

Quando saímos para a rua, José me perguntou aonde eu queria ir para comer alguma coisa, mas eu estava com um humor do cão e quis ir para casa dormir. Ele me perguntou se podia ir dormir comigo, e eu disse que sim. Então nós fomos para a minha casa. Mas, pela cara dele de surpresa e pelos avanços na cama, suponho que não esperava que eu quisesse literalmente dormir. Não deixei, entretanto, espaço para dúvidas: dei-lhe um ímã de geladeira com o número de uma pizzaria, um saco velho de batatas fritas, o controle remoto, disse que se sentisse em casa e dormi em seguida.

21 de março

O que somos nós?

No dia seguinte, no almoço, José e eu finalmente conversamos.

– O que você quer de mim? – me perguntou, sem rodeios.

Fechei a cara, peguei um pãozinho quente, cortei, coloquei queijo em cima e comecei a comer com vontade.

– Um namorado? Um marido? Alguém que te faça massagens?

– Não sei. Suponho que tenho que saber se a gente só transa porque é só isso que existe ou se só transamos porque não podemos parar de transar.

– E qual é a diferença?

– É que... se a gente só transa, o nosso relacionamento é só isso. No outro caso, somos duas pessoas que estão se conhecendo, estão tentando e que, por afinidade, novidade ou necessidade, acabam transando muito.

– E qual você quer que seja?

– A segunda.

– Bom, somos isso, então.

– Assim fácil?

– Assim fácil. E agora, o que a gente faz?

– Bom... além de transar, deveríamos fazer outras coisas.

Coloquei manteiga em um pãozinho e dei para ele. Eu estava feliz. Nunca na vida algo tinha sido tão fácil, tão simples, tão certinho.

– Eu me assustei. Pensei que você queria que eu conhecesse os seus pais e esse tipo de coisas.

Mas caiu a ficha imediatamente. O que vem fácil acaba sendo complicado.

– Não agora... Mas o que rolaria se, por exemplo, estou só dando um exemplo, dentro de um tempo fosse o aniversário da minha mãe...

– Bom, digamos que, se em um ano ainda estivéssemos juntos, eu poderia ir ao aniversário da sua mamãe...

– Um ano?

– Você quer me levar ao aniversário da sua coroa ou o quê?

– Não! É só um exemplo. Mas e se ela fizesse aniversário em três meses?

– E eu sei?... Agora eu não me vejo fazendo isso. Não sei, não podemos ver se em três meses eu te acompanho à festa? Temos que saber isso já? E então eu comi outro pão.

22 de março

Eu não sei se com os outros acontece a mesma coisa que acontece comigo, se todos têm uma comida associada a uma bebida. Se cada vez que alguém diz “chocolate”, pensam “com churros”; se cada vez que escutam “chá”, pensam “com bolo”; quando alguém diz “cerveja”, em seguida agregam “com amendoim”. Para mim isso é automático, como se um reflexo do estômago desse chicotadas no cérebro.

É claro que jamais vou entrar em um vestido vermelho. Se continuo pensando em bombons o dia inteiro, nunca vou poder fazer dieta. Nesta semana, por exemplo, estava tudo bem até que dei de cara com uma torta de goiabada. Nesse momento eu escorreguei, e nunca mais pude seguir a dieta com rigor. Nem mesmo me lembro bem de tudo o que comi, porque foi um monte de coisas que belisquei e petisquei às escondidas. Como em um festim impreciso e contínuo. Como em uma receita sem quantidades.

Para o cúmulo dos males, a minha irmã não ajuda. Em vez de me deixar

fazer as minhas coisas, ela me põe mais nervosa. Me liga duas ou três vezes por dia para dizer que tem um salão para o dia 6, mas que é feio; outro para o dia 14 de junho, mas está muito perto; e um último para setembro, mas que é longe demais. Tomara que ela não encontre nada e decida adiar o casamento para o ano que vem. Porque em um ano é difícil arranjar namorado, mas em dois... é como tirar um doce de uma criancinha.

23 de março

Desde a semana passada o escritório se transformou em algo meloso. Alguns não se entreolham para não dar risada, outros viram os olhos com tédio premeditado e outros fazem gestos irritantes. Só uma ou duas pessoas estão interessadas de verdade nas crônicas amorosas do Marcelo, que aparecem nas conversas mais diversas como paraquedistas desorientados.

Se alguém fala do frio, por exemplo, o Marcelo se apressa em dizer que a Marina é “superfrioenta”. Se alguém diz qual é a sua comida predileta, o Marcelo, além de contar a sua, também diz qual é a da Marina. Se alguém conta uma piadinha engraçada, o Marcelo sempre continua com algo dele e de sua namorada. Penso eu: quem está interessado em saber que eles tomam mates separados porque a Marina toma o dela com ervas e ele não? Quem quer saber tudo o que eles fizeram no Tigre com esse frio? Quem quer saber como é a aparência da Marina quando acorda?

Já sei que, dito dessa forma, parece que estou mordida porque eles agora são namorados. Mas o que me incomoda é essa enchente melosa no escritório. É como se todos os dias fossem o Dia dos Namorados. É insuportável. Só se fala de Marcelo e Marina o dia inteiro. Já são uma instituição. Até aparecem na mesma linha da lista do boliche.

E, ainda por cima, justo agora, eu estou do outro lado da ponte. Enquanto o Marcelo conta todo vermelho e assanhado qual é o tipo de vida que quer ter com a sua namorada, José me bagunça o cabelo morrendo de rir

como se sacudisse um filhote de cachorro basset ou me escreve sacanagens por e-mail. Não sei. Seria demais pedir que ele soubesse que sou friorenta e que gosto de bife à milanesa?

25 de março

O casamento vai sair

Finalmente, já existe uma data para o casamento: 31 de maio. Cem pessoas. Às oito da noite, pontualmente. Levar um namorado.

27 de março

Não tenho mais tempo

Os compromissos odiosos mas distantes são como uma quimera. Se alguém tem que ir ao dentista dentro de um mês, por exemplo, já começa a pensar na dor da anestesia quando faltam dois ou três dias para a consulta. Antes disso, o temor fica diluído nesse futuro incerto. Faltam tantos dias e tantas coisas que antecipar-se parece uma neurose absurda. É como ter medo da morte estando no jardim de infância.

Hoje, pela primeira vez em quase cinco meses, eu me preocupei de verdade com o casamento da minha irmã. Oficialmente já não posso dizer que ainda há tempo: agora não há mais. Estou na reta final, na última volta da corrida. Me restam dois meses certinhos, o tempo justo para fazer dieta e conseguir um namorado decente para calar a boca da minha mãe. Se eu investir mal os meus dias, se apostar no candidato errado, não vou poder mudar de plano.

O meu maior medo não é ir sozinha à festa. Fui a tantas festas sozinha como um cachorro que, a esta altura do campeonato, tanto faz! O que me aterroriza é cumprir a profecia da minha mãe. Ou seja, não ter conseguido ter

uma relação estável durante o ano todo.

É por isso que eu preciso saber agora mesmo se o José vai me acompanhar. Se eu não perguntei ainda, é porque não sei o que é pior: se espero e ele me diz que não, perco a possibilidade de conseguir alguém que queira ir, e, se me apresso muito em perguntar, vou assustá-lo e ele vai dar o fora. Apesar disso, vou ter que correr esse risco. Como eu já sei mesmo que o José não é o amor da minha vida nem nada parecido, se ele fugir, consigo outro. Eu vejo que ele também não considera o nosso relacionamento grande coisa. Ou pelo menos até agora é isso que parece.

28 de março

Cheguei cheia de olheiras, incomodada e com abstinência de internet no escritório, porque de novo não tinha conexão em casa. Comecei a minha rotina fazendo o café, checando os e-mails, deletando os spams, falando com a minha chefe, fofocando com a Graciela, lendo algumas notícias de jornal e organizando a bagunça que tinha deixado sobre a mesa no dia anterior.

Na metade da manhã decidi que precisava de uma folga. Eu estava morrendo de tédio e impaciência no escritório. Então peguei as minhas coisas para sair, comer algo e ir buscar uns documentos no centro financeiro. Mas o José me cercou antes de sair.

– Fala, lerdinha.

– Olá. E aí?

– Você não queria fazer coisas diferentes? Bom, hoje à noite nós vamos jantar com o Marcelo e sua mulher. Como você queria.

– O quê? Com o Marcelo? E com a mulher? Que mulher?

– A namorada ou lá o que seja.

– É pra já. Ele te falou de sairmos os quatro? Você disse a ele que a gente nunca saía? Você não disse isso, né? Não quero que ele saiba. Quero dizer, tanto faz, mas não quero.

– Não me diga que a gente tem que dissimular.

– Não, dissimular não. Mas a minha vida é a minha vida.

- Ei, ninguém está preocupado com a sua vida. Se liga.
- É, eu sei disso muito bem.

29 de março

Às nove e meia em ponto, Marcelo e Marina nos esperavam de mãos dadas na primeira mesa de um restaurante barato. Estavam tão juntos que eu pensei que estavam amarrados pelo punho da jaqueta. E isso foi só o começo. A presença deles foi para o jantar o que um banho de açúcar glacê é para um bolo: eles se beijaram de forma barulhenta a cada dez minutos (como se tivessem cronometrado), falaram na primeira pessoa do plural a noite inteira e ficaram de mãos dadas toda vez que soltavam os talheres.

Eu e o José chegamos tarde, descabelados e com a mesma roupa do dia inteiro, porque demoramos muito fazendo sexo em casa, aonde eu tinha ido tomar um banho e trocar de sapatos. Como se fosse pouco, comemos a cesta de pães inteira em quatro minutos, e eu tomei a água do Marcelo inteira porque estava com muita sede. Péssimos

A Marina parece ser uma menina boazinha. Doce demais, chata demais, mas boazinha. É professora do jardim de infância, adora crianças e quer ter cinco filhos que usem roupas iguais. Está louca pelo Marcelo, e isso me desperta uma curiosidade preocupante. Nunca pensei que alguém pudesse ficar louca de amor pelo Marcelo, mesmo que agora ele use um corte de cabelo legal e se vista melhor que antes.

– Ai, eu adoraria. Sei que é meio babaca, mas é só uma vez na vida. Eu quero, sim, uma festa bem grande, grande, grande, um carro antigo, pétalas de flores, tudo – disse Marina.

- Pétalas de flores? – disse o José, rindo.
- Vocês não querem se casar?
- Não, nem com flores nem com papel picado – avisei eu.
- Odiamos casamentos – completou José.

O Marcelo se mostrou visivelmente desconfortável e começou a se mexer

na cadeira.

– O Marcelo também não quer falar disso – disse ela, resignada.

– Claro que vamos nos casar – objetou Marcelo.

– Ai! Ele sempre diz que não! – disse Marina, e nos olhou feliz e orgulhosa pela notícia.

– Não digo que não. É muito cedo, mas algum dia...

– Bom, antes você dizia que não.

– Não, eu sempre disse que sim.

Marina me olhou e negou com a cabeça, brincalhona.

– Bom, mudou de opinião. Este jantar o inspirou, agora ele tem vontade de dizer que quer se casar – resumi, aticando.

– Não agora, mas claro que quero me casar.

– Suponho que você vai nos convidar. Já sabemos que você adora um convite – disse eu.

– De qualquer forma, a gente não iria. Inventaria uma doença – disse José, enquanto enfiava um pimentão assado, ainda quente, inteiro na boca.

– Iríamos felizes da vida – corrigi, e dei um sorrisinho falso como uma flor de plástico.

– Eu não vou – disse José.

– Eu, sim – disse eu.

– Você iria sozinha?

– Claro. Com certeza vocês se ofereceriam para me levar para casa depois.

– Claro.

– Mas nós estaríamos saindo de lua de mel... Como você vai dar carona para ela, tonto? – cortou a Marina.

Nesse momento, o Marcelo se levantou e disse que iria ao banheiro. Então, eu esperei uns minutos e avisei que eu também iria aproveitar o impasse da conversa. Mas, diferentemente dele, eu fiquei no corredorzinho, esperando que ele saísse para xingá-lo.

– Estou cheia de você. Primeiro com o Matías, dizendo que eu saía com você e metendo-se entre nós. Agora isso. O que você pretende com este jantar? – perguntei ao Marcelo, colocando-o contra a parede.

– Eu nunca disse nada para o Matías, quem disse foi a ex dele, que era minha amiga, e ela contou tudo para ele, e assim eu soube que eles ainda se viam... E tratei de te avisar, mas você me jogou um café!

Eu fiquei muda.

– Eu só me meti para poder te levar em todos os lugares e te consolar... Sabe o que te incomoda? Isso. Que eu já não possa te salvar de uma festa cada vez que você se enrosca com um idiota.

– Mas se é você quem sempre está andando atrás de mim e me perguntando se eu vou estar em tal lugar ou não!

– Quem veio me procurar no corredor foi você.

E saiu.

30 de março

Ontem a minha irmã, a minha mãe e eu nos reunimos para tomar chá e falar do casamento. E digo do casamento porque só falamos disso. A minha irmã nunca menciona a gravidez. Só discutimos cores de guardanapos, opções de bolos e a lista de convidados, que aumenta cada vez que a minha mãe arqueia a sobrancelha.

– Pescada-branca tem cara de peixe de pobre! Se não escolhemos salmão, optemos pelo frango, mas outro peixe não! – disse a minha mãe como se alguém a ameaçasse de morte.

– Eu não sei o que você acha, Lulú. Podemos pagar... salmão? – me disse Irina, olhando-me com uns olhos de animê japônês.

– Não tem nada que achar! O que vocês estão pensando?! Claro, vamos servir filé de segunda com queijo – disse a minha mãe, dando-me uma cotovelada. – Empanadas de Santiago! Almôndegas, anota aí, almôndegas! Ai, quero morrer!

– Chega, mãe! Quero que a Lulú me diga o que ela acha

– Iri, a grana é sua. Escolha o que achar melhor.

– Ela escolhe salmão – disse a minha mãe enquanto anotava “salmão” com tanta força que a caneta quase furou a folha.

31 de março

Hoje, enquanto a gente almoçava no escritório, o Marcelo disse que o pior que podia acontecer era que seu namorado te dissesse que nunca se casaria com você. Que não entendia as mulheres que teimavam em ter relacionamentos sem futuro. Que era como tomar um pouquinho de veneno todos os dias.

Sem piscar duas vezes, respondi rapidinho:

– Muito pior que um namorado indiferente é uma namorada que só pensa em casamento. Deve ser horrível! É como viver com uma corda no pescoço.

Mas ele nem se moveu. Continuou brincando com o purê e esperando para me devolver a porrada. E, como é meio lento, só cinco minutos depois ele descobriu um jeito de fazer isso.

– Não sei. Entre ouvir que não querem passar a vida inteira comigo e ouvir o tempo todo que querem passar a vida inteira comigo, prefiro ouvir o tempo todo.

– Bom, isso depende – eu disse com ar pensativo.

– Depende do quê? – perguntou a Gisela.

– De várias coisas. Talvez você não queira se casar com alguém que fique insistindo tanto nisso que acaba se tornando um chato. Nem sempre se namora o amor da sua vida. Às vezes, você está com ele porque é muito bom na cama. Às vezes, porque você está sozinho. Às vezes, para fazer ciúme para outra pessoa. Existem milhares de razões – acrescentei, venenosa.

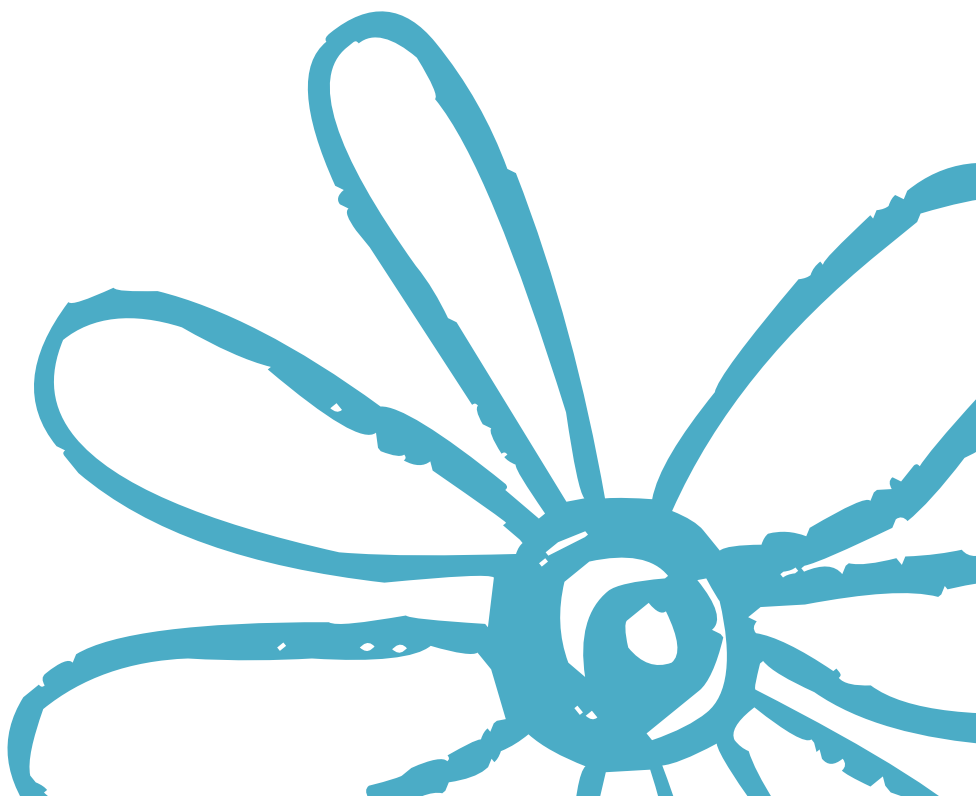
– Realmente. Suponha que o cara de quem você realmente gosta esteja com outra – me disse ele.

– Ou, ao contrário, que a garota de quem você gosta nunca te deu bola e que você teve que se conformar com a chatonilda que te disse que sim – eu disse, e me levantei para jogar fora a minha salada.



Abril

Faltam 60 dias



2 de abril

Hoje de manhã fui acordada por uma ligação.

– Oi, sou eu, a Iri. Estou no florista. Mamãe e eu queremos colocar uns centros de mesa com flores da Costa Rica, tropicais, divinas, que nunca, nunca, nunca foram vistas. Lulú, eu nunca vi essas flores em nenhuma revista!



– O quê?

– E a gente queria saber o que você acha...

Bati o telefone na cara dela. Plaf.

3 de abril



Faz tempo que eu deveria ter perguntado ao José se ele vai me acompanhar ao casamento, mas, por medo de que se espante, não fiz isso. O problema é que me restam menos de dois meses, e, se eu não perguntar já, não vou ter tempo de conhecer outra pessoa. Foi por isso que hoje à tarde, depois de muitas idas e vindas na minha cabeça, resolvi terminar com essa incerteza e esperei que ele viesse sozinho até a minha mesa para pegá-lo de surpresa.

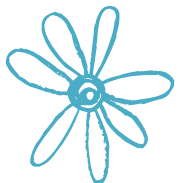
– Ei... Eu sei que é meio estranho te perguntar isso agora, mas preciso confirmar algo. Eu sei quantas vezes você disse que odiava casamentos. Não, não se assuste, não quero me casar. Mas a minha irmã, sim. Não faça essa cara, por favor. A minha família quer saber se me manda dois convites ou apenas um.

– E você quer que te mandem dois... – disse José com expressão de dor no saco.

– Não quero ir sozinha.

– Não sou esse tipo de namorado.

– Eu sei, mas você vai fazer isso por mim, para que eu não seja esse tipo de pessoa sozinha.



5 de abril

Hoje eu liguei para a minha irmã para avisar que podia escolher o que quisesse: salmão, flores importadas, um cisne esculpido no gelo, batatas noisettes em forma de coração, uma carroça com cavalos brancos. O José vai à festa comigo, e eu vou ganhar a aposta. Deveria estar feliz, mas estou apenas tranquila.

6 de abril

Estou namorando?

Outro dia, quando falava com o José sobre o casamento, ele disse que não vai dançar, não vai se fazer de amiguinho do meu pai nem vai aos almoços de domingo. Disse que não será esse tipo de namorado. Ouvi bem? Esse tipo de namorado? A palavra-chave é “tipo” ou “namorado”?

A relação com o Matías, por exemplo, foi um despropósito desde o primeiro dia. O Matías era, ao mesmo tempo, o melhor e o pior candidato. Ou seja, o que mais me agradava e tinha a ver comigo, mas o pior para a aposta. Não duraria nove meses nem que eu o sequestrasse ou o deixasse amarrado ao pé da cama até o dia da festa. O José, em contrapartida, é o extremo oposto. É um bom acompanhante para levar a uma festa, mas não pode impressionar ninguém com essa personalidade nervosinha e essa maneira de comer.

Mas, muito além de tudo isso, se a palavra-chave é “namorado” e não “tipo”, como eu acredito, pode-se dizer que finalmente se acabaram os bancos traseiros de carro para mim. Que, quando alguém me perguntar se tenho namorado, finalmente poderei apontar para o buffet de sobremesas e dizer que aquele grandalhão de terno azul que está se empanturrando de doces com a mão é o meu namorado. Um namorado desses que alugam filmes na

locadora nos domingos à tarde! Um namorado que pega na sua mão para atravessar a rua, que carrega as sacolas do supermercado para você, que te acaricia o cabelo quando você está doente ou que briga com o vizinho que te rouba o jornal todas as manhãs. Um namorado normal. Finalmente.

7 de abril

Como vivo tratando de fazer regime, hoje levei uma salada para o escritório. Dentro de um tupperware coloquei uma salada pronta de repolho, cenoura e chicória amarga (dessas que parecem madeira lixada), adicionei um tomate meio verde, um ovo mal descascado e uma coxa de frango assada no espeto que descansava, plácida, desde o fim de semana na minha geladeira.

Ao meio-dia comprei uma água saborizada e fui ao refeitório degustar aquele lixo com a absoluta convicção de que esse ato heroico por si só já me deixava mais magra. Temperei a salada, misturei tudo e provei. Além de ter uma cara horrível, tinha um gosto péssimo: parecia papel picado.

Como se isso fosse pouco, o Marcelo se sentou ao meu lado, abriu seu tupperware e me iluminou com sua porção de felicidade caseira. Se o tupperware do Marcelo e o meu tivessem sido fotografados, a foto do meu poderia ter ilustrado uma crônica sobre malversação de fundos nos refeitórios escolares da província, e a do Marcelo teria sido a capa de uma revista gourmet. Seu tupperware era a declaração de amor de uma esposa perfeita: sanduichinhos mínimos cortados em triângulos de pão branco e fofinho que pareciam roubados de uma mesa de chá vitoriana, um alfajor miniatura artesanal, uma caixa de suquinho, um tupperware bem pequeno com uma saladinha de batatas (e nada de batatas amassadas, pareciam bloquinhos de madeira para brincar) e dois bombons em papel-alumínio sobre um guardanapo verde dobrado em oito. Tinha até um garfo e uma faca de plástico. Como se ele fosse precisar disso!

Juro que não sabia como fazer para esconder a minha salada. Queria morrer. Me senti como da vez em que estava de moletom e chinelo comprando um alfajor triplo e me encontrei com o meu ex e sua nova

namorada.

Minha situação? Comer a salada em três minutos e sair correndo. Minha sensação? Inveja pura e dura. Moral da história? Nenhuma. Só digo que, mais tarde, José veio até a minha mesa, abriu uma caixinha de chicletes e meteu todos goela abaixo. Nem mesmo teve a ideia de perguntar se eu também queria.

E assim estamos.

8 de abril

Além das minhas obsessões recorrentes ou do meu lacônico relacionamento com o José, ultimamente a minha vida andava muito tranquila. Trabalhar, fazer sexo, sentir inveja, sentir pena. Enfim, o de sempre.

Até ontem.

Às nove da noite me ligou o Rodrigo, meu ex. Fizemos as perguntas de praxe, ele me contou que trocou de carro, perguntei pela mãe dele, ele fez piadas horríveis sobre as minhas plantas secas e a minha incapacidade culinária, e eu o mandei à merda várias vezes. Nada especial, o de sempre. Até a metade da conversa.

– Já está chegando o casamento da Irina, che. Vamos juntos? – me perguntou.

– O quê? Você e eu? Não.

– Assim você não vai sozinha.

– O quê? Quem te disse que vou sozinha? Eu vou com o meu namorado.

– O da festa? Era Ezequiel?

– E como é que você sabe do Ezequiel?

Não podia entender por que o Rodrigo tinha dito Ezequiel se o único homem sobre o qual eu tinha falado alguma vez era o Matías. Achei estranhíssimo. Até um momento mais tarde, quando a minha mãe ligou e eu entendi tudo de repente.

– O que você estava fazendo, querida?

– Nada, mãe. Algum problema?

– Não, nada. Por quê? Eu não posso te ligar quando não houver

problema? Desde quando? Queria saber como você estava, che! – disse a minha mãe, sentindo-se acuada.

– Bom, estou bem.

– Novidades?

– Nenhuma.

– Nenhuma? Nada de trabalho, de... coisas da casa, de... sei lá, namorados?

Quando eu ia responder, senti uma pontadinha no estômago. Por que a minha mãe me perguntava por namorados dez minutos depois de eu ter contado ao Rodrigo que tinha um? E, pior ainda, quem havia contado para o Rodrigo sobre o Ezequiel?

10 de abril

Ontem à noite, depois de ir jogar boliche, José dormiu em casa e tive o sonho mais estranho do mundo. Eu acordava subitamente, muito angustiada, a ponto de chorar, e o chamava tocando em seu ombro para que ele acordasse. Mas José não me dava bola e continuava dormindo. Então eu tirava o cobertor e descobria por que ele não escutava nada: ele estava usando um gorro de lã indígena com protetor de orelha e pompom. Como eu queria falar com ele, eu lhe tirava o protetor, e então já não era José. Era o Marcelo.

13 de abril

Aproveitando que a minha família estaria fora o dia inteiro, fui até a casa da minha mãe e disquei o telefone do Rodrigo usando o telefone fixo. Quando eu liguei do meu celular, ele não me atendeu. Era óbvio. Deixei várias mensagens, e ele nunca respondeu a nenhuma.

Mas dessa vez ele atendeu.

– Ah, se você vê o telefone da sua amiguinha você atende!

E ele se desfez em explicações sem pé nem cabeça: que não tinha bateria,

que tinha ficado doente, que não ouvia as mensagens desde quarta-feira. Qualquer coisa, menos a verdade.

– Então você fala com a minha mãe. Vocês são amigos?

– Não falo com a sua mãe, ela me liga de vez em quando, me pergunta como estou, essas coisas... Eu ia ser o genro dela. Não é tão estranho!

– Não é apenas estranho. É triste. Você é amigo da sua sogra.

– Ela não é minha amiga. Estava preocupada com você, me ligou várias vezes, contei a ela como você estava. Sim, eu disse para ela que você tinha terminado com esse cara na festa, ela pensou que era outro, só isso.

– Claro.

– Ela tem medo de que você vá sozinho ao casamento e me disse que com certeza eu iria sozinho também, que era uma pena... Que eu pensasse bem... E ela tem razão.

– Que doente você é! Você pensa que ela se importa de verdade com o fato de você ir sozinho? Ela queria que você verificasse se eu tinha com quem ir.

– Por quê?

– Porque a minha velha é o Lex Luthor, Rodrigo!

14 de abril

Não suporto mais o José

Todas as qualidades que no começo eu achava engraçadas ou me pareciam minimamente interessantes agora me deixam com o cabelo em pé. Todas. E ao mesmo tempo.

Uma das coisas que mais odeio, por exemplo, é que ele cante músicas do time quando está no chuveiro. Começa gritando “Lacadé, Lacadé” em voz baixa, mas vai se entusiasmando cada vez mais e, no fim, uiva com uns gritos de presidiário que me deixam com os nervos à flor da pele. E, como se isso fosse pouco, mais tarde eu mesma me vejo cantando a mesma coisa em qualquer lugar: “Desde el Este y el Oeste/ en el Norte y em el Sur/ brillará blanca y celeste/ la academia Racing Club”, sem nem perceber.

Outra coisa que me irrita é que, para ele, tudo se resolve na cama. Se

estou de mau humor porque ele chegou duas horas mais tarde, me faz um movimento de pélvis horroroso e adolescente e me diz que vai “acabar com a minha braveza” do jeito que só ele sabe fazer. Se eu perco um arquivo longuíssimo por causa de algum problema no computador do escritório e começo a gritar, ele passa a mão na minha bunda e me diz que eu estou precisando de “um pouco de José”.

E tem mais. Detesto a sua forma de comer. É uma draga. Cada vez que ele vem em casa, assalta a minha geladeira e come até a maionese. Se pedimos comida pelo telefone e demoro muito para pegar uma porção, ele engole até a última migalha. Se quero jantar normalmente, tenho que me encher de comida nos primeiros cinco minutos, porque não há quantidade que me assegure um prato cheio. Ele sempre come mais rápido do que eu.

E, por último, é briguento, descontrolado, mal-educado. Parece um membro de torcida organizada. Faz pouco tempo, almoçando no bar que fica embaixo do escritório, gritou com outro cliente que pegou o saleiro enquanto ele estava no banheiro. Juro que nunca tinha passado tanta vergonha na minha vida. Ou sim, com o Rodrigo. Mas aí está o ponto: para que vou ficar com um ridículo que só quer saber de mim para transar quando tenho um que é igualmente escandaloso e grosseiro, mas que quer ser o pai dos meus filhos?

15 de abril

Hoje de manhã tive que ir buscar umas amostras de tecido para a minha irmã e levá-las ao salão porque ela estava enjoada, desejava comer azeitona e tinha umas brotoejas que coçavam e a faziam chorar o tempo todo.

Acordei uma hora depois que o relógio tocou, procurei roupa limpa (que sempre é escassa por causa da minha conhecida preguiça de lavar) e me maquiei um pouco já no táxi. Cheguei quarenta e cinco minutos atrasada e trombei com a minha mãe, que ia e vinha com os tecidos na mão.

— Ai, nós pensamos que você não vinha... — disse a minha mãe, fingindo desinteresse.

- Me atrasei.
- Ah, bom, eu já estava indo mesmo.
- Bom, não se esqueça de me reservar dois bons lugares.
- Ok, meu bem. E você não se esqueça de ocupá-los.
- O quê?
- Ai, nada, nada. Uma piadinha tonta.

E aí me caiu a última ficha. Não pensei em mais nada. E falei. Demais, é claro.

– Eu vou ocupá-los. E você trate de juntar grana, porque vai precisar. Já que uma coisa é pagar meia festa, e outra é pagar uma festa inteira.

Minha mãe olhou furiosa para a Irina, que se fazia de tonta e olhava as unhas recém-pintadas.

– Eu não falei nada! – disse a Irina, verde de enjoo e com cara de penitência.

– Olha, Lulú – disse a minha mãe. – Se você quer dizer que eu disse para a sua irmã...

– Eu sei muito bem o que você disse para a minha irmã.

Minha mãe olhou fixamente para nós duas, primeiro para mim e depois para a Irina (às vezes ela tem um olhar fulminante, igual ao que nos lançava quando éramos garotas e nos comportávamos mal em público ou quando queríamos pegar outro pedaço de bolo).

– Foi um comentário. Uma brincadeira.

– Não foi um comentário! Foi uma aposta real da qual nós voltamos a falar faz menos de um mês! Agora não dê para trás! – gritou, histérica, a minha irmã.

– Eu escutei a conversa de vocês – disse eu.

– Então as duas formaram um complô contra mim. Eu só disse isso porque, bom, você sempre está sozinha. Eu não inventei nada! Não me olhem como se tudo fosse uma loucura minha. Você está sempre sozinha ou não? Agora isso é culpa minha?

- Não, não é sua culpa. Mas você vai ter que pagar do mesmo jeito.
- Olha, não me provoque, Lulú.
- Eu é que não devo provocar?

– É, não me faça dizer coisas que não quero dizer.

– Vai fundo. O que mais você poderia dizer? Com o que você vai me surpreender agora?

Minha mãe cruzou os braços e me olhou fixamente. Nem sequer piscava.

– Digo primeiro que tem que durar um mês e meio. E vou além. Dinheiro não me falta. Vamos fazer como se isso fosse um incentivo. Se durar um mês e meio, pago a festa inteira. E pronto.

17 de abril

Por que a minha mãe é assim?

Quando minha mãe era menina, minha avó (que, segundo parece, era muito rigorosa) a ameaçava dizendo que ela ficaria solteira como sua irmã, a tia Fefa. Minha mãe conta isso morrendo de rir, mas daqui, a distância, não consigo imaginar o que isso tinha de graça para ela naquela época.

“As garotas de tornozelos grossos como as Bonelli ficam solteiras. Quem não consegue se adaptar não pode casar. A tia Fefa é solteira porque, entre se casar e comer, escolheu comer. E você, o que vai escolher? Quer ser como a sua mamãe (e fazia cara de feliz) ou como a tia Fefa (e fazia cara de gorda com as bochechas infladas)?”

A minha mãe foi gordinha até os nove anos, e a tia Fefa era a sua tia preferida. Atrás da casa (porque ela vivia com eles, como todas as solteironas) ela mantinha uma oficina de corte e costura aonde a minha mãe ia vê-la trabalhar. Minha mãe gostava de ver como ela fazia vestidos a partir de um simples pedaço de pano. Sempre conta a mesma coisa: que para ela franzir uma tira de seda para fazer um babado parecia uma coisa mágica.

As duas, Fefa e minha mãe, tinham um ritual que realizavam às escondidas da minha avó, todas as terças e quintas: comiam bolinhos e massas folhadas, tomavam chá em xícaras inglesas com desenhos azuis e esperavam ansiosas que chegasse uma cliente linda que vinha provar as roupas. Minha mãe não se lembra muito bem dela, mas diz que usava saltos altíssimos e meias-calças importadas com uma risca na parte de trás da perna. As duas

adoravam olhá-la enquanto ela rodava diante do espelho de corpo inteiro e ver a blusa cair pelo seu decote como uma carícia. Segundo minha mãe conta, minha tia Fefa se esmerava especialmente em fazer essa roupa porque dizia que a cliente saberia usá-la.

Com essa idade, minha mãe gostava de um menino do colégio, mas nessa época essas coisas não eram ditas, era um mico absoluto que uma menina suspirasse por um garoto. Entretanto, como a minha mãe não sabia dissimular, todos os amigos dela logo perceberam. Até mesmo o garoto em questão, que se apressou a esclarecer (na frente dela) que não gostava da minha mãe porque “ela era gorda”.

A minha mãe chorou jogada na cama uma semana inteira. Não fazia nada além de chorar. Nem mesmo comeu as bolachinhas que a minha avó tinha deixado na mesa de cabeceira para consolá-la (e olha que era a primeira vez na vida que a minha avó lhe oferecia, por vontade própria, um prato “traidor” com guloseimas).

Nessa manhã, minha mãe deixou de comer às escondidas e baixou de peso pela primeira vez na vida. Até esse momento ela tinha acreditado que a gordura era impossível de controlar. Foi tal a sua surpresa que nunca mais voltou a ingerir nada com açúcar até o dia de hoje. Compra os bolos, serve, elogia, mas nunca come. Olha para eles fixamente como se fossem bichos que pudessem devorá-la por dentro.

Às vezes, quando a minha mãe me diz para eu largar um bolinho, eu a odeio. Eu a odeio por ser superficial, ardilosa, insensível. Mas outras vezes, quando estou distraída, eu a imagino pequenina e gordinha, chorando em seu quarto, com a mandíbula apertada de raiva, tentando se conter para não pegar uma bolachinha da cabeceira, na esperança de, ao ficar adulta, ser como a cliente da blusa e não como a modista. Já não sinto raiva. Só pena.

19 de abril

A relação com o José entrou naquilo que eu chamo de “ponto cinzento”. Estamos até o pescoço da rotina medíocre de caszinho jovem que trabalha

em escritório e compartilha um quarto e sala barato, briga pelo controle remoto, faz sexo três vezes por semana e sai na sexta-feira, cada um para um lado, com amigos. Somos assim comuns. Uma estatística, um clichê, uma mentira que se veste de amor para ter uma mãozinha que nos ajude a carregar as sacolas do supermercado ou que ocupe uma cadeira em uma festa de casamento.

De tempos em tempos, entretanto, fazemos algo fora do comum. Como na segunda de manhã, enquanto o José tomava banho, por exemplo.

– Mi viejo siempre me decía/ Llévalo en el corazón/ Te van a cagar dirigentes/ Te va a delatar un botón... – cantava José no banheiro.

– Para com isso, che – disse eu enquanto me vestia.

– Pero me importa una mierda/ Yo vivo con esa ilusión/ La de poder ver a Racing/ De nuevo campeón... – continuava gritando e pulando, com o chuveiro aberto.

– José! Você está me deixando louca! Para já de cantar essa porcaria, che!

– Ooooooooooooooooooooooh! Ohhhhhhhhhhhhhh!

Lacaaaaaaaaaaaaaaaaaadé, Lacaaaaaaaaaaaaaaaaaadé.

– Não faça de conta que não está me ouvindo!

– Ohhhhhhhhhhhhhhhhhhhh! Ohhhhhhhhhhhhhhhh!

– Puta que o pariu!

– Mi viejo siempre me decía/ Llévalo en el corazón/ Te van a cagar dirigentes/ Te va a delatar un botón...

Então me levantei, fui até a cozinha, abri o móvel da parte debaixo da pia, fiquei de joelhos e finalmente ouvi o grito que eu queria ouvir.

21 de abril

Hoje, quando eu voltava do almoço, cruzei com a Marina e o Marcelo na entrada do edifício. Ou, melhor dizendo, quase cruzei, porque demorei de propósito na banca de jornal. Odiava vê-los fazendo as suas exibições de namoradinhos. Não hoje, que estava tão frio. Então preferi me convencer de

que precisava de lenços de papel nesse exato momento.

A Marina lia a palma da mão do Marcelo, e eles riam. Tentei decifrar o que eles diziam, mas seus lábios eram ilegíveis a distância. Ela falava, falava, falava sem parar. O vento a despenteava e ela arrumava de novo a franja, divertida, enquanto continuava olhando a mão do Marcelo com fingido interesse.

Comprei os lenços, examinei uns óculos expostos em um exibidor giratório, dei uma olhada na variedade de bolachinhas e no exagerado preço dos laticínios da geladeira vertical, na esperança de que o tempo passasse rápido e eu não tivesse que reconhecer para mim mesma que estava me escondendo. Mas não deu. Eles continuaram rindo na porta, e não me restou outra opção: tive que voltar para o escritório.

Quando me viram, Marcelo largou imediatamente a mão de Marina. Suponho que ele tenha ficado com vergonha da brincadeira pueril de namoradinhos. Talvez tenha sido um ato reflexo. Enquanto ele abaixava os olhos, ruborizado, ela me explicou que estava lendo a sorte dele.

Mais tarde, enquanto subíamos no elevador do escritório de novo, perguntei a ele o que ela tinha dito.

– E aí? Você vai ter sorte?

– Ela diz que vamos nos casar e ter sete filhos.

– Sete?

– Eu não acredito nessas coisas – disse o Marcelo, encolhendo os ombros.

– Eu também não.

24 de abril

Eu amassaria a cabeça dele como uma abóbora. Pegaria um pau, uma batata crua, algo bem contundente e jogaria nele bem de longe, para que desmaiasse. Ou não. Eu lhe daria uns soníferos misturados em uma garrafa de vinho para que dormisse até o ano que vem. E depois incendiaria o Cilindro de Avellaneda⁹ com a tocha olímpica.

Ontem, enquanto víamos o jogo do Racing, José esgotou a minha paciência:

– Y ya lo ve/ Y ya lo ve/ Es el equipo de José.

Não sei o que é pior: que seu time ganhe e, por causa disso, ele comece a cantar exaltado, ou que perca e ele comece a repetir a história de quando o Racing foi campeão de 1966. Se eu ouvir de novo a história de que ele foi o primeiro campeão do mundo, o tricampeão do futebol argentino, que encheu dois estádios inteiros ao mesmo tempo, me jogo pela janela. Juro.

– NÃO! NÃO! – gritou José.

Dizem que, se você desejar algo com muita força, acaba se realizando. Vou tentar. Cala a boca. Cala a boca. Cala a boca. Cala a boca. Cala a boca. Cala a boca. Cala a boca. Cala a boca. Não funciona. A única opção vai ser matá-lo ou cortar a língua dele.

– Ei, José.

– Me chame de José Lacadé ou não te respondo.

– Ah, vai.

– O que foi, lerdinha?

– Temos que conversar.

– Hein? – disse, olhando a televisão. – PÊNALTI! PÊNALTI! Agora? José esmurra a mesa.

– É.

– Sobre o quê? PÊNAAAAAAAAAAALTIIII, PUTA QUE O PARIU!

– José...

– Tem que ser agora? Você planeja isso, não? Temos que conversar justo agora que o Racing está quase fazendo um gol?... Já foi. Eu digo. É um idiota, merece isso porque é um idiota.

– No domingo eu vou almoçar com a minha família.

– Nem me peça para ir, eu passo para te pegar quando terminar. PÊNALTI!

– Você se acha, mesmo! Eu nem ia te chamar.

28 de abril

No fim, ontem José passou para me buscar na minha mãe. A ideia era que ela o visse e soubesse que eu estava com alguém. Nada mais. Por isso, quando o José chegou, deixei que ele ficasse alguns minutos tocando a campainha, até a minha irmã me avisar que tinha um homem me chamando na porta, depois peguei a bolsa e saí. Mas a minha mãe não ficou quieta. Ao escutar a palavra “homem”, em vez de perguntar quem era, me interceptou e abriu a porta ela mesma.

Entusiasmada pela novidade, minha mãe tratou de convencer o José a ficar para tomar café. E, apesar de José recusar, monossilábico e sem graça, ela ficou insistindo até as últimas consequências.

– Talvez outro dia – disse José, frustrado.

– Ai, não sejam tontos! O que vocês têm para fazer? Se você for como esta, que vai dormir a sesta... – disse a minha mãe enquanto descíamos a escada. A cara do José se transformou. Ficou muito sério e franziu o cenho com uma raiva digna de torcida organizada.

– Esta quem?

– Minha filha! Você vai ver o que ela dorme, vai te assustar. Quando ela era menina, eu batia na porta porque ela ficava dias sem sair do quarto...

– Mãe...

– Ficava ali vendo televisão e dormindo o fim de semana inteiro, em vez de sair. Então papai e eu...

– Mãe!!!

– Batíamos na porta e lhe dizíamos: “Lulú, meu amor, você está viva?”. Mas ela respondia que sim e continuava lá dentro, comendo sem parar e vendo televisão até a segunda-feira, quando ia para o colégio de novo.

– Em teoria isso deve me assustar? – disse José, irritado.

– Ai, não, che, era uma piada – disse a minha mãe, e deu uma palmadinha no ombro do José.

Agarrei o José para ir embora, enquanto tentava engolir as lágrimas. A única coisa que eu queria era desaparecer e não falar mais nada. Nem com ele nem com a minha mãe.

– Ai, meninos, que mau humor! Foram feitos um para o outro!

– Esta é a tua coroa?

– Por favor, vamos embora.

– Ah, por favor, vão dormir a sesta.

– Cacete. Esta é a tua coroa?

A minha mãe abriu os olhos como se tivesse visto um fantasma. Eu comecei a puxar o José para irmos embora.

– Mas ela não pode falar assim, que merda ela tem na cabeça?... É a tua mãe! Como é que ela fala assim?!

– Eu te peço: por favor, vamos embora.

– Mas o que foi que eu disse? O que eu fiz agora? – gemia a minha mãe.

Enquanto a minha mãe fazia uma cara de coitadinha, eu continuava puxando o José, que a olhava, estupefato, esperando que ela dissesse mais alguma coisa para comê-la viva.

– Mas escuta! Você não percebe porque é a sua mãe, mas ela pirou, está completamente louca. Responda, ou vou responder eu! Responda, ela está louca!

Mas eu não conseguia fazer nada. Comecei a chorar e lhe pedi em voz baixa que fôssemos para casa, que depois a gente conversava, que depois a gente via o que ele quisesse, mas depois. Pedi, por favor, que deixasse para depois.

E fomos embora, enquanto eu chorava e ele olhava para trás, encarando a minha mãe, que encolhia os ombros, desorientada.

29 de abril

Desde o domingo as coisas com o José estão estranhas. Ele ficou bravo porque eu não disse nada para a minha mãe, e eu me assustei com a reação dele. Apesar de não estarmos brigados, depois de semelhante episódio eu quis ir sozinha para a minha casa, ele foi para a casa dele e não voltamos a conversar até ontem, quando discutimos em um corredor do escritório. Mas não gritamos, não brigamos nem dissemos coisas feias. Só conversamos, e não

conseguimos entrar em acordo a respeito de nada.

O Marcelo percebeu que eu estava com uma cara meio descomposta e me perguntou o que acontecia, mas eu não quis responder. Então ele se agachou atrás da minha mesa e me disse que conhecia bem a minha cara e que não importava o que eu dissesse, a essa altura ele já tinha me olhado tanto, tantas vezes, com tanto detalhe, que já conhecia todas as minhas expressões de cor.

30 de abril

Uma questão de peso

Ontem eu tive um sonho horrível de novo.

Há uns dois anos, quando terminei com o Rodrigo e fiquei solteira de novo, engordei quinze quilos. Nessa época, eu acordava supertarde, porque estava estudando para as últimas provas da faculdade, e andava de camisola e toda descabelada para ver o que tinha na geladeira e providenciar um brunch tardio saturado de gorduras trans. Agora que me lembro disso, não posso acreditar. Não pelas coisas que eu comia, mas porque não sentia nenhuma culpa. A tragédia amorosa justificava cada mimo culinário, cada petisquinho e cada banho de azeite a mais.

No sonho, eu ia cambaleando até a geladeira e, quando a abria, ela estava vazia. Então eu perguntava para a minha mãe se ela não tinha ido ao supermercado, e ela me dizia que nós tínhamos que conversar.

– Mas eu estou com fome! – insistia eu, de péssimo humor.

Mas a minha mãe tratava de me convencer a não comer, com a desculpa de que queria me apresentar alguém. Eu, do meu lado, dizia a ela que não queria conhecer ninguém, que eu tinha acabado de terminar com o meu namorado, mas ela insistia que era algo diferente e me pedia que fosse até a sala.

Quando eu ia para a sala, encontrava o Adrián Cormillot sentado e me apaixonava por ele à primeira vista. Não sei por quê. Não tem lógica. Mas eu o via e sentia um amor que me afundava o peito. Tremia de emoção e caminhava até ele como se estivesse hipnotizada.

A minha mãe nos apresentava e nos deixava a sós, e ele me contava que tinha um programa de televisão no qual ajudava os gordos a deixar de comer. Eu fazia que estava escutando, mas ficava admirando seus olhos, sua boca, suas mãos enormes. Pouco depois, não conseguia me conter e tentava beijá-lo. Me aproximava lentamente, como nos filmes, e ele inclinava a cabeça para receber comodamente o meu beijo.

Mas era só me aproximar da sua boca, a um milímetro de roçar os seus lábios, que Adrián Cormillot colocava um dedo entre nós e bloqueava o beijo.

– A sua mãe e eu queremos convidá-la para o programa Questão de peso – dizia Adrián Cormillot.

– O quê?

A minha mãe, que tinha visto tudo, saía do corredor onde esperava escondida esfregando as mãos, com medo.

– Ótimo!

– Eu já vou emagrecer! Não preciso ir a um concurso de gordos na televisão! Vocês não percebem que eu estou triste?

– Você não está triste, está gorda – sentenciava Adrián, fulminante. Então eu acordei e comi um alfajor.



Maio

Faltam 30 dias



1º de maio

As coisas estavam um pouco melhores com o José. Eu tratei de me esquecer da sua exaltação e preferi ficar com a lembrança de que ele me havia defendido da minha mãe – coisa que ninguém tinha feito antes. Nem eu mesma.

Talvez não tenha sido a melhor maneira de fazê-lo, é verdade. Talvez ele tenha extrapolado metendo-se em uma questão que não lhe dizia respeito, isso também é verdade. Talvez eu também tenha tido culpa. Mas a verdade é que ele me defendeu. Posso acusá-lo de ser impulsivo, mal-educado, um animal. Mas pelo menos ele me defendeu quando ninguém mais fez isso.

Essa argumentação, que à primeira vista parece muito doce e tolerante, e que de alguma forma me devolve a fé no gênero masculino, me fez bem durante todo o dia de ontem. E digo “o dia de ontem” porque hoje já não sinto a mesma coisa.

Tudo começou ontem ao meio-dia, no bar de baixo do meu escritório, quando José e eu pedimos a comida. Eu pedi um bife à milanesa ao forno e uma salada, e o José, dois pratos de nhoques. Como era de prever, de novo o bife à milanesa veio encharcado de óleo, e tive que chamar o garçom para pedir que ele o trocasse. Como ele recusou, tivemos uma espécie de discussão amável. Ele disse que a carne era ao forno, e eu disse que estava encharcada de óleo, como se fosse frita. O José lhe disse que éramos clientes de quase todos os dias, que não valia a pena discutir, que era melhor que ele trocasse o bife por um que não tivesse tanto óleo e pronto.

Mas pouco tempo depois me trouxeram outro bife à milanesa tão engordurado quanto o anterior, e eu percebi que não devia ter insistido nisso. Por isso, comecei a comer, e ele, ao me ver aceitar o meu destino com tanta resignação, enlouqueceu e me tirou o prato, indignado.

– Você sempre faz a mesma coisa, deixa que as outras pessoas façam o que querem e, para não brigar, termina comendo algo de que não gosta. Continuei comendo em silêncio, na secreta esperança de evitar uma briga. Ele ainda falava, mas eu o ignorava, e isso o deixava cada vez mais nervoso. Tive

que intervir quando ele me arrancou os talheres e chamou o garçom de novo.

– Falando sério, não se preocupe. Não é para tanto, eu gosto assim mesmo.

– Você não gosta assim! Está louca? Fala com ele!

Quando o garçom chegou, José começou a discutir, dizendo que não íamos pagar nem comer esse bife à milanesa, e que podiam levá-lo agora mesmo. O garçom disse que era exatamente como eu tinha pedido e que, se não colocassem um pouco de óleo, ficava grudado na assadeira. José argumentou que isso não era milanesa com óleo, mas sim óleo à milanesa, e a conversa subiu tanto de tom que aconteceu o que eu não queria que acontecesse. José o xingou e jogou o prato no chão.

Essa foi a nossa última refeição no bar. Não podemos voltar lá. Nem mesmo em grupo. Suponho que vamos pedir o almoço pelo telefone, procuraremos outro bar ou trarei algo de casa. Porque prefiro não almoçar a olhar para a cara desse garçom.

2 de maio

Por causa do escândalo da quarta-feira, tive que sugerir a todo mundo que procurássemos novos lugares para almoçar. Tentando dissimular, perguntei se eles não estavam cansados das bebidas quentes, dos erros nos pedidos, do purê empelotado e do pão borrachudo do dia anterior, mas disseram que não. Que o bar ficava perto, que era barato e que o atendimento era rápido.

Como eu fiquei sem argumentos, tive que explicar a verdade: que tínhamos sido expulsos do bar. Foi só o José comentar que tinha feito um bife à milanesa voar com prato e tudo, e o escritório inteiro explodiu em uma gargalhada parecida com um trovão longo e poderoso. José se justificava dizendo que “era culpa deles, por serem idiotas”. E eu, do meu lado, só encolhia os ombros, envergonhada.

Finalmente, o José convenceu todo mundo de ir a outro lugar, que acabou sendo uma maravilha. Eu inclusive fiquei contente de que o José tivesse jogado o bife pelos ares. Havia muitíssimas saladas e outros pratos vegetarianos excelentes e sem gordura. Ao mesmo tempo, por ser um buffet

de preço fixo, os animais como José e Silvani podiam engolir carroças inteiras de torta de abobrinha e croquetes de milho sem se preocupar com a conta, e para Marcelo (que detesta os conservantes) e Piñata (que está fazendo regime) também era o lugar ideal. Ou seja, foi um excelente negócio.

Previsivelmente, a conversa girou em torno do restaurante. Silvani perguntava: “Isto tem carne?” diante de todas as bandejas. Eu, por minha parte, não tinha ideia do que era cada coisa, mas me guiei pelo Marcelo (que explicava o que continha cada receita) e pelo José (que resumia “os vermelhos são muito bons” ou “esses tomates valem a pena”).

Mas, no meio do nosso festival de comida natural, cruzamos com um cliente-surpresa. Quando José disse que “todo mundo” agora almoçava ali, nunca pensei quem era todo mundo para ele. Imaginei uma massa amorfa de desconhecidos que faziam um arrastão para encher o bucho de cenoura ralada. Não pensei em ninguém especial.

A surpresa me surgiu na mesa de saladas, quando o Matías, vermelho e sem graça, me disse um olá embaraçado e sem jeito. Mas, longe de ficar nervosa, me chamou a atenção o fato de eu ter ficado tão serena. Para mim, tanto fazia que ele estivesse perto. Tinha passado muito tempo, nos víamos pouco, e eu já tinha refeito a minha vida. Mas era óbvio que para ele era diferente. Ele estava incômodo, irritado. Queria ir embora correndo.

Para ser sincera, correndo o risco de parecer uma idiota, tenho que confessar que nesse momento eu me senti bem. Em vez de fugir, me fiz de desenganada e perguntei como estava. E, um pouco por sadismo e também porque queria curtir essa brisa de maioridade, estive a ponto de perguntar como ia o trabalho, o que ele achava do clima, se era a primeira vez que ele vinha ali, mas não consegui. Fiquei muda. O mundo parou para mim. Deixei de escutar. As abobrinhas ficaram nebulosas. As mesas começaram a girar. E me senti uma idiota exemplar quando a sua ex-namorada voltou da mesa de saladas com dois pratos e disse a ele: “Mati, não tem azeite de oliva”.

Para o cúmulo dos males, o José estava longe, empilhando comida em seu prato como se tivesse estourado a terceira guerra mundial. Ter um homem ao lado é quase como um abrigo para o ego e um paraquedas. Você sabe que, se emudecer, ficar vermelha ou começar a dizer umas besteiras, o outro vai te

resgatar ou dizer que temos que ir embora.

Por sorte, o Marcelo, que conhece muito bem a história, se aproximou para nivelar o desconforto. Não sei o que o Marcelo tem, mas ele sempre sabe. Não tenho ideia se é uma qualidade feminina, fraternal ou curandeira, mas ele sempre sabe o que está acontecendo pela cara dos demais.

Conversamos um pouco mais, mas a tensão enchia todos os silêncios. O Marcelo, então, decidiu cortar a coisa aí, dizendo que todos estavam esperando a gente para começar a almoçar. E o Matías reagiu mal. Disse ao Marcelo que ele estava falando comigo e que ele fosse quando quisesse. Marcelo, embaraçado, retrucou que eu não tinha nada para conversar com eles dois, e o Matías respondeu algo que ainda não consegui entender:

– Eu já te disse várias vezes para você se meter com a sua vida.

– É, mas isso é assunto meu. Ou melhor, é da conta de todo mundo – respondeu Marcelo, fitando a ex-namorada do Matías.

E nós fomos para a mesa.

Nesse momento, não percebi nada. Só voltei para a mesa, almocei e fiquei pensando a tarde inteira no Matías e na sua namorada. Quantas outras vezes teriam brigado e voltado de novo. Quantas garotas o Matías teria conhecido quando estava no buraco. Quantas ele teria traído com a ex-namorada ou para quantas teria deixado de ligar de repente porque voltara para ela. E, acima de tudo, a que se referia o Marcelo quando tinha dito que ela era da conta de todo mundo. Teria rolado algo entre eles também?

Apesar disso, não consegui averiguar nada. Nem no sábado. Nem no domingo. Nem hoje. E, pelo que me disseram, nem amanhã, nem mesmo depois de amanhã. Porque, pelo que parece, o Marcelo finalmente conseguiu uma garota que quer ir acampar e a levou com ele durante o fim de semana prolongado.

3 de maio

O Marcelo terá levado a Marina ao mesmo camping aonde foi comigo? E ficaram lá? Será que ela gostou? Será que ele disse que já foi comigo? Será que ela se importou com isso? Será que ela continuou lá depois de saber disso? E se eles não foram a um camping? E se foram a uma pousada? Com certeza foram a um hotel. Claro. A mim ele levou a um camping horrível, e a ela, a um chalé com chaminé de frente para um lago maravilhoso. Comigo ele errou e com ela aprendeu. Que sorte! Bom para eles. Tomara que curtam muito no chalezinho.

4 de maio

Ontem eu não aguentei mais e liguei para o Marcelo. Supostamente para lhe perguntar o que tinha querido dizer com aquilo. E digo supostamente porque agora, enquanto escrevo aqui, percebo que não tinha muito sentido ligar, pois, se rolou algo entre a ex-namorada do Matías e o Marcelo, eu não tenho nada a ver com isso.

– Oi, sou eu – disse eu, segura.

– Oi! Aconteceu alguma coisa?

– Eu te liguei várias vezes, mas o celular estava desligado.

– Ah, é que eu estou longe.

– É, já fiquei sabendo que você está em um chalé ou algo assim.

– Que chalé?

– Ah, não importa. Eu te liguei porque não entendi aquela discussão com o Matías.

– Não podemos falar disso quando eu voltar?

– E quando você volta?

– Na quarta. O que aconteceu? Você está bem?

– Estou sim. Pensei que você voltasse antes. Queria conversar.

– Você precisa que eu volte antes? Está acontecendo alguma coisa? Aconteceu algo com o Matías? Você está sozinha? Pode falar agora? –

perguntou Marcelo.

- Posso. E você, pode falar?
- Posso. Por quê?
- Por nada. Sorte no chalé.
- Não é um chalé!
- O que é?
- Um hotel.

7 de maio

O Marcelo voltou do feriado ao meio-dia. A primeira coisa que disse foi “voltei”. Levantei a cabeça e ali estava ele, descansado e ansioso, como se esperasse algo de mim.

Ele me perguntou se eu queria ir almoçar lá embaixo para conversar, e eu disse que sim. Peguei as minhas coisas, ele deixou a bolsa e descemos. Pensei que se eu fosse sem o José não haveria problemas. Afinal de contas, não fui eu que fiz o bife à milanesa voar. Foi ele. Mas no trajeto nós cruzamos com o Piñata e o Silvani, que também queriam almoçar e acabaram se juntando a nós. E chamaram a Graciela. E a Gisela. E o José, que, apesar de seu papelão, não hesitou em ir também. De forma que, finalmente, almoçamos todos juntos, e eu sosseguei.

O almoço foi como o de todos os dias. Gritos pedindo mais refrigerantes, bifes à milanesa engordurados, bebidas trocadas e essa luta confusa de vales-refeições imprecisos no fim do almoço. Por isso não conseguimos conversar. Nem mesmo quando todos finalmente estavam almoçando, porque no meio do almoço a Marina ligou para o celular do Marcelo. Percebi pela cara dele e pelas coisas que dizia.

– Aqui, no bar, almoçando com todo mundo. Sim. Não. Mais tarde, eu o deixei aqui. Sim, com todos. É, está. Para quê? Vamos, che. Nos falamos depois. Não. Para quê?

Enquanto isso, eu comia um pão para dissimular que estava muito concentrada em escutar a sua conversa.

- Porque não tem nada a ver. Não. Bom, vamos ver, espera.

E passou o telefone para mim, que fiquei dura como uma estátua.

– Ela quer falar com você, está fazendo graça, sei lá.

Peguei o telefone um pouco atemorizada e um pouco sem graça pela esquisitice da proposta.

– Tudo beeeeeeeeeeeeeeeeeem? Como vocês estão se comportando? A comida é boa? E meu namorado?

– Seu namorado o quê?

– Se ele está se comportando!

– B-bem... sim.

O Marcelo mordia o lábio, embaraçado.

– Ahahahhhaha. Bom, cuide muito bem dele para mim. Peça para ele te mostrar as fotos do hotel. Ficaram lindas!

– Bom, eu peço. Tchau.

E passei o telefone de volta para o Marcelo como se ele me queimasse as mãos. Por sorte, nesse momento nos trouxeram a comida e pudemos mudar de assunto. Agradei religiosamente cada mordida salvadora, cada comentário criticando o purê, cada sacanagem dita por causa da alface murcha. Até que escutei algo que devia antecipar tudo o que viria depois.

– Mas, puta que pariu, como é possível que não sirvam direito porra nenhuma? – gritou o José, furioso.

Tratei de minimizar a situação me oferecendo para trocar de prato com ele, mas ele não quis e chamou o garçom. O mesmo com quem ele tinha brigado da outra vez.

– Você está bem? Quer que a gente converse sobre isso depois? – me disse o Marcelo, em voz baixa.

– Se não acabarmos todos na cadeia, sim.

– Ei! Dá para trocar isso? To-ma-tel! To-ma-tel! – gritou o José.

– Pare com isso, por favor. Você come qualquer porcaria sintética e não pode comer outro molho? Coma isso já e pare de fazer escândalo – ameacei.
– Por quê? Eu não pedi isso, eles se enganaram. Eles que troquem.

– Porque eu estou pedindo – supliquei, tentando mudar o registro.

– Não, lerdinha. Isto é uma questão de princípios.

– Então como eu. Eu como os dois, estou com fome, e você pede um

novo – tentou o Marcelo.

– O que acontece com vocês dois? Trabalham aqui? Eles descontam os nhoques?

José se levantou, assobiou e gritou ao garçom:

– Você está de sacanagem comigo, che? Não vê que eu estou te chamando faz meia hora?

– José, por favor! – pedi.

– Não, louco! Eu não pedi isso. Eles se fazem de idiotas de propósito.

Nesse momento eu senti tanta raiva e humilhação que estive a ponto de começar a chorar. Teria preferido que a polícia tivesse me levado com uma jaqueta na cabeça, como os ladrões, para que ninguém me visse. Mas não podia. Todo mundo nos olhava: as garotas de outros andares murmuravam, os homens se acotovelavam e riam, os desconhecidos abriam a boca com uma fascinação mórbida. Ninguém ficava indiferente ao espetáculo de José. Então eu peguei as minhas coisas e fui embora correndo, enquanto a gritaria se tornava cada vez mais pesada e difusa.

Voltei ao escritório, mas fiquei sentada na escada de serviço, pensando. Não queria falar com ninguém. Muito menos que me perguntassem onde estavam os demais ou por que eu tinha voltado antes. Se eu fumasse, teria fumado um cigarro. Seria legal ser fumante nesse momento, ou pelo menos tomar um café.

Dez minutos depois chegou o Marcelo. Ali atrás da porta, eu o ouvi perguntar por mim. Hesitei alguns segundos e o chamei. Ele se sentou do meu lado, na escada, tentando não rir. Me deu um pacote de papel branco com algumas manchas de óleo.

– Pedi que eles embrulhassem, ou você ficaria sem almoçar. Quer que eu te traga talheres?

E não sei se foi a comida, a falta de cigarros ou a escuridão da escada. Não sei se era eu que queria ou se era ele. Também não sei se está bem, se está mal ou mais ou menos. Mas eu o beijei.

8 de maio

Hoje, quando cheguei do escritório, dei de cara com o convite de casamento debaixo da minha porta. Eu não tinha ido buscá-lo. Na verdade, não voltei a almoçar com eles depois da briga entre a minha mãe e o José. Acho que ela deve ter deixado os convites ali. Não sei se foi por reconhecer a sua suposta derrota ou para tentar uma aproximação, mas no envelope, em letras prateadas, está escrito “Lucía e José”.

10 de maio

Na sexta-feira à tarde rolou o que eu supunha que rolaria: o Marcelo quis falar do beijo. Essa cena se repetiu milhões de vezes ao longo do último ano. Cada vez que alguém quer falar comigo, eu fujo. Não sirvo para confrontos. Não sei o que dizer, não sei como dizer, e na metade das vezes termino chorando. Mas dessa vez eu mesma tinha propiciado a situação, e não conseguiria escapar impunemente. Mesmo que não tivesse nada para dizer, teria que abrir a boca.

– Não vamos conversar?

Eu encolhi os ombros.

– Vamos agir como se não tivesse acontecido nada?

– Não...

– E então?

– Não sei. Foi rápido demais, eu não pensei. Você disse que tinha acabado. Você disse que era a última vez, que já não estava nem aí.

– Já sei que eu disse isso...

– Não sei. Preciso pensar – disse eu, incerta.

– Você já pensou durante meses. Me diga alguma coisa. Agora.

– É que eu não sei.

E encolhi os ombros de novo.

11 de maio

Às vezes, quando me vejo diante de uma situação determinada, os fatos se apresentam claros e contundentes. Não tenho dúvida. Tenho certeza. Tanta certeza como de não gostar de erva-doce, de subir em montanha-russa ou de ver cinema iraniano.

Me chama a atenção, então, que em algumas ocasiões essas certezas que em algum momento foram tão claras se desvanecem como um argumento nebuloso na minha memória. Como se eu as virasse do avesso e encontrasse um montão de razões ocultas que dizem o contrário e que, cega por uma segurança avassaladora, nesse momento eu não pude ver.

Como pode ser que uma verdade absoluta de repente se desvaneça como em um feitiço? Como alguém que antes nos deixava loucas de amor agora nos parece um maluco banal e, ao mesmo tempo, alguém que parecia ser um babaca completo e sufocante de repente se transforma em um príncipe encantado? Se eles não mudaram e nós também não, o que é que mudou nesse meio-tempo?

Hoje, enquanto José falava sobre a possível queda do Racing para a segunda divisão e eu fazia de conta que ouvia, pensava o que teria acontecido se eu tivesse escutado o Marcelo da primeira vez. Talvez não tivesse saído com o Matías. Talvez nunca o tivesse encontrado beijando a sua ex e não tivesse tido que me inscrever em um portal de encontros, nem sair com um amigo da Marisa ou com o José.

Mas naquele momento, no fim do ano passado, tudo parecia tão verdadeiro... Tinha tanta certeza das minhas negativas, estava tão concentrada em me queixar, em fugir, em olhar para outro lado... Talvez, se ele não tivesse sido tão insistente, nem eu tão histérica, nem Matías tão simpático, nem a minha mãe tão mordaz... Quem sabe o que teria acontecido se eu não tivesse estado tão segura de algo que talvez não fosse verdadeiro.

13 de maio

Hoje o José veio para casa depois do trabalho. A ideia era pedir algo para comer e ver um filme, mas não deu certo, porque o aparelho de DVD empacou e não funcionou mais. E, quando digo que não funcionou, não quero dizer que estivesse quebrado. Longe disso. O aparelho estava bom, o que não andava bem era outra coisa.

Enquanto eu pedia a pizza, José colocou uma música, mas o CD começou a girar em falso e não tocava. Então ele resolveu colocar outro, mas, quando ia abrir o aparelho, ele enguiçou. José tentou arrumá-lo desligando e ligando várias vezes, forçando-o com um clipe, fazendo uma alavanca com uma faca, tirando a tampinha do display, mas não tinha jeito. E durante o processo foi ficando tão nervoso que finalmente deu um murro nele e o quebrou para sempre.

Eu fiquei tão mal com aquilo que parei de falar, atônita, e ele, que não é exatamente um mago das relações interpessoais, procurando me consolar, não teve ideia melhor que dizer que a culpa era do aparelho, que era uma porcaria.

Foi só ele dizer isso que eu comecei a chorar desconsoladamente e a gritar que ele era um animal, que eu não o suportava mais, que queria que fosse embora naquele instante da minha casa. Disse que esse era o meu aparelho de DVD, que sempre tinha funcionado bem e que eu tinha comprado com sacrifício. Que ele não tinha o direito de quebrá-lo daquela forma. Que eu estava cansada de seus gritos, de seus escândalos, de sua personalidade impossível. Que eu não queria passar mais vergonha nem ter medo de que ele explodisse em qualquer situação. Que ele era um grosseiro, um irascível, um orangotango e que eu não iria suportá-lo nem um minuto mais.

Ele, por sua parte, também gritou. Argumentou que não era culpa dele que o aparelho fosse um lixo, que eu ficava histérica por qualquer coisa, e, ato seguido, pegou a bolsa e saiu batendo a porta, ofendido. Não sei quem terá aberto a porta de baixo para ele, mas penso que alguém o fez, porque quando a pizza chegou ele já não estava lá.

Não é demais dizer que o DVD nunca voltou a funcionar. Morreu, opaco e calado, como morrem os eletrodomésticos.

14 de maio

Hoje ao meio-dia, Piñata convidou todo mundo para almoçar lá embaixo. Para evitar cruzar com o José, eu disse que não poderia ir, mas ele foi tão insistente que no fim eu tive que ceder para não ter que dar tantas explicações sobre a minha falta misteriosa.

Fiquei vinte minutos no almoço, mas foram vinte minutos eternos. José se empenhava em falar comigo, e eu em dizer a ele (furiosa, antipática) que não queria conversa. Para ele, era como se nada tivesse acontecido. Inclusive me deu um beliscão na bunda na frente de todo mundo, e tive que lhe lançar um olhar furioso para que entendesse que o nosso problema não se solucionaria com gestos atrevidos.

Enquanto isso, Marcelo nos olhava, divertido. Suponho que de alguma forma estranha deveria estar contente com o fato de a gente se dar tão mal ou, pior ainda, de a gente já não se dar de forma alguma. Quero dizer, a distância entre José e mim era óbvia. A gente não conversava, não interagia, e eu me soltei várias vezes quando ele quis me pegar pela cintura.

À tarde, José veio até a minha mesa e me sugeriu que conversássemos, mas eu disse a ele que tinha muito trabalho e que não poderia até mais tarde. Ele me perguntou a que horas eu sairia, e eu lhe disse que duas horas depois do seu horário, para não ter que cruzar com ele na saída. A verdade é que eu não tinha um plano. Só sabia que não podia ficar nem cinco minutos mais com ele. A sua presença me tirava do sério. Se eu tivesse café, teria jogado em cima dele, como fiz outras vezes.

Como se isso fosse pouco, todo esse estica e puxa aconteceu na frente de todo mundo, na minha mesa. E, quando digo “todo mundo”, incluo todos os que alguma vez nomeei: Piñata, Marcelo, minha chefe, Graciela, Silvani, Gisela e dez empregados mais que só conheço de vista. Ou seja, quase um andar e meio da redação. Todos, mas absolutamente todos, viram a nossa briga. Mas tenho que confessar que durou pouco. Quando descii do escritório, ao concluir o dia, uma surpresa estava me esperando. José estava sentado na

escada com um aparelho de DVD novo na mão e um pedido de desculpas na boca.

Fiquei profundamente comovida por ele me pedir perdão e me comprar um aparelho novo, mas, sobretudo, gostei do fato de ele ter esperado duas horas, ter embrulhado para presente e ter se sentido mal por sua atitude de chimpanzé destruidor.

Ele me esclareceu, entretanto, que não poderíamos usá-lo até que terminasse o jogo do Racing, e eu, que estava muito afável e comovida com a sua atitude, disse que não tinha problema. Que ele visse o jogo tranquilo e que podíamos ver um filme depois.

Apesar disso, a emotividade me durou duas horas. Assim que chegamos em casa, José colocou o meu roupão e as minhas pantufas, para ficar mais confortável, e começou a pular em cima do sofá e a gritar para a televisão cada vez que o Racing ficava a ponto de fazer um gol.

E então voltei a sentir a mesma coisa de antes. Ódio.

Acho que nenhum vizinho pôde comer em paz. Seus gritos, seus xingamentos, seus escândalos eram exasperantes. Era uma merda atrás da outra, como um cordão de linguças interminável. Quando acabou o jogo, como eu estava de cara fechada por causa dos gritos, e ele, por causa do resultado, nos sentamos para comer em silêncio. Suponho que ele pensava no clube de seus amores, e eu, que jamais deveria ter-lhe dito que visse o jogo em casa. Mas não chegamos a discutir nem a começar uma nova conversa, porque a campainha nos interrompeu.

Eu supus que fosse algum vizinho que viera reclamar, mas tive a maior surpresa da minha vida. Não era um vizinho. Pelo menos, não um vizinho meu.

15 de maio

A cara do Marcelo quando José abriu a porta foi incrível. Como se alguém tivesse jogado um balde de água fria na cara dele. Somado ao fato de que ele não esperava encontrá-lo na minha casa, deu de cara com o José

comendo o meu iogurte desnatado, vestido com um roupão de mulher e usando as minhas pantufas.

– Oi... Passei para ver como você estava... – disse, sem graça. – Não sabia que... – e apontou o José.

– A gente estava comendo, entra. Já comeu? – disse eu, me adiantando.
– Não, não. Só passei para ver se você estava bem, não ia entrar.

José olhava, desconfiado, e comia iogurte de frutinha com uma colherinha de café minúscula que parecia um brinquedo entre seus dedos. Marcelo me olhou, constrangido.

– E a sua namorada? – perguntou José.

– Está me esperando.

– Embaixo? Diz para ela subir. Você não pode deixar sua namorada sozinha com a quantidade de urubus que tem por aí.

– Não, não, não aqui. Não, eu só passei para saber se estava tudo bem. José passou o braço em volta do meu corpo e sorriu.

– Estamos bem, tá tudo legal.

16 de maio

Não suporto o José. Tenho um carinho sincero, amistoso, franco por ele. Mas não o aguento mais. Ele me dá dor de cabeça. Apesar disso, sou fraca e me acomodo. Estou acostumada com a sua presença. Estar com ele é seguro para mim e para a minha aposta. Além disso, não consigo evitar escutar a voz da minha mãe na minha cabeça. Soa como música de fundo: “Você é incapaz de ter um relacionamento. Você está gorda. Vamos ver se dura um mês e meio. Você sai gorda em todas as fotos. Não toque nesse bife. Você não sabe escolher os namorados. Sorria, que com essa cara ninguém vai olhar para você”. Escuto essa música desde os oito ou nove anos. É como o jingle de uma publicidade chata que passa dois milhões de vezes na televisão.

Apesar disso, além da minha preguiça e covardia, hoje, quando cheguei ao escritório, me sentia tão envergonhada que, pela primeira vez, tomei a iniciativa de falar com o Marcelo. Não pude fazê-lo até o meio-dia, quando o encontrei no corredor, descendo para almoçar.

– Ei, che. Oi – cumprimentei, relutante.
– Eu sou um estúpido.
– Não, não. Não é. Não é. Não... É só que é complicado, justo agora.
– Está bem, você não tem que me explicar nada. Gosto que você esteja com ele. É mais fácil assim.
– Mais fácil?
– Não poderíamos ser amigos se você estivesse solteira de novo... Não sei se a Marina gostaria disso. Já não poderia buscar você em tudo quanto é lado ou ir ver se você está bem... Não poderíamos ir almoçar. Não poderíamos estar conversando agora aqui, sozinhos, na escada.
Me deu um beijo na bochecha, desceu alguns degraus, virou e sorriu.
– Talvez em outra vida.

17 de maio

Ontem à tarde eu tive a péssima ideia de comentar com a minha irmã que iria procurar o vestido para a festa neste fim de semana. Do outro lado era só silêncio.

– Você... ainda... não sabe o que vai usar...?

Mas não me disse nada. Inclusive achou razoável o meu argumento: todo mundo iria para vê-la. Ninguém se importaria com o que eu estivesse usando.

Apesar disso, três minutos depois minha mãe ligou, com uma crise nervosa. Me disse que ela já tinha imaginado que eu iria aprontar uma das minhas, mas que jamais havia pensado que eu chegaria tão longe. Que a minha irmã merecia ter o casamento dos seus sonhos e que eu, com a minha atitude, não estava ajudando em nada a concretizar o seu projeto tão ansiado.

– O que todo mundo vai pensar quando vir você com um vestidinho de liquidação? O que as minhas amigas vão dizer quando te virem arrastando uns farrapos de um outlet qualquer por todo o salão? Por que você me faz isso, Lucía?

Eu fiquei estupefata. Não entendia por que tanto alvoroço. Eu não iria com um vestido velho (coisa que também me havia passado pela cabeça), eu ia comprar um no fim de semana. Um bem legal, novo, de uma cor diferente de

preto.

– E se tiver que arrumar o vestido? E se não encontrar nada... para você?

– Para mim?

– Sim, quero dizer, larguinho no bumbum.

– Você está insinuando que não existem vestidos do meu tamanho?

– Eu não disse isso. Você é que disse isso. Eu só disse que as garotas como você têm mais dificuldades para encontrar algo.

– Mãe, acho que eu posso encontrar um vestido sem ter que fazê-lo sob medida com uma toalha de mesa. Obrigada.

E desliguei. Mas ela voltou a ligar.

– Se você continuar enchendo o saco, eu vou usar um moletom cortado no joelho.

E desliguei de novo. Mas ela ligou outra vez.

– Moletom – disse eu rápido, e voltei a desligar.

Mas, por incrível que pareça, ela ligou uma última vez e, antes que eu pudesse fazer algo, cuspiu:

– Se você vier comigo te pago o vestido.

Pensei durante alguns minutos.

– Você passa para me pegar?

– Em vinte minutos. Por favor, não venha de moletom. Sabe que isso me deixa de péssimo humor.

E desligou.

A tarde começou mal. Minha mãe me disse, engenhosa, que sabia aonde a gente podia ir. Estacionou na avenida Santa Fe, descemos e andamos uns vinte metros a pé, mas, ao ver a vitrine do famoso local, fiquei petrificada.

– Aqui eles vão ter algo para você.

Debaixo do nome da loja havia um esclarecimento entusiasta: “Tamanhos especiais!”. Virei e fitei a minha mãe, furiosa.

– Eu não sou especial, mãe.

– Não fale assim. Se você não gosta de si mesma, ninguém vai gostar.

18 de maio

Pelada

O começo da adolescência me recebeu com a ansiedade oral de um aspirador e a silhueta de uma geladeira de mil e quatrocentos litros. Nunca fui tão gorda como aos doze anos de idade. Nem mesmo quando terminei com o Rodrigo pela primeira vez e engordei quinze quilos.

Nessa época eu começava a ser convidada para as primeiras festinhas, e havia a perspectiva da iminente viagem de formatura para Córdoba, e a roupa começou a ser um problema para mim. Antes disso, minha mãe me comprava o que ela queria, e eu usava sem dar um pio.

As primeiras saídas para o shopping foram um suplício para mim. Minha mãe me fechava em um provador e ia me passando roupa enorme por cima da porta, com a voz cortada de raiva porque nada me ficava como ela queria. Suas reprovações dissimuladas, sua cara de pena, sua desilusão ao ver que as roupas legais me paravam já nos joelhos me faziam acreditar que era culpa minha incomodá-la dessa maneira.

Nesse ano, a frase que mais escutei foi “um tamanho que sirva para ela”, um desastrado eufemismo para substituir “tamanho mil”. Cada vez que a minha mãe dizia isso, as vendedoras me olhavam de baixo para cima e tomavam um destes dois caminhos: ou diziam que não tinham o meu tamanho, ou me mostravam o maior que havia para me provar empiricamente que o meu corpo gorducho era incapaz de entrar naquela calça normal de filha perfeita.

Já adulta, fiquei sabendo que podíamos ter ido a milhões de lugares diferentes. Que nem todas as lojas de roupa ofereciam tamanhos únicos para adolescentes mirradas. Que havia lugares que, sem ser especiais, tinham calças de tamanhos numerados em vez de tamanhos únicos impossíveis. Mas suponho que essa era a forma que a minha mãe tinha de me castigar por estar gorda. E estar gorda, ao mesmo tempo, era a minha forma de castigá-la pela sua decepção antecipada.

Ontem, pela primeira vez em mais de quinze anos, me senti de novo uma adolescente adiposa. Teria preferido estar no dentista ou fazendo uma cirurgia

de coração aberto a estar ali. Mas enquanto me olhava no espelho de um provador escuro, empacotada em um disfarce de avó horroroso cheio de canutilhos e lantejoulas dos anos 1990, percebi que não tinha por que sofrer. Que já não tinha doze anos nem estava tão gorda. Que podia ir embora. Ou reclamar. Ou jogar as doze saias de crepe na cabeça dela. Em outras palavras: eu não tinha que comer o bife à milanesa encharcado de óleo nunca mais.

Assim, deixei os vestidos lá e fui embora.

Voltei sem sapatos, sem vestido e sem acessórios. Mas resgatei meia autoestima. E, nesta altura da vida, com este namorado, esta mãe e estes quadris, meia autoestima vale muito para mim.

21 de maio

Hoje eu fui super cedo para o escritório, para poder tirar a tarde livre e sair às compras. O meu plano era procurar um vestido lindo, bonito e barato, e, se não o encontrasse, usar o vestido preto que eu tinha descartado na festa de Ano-Novo.

Às três da tarde eu já tinha terminado todo o trabalho, então peguei as minhas coisas para ir ver vitrines, provar roupas e comer uma salada por aí. Mas tinha que ser tudo em cinco horas, porque às dez da noite festejaríamos a despedida de solteira da minha irmã, com a Marisa e outras amigas.

Antes de ir, um pouco angustiada por ter que escolher sozinha e um pouco pela pressa, para não errar com as cores, fui perguntar ao José qual a cor do seu terno.

– Terno cinza. Levo várias gravatas e você escolhe uma.

E inesperadamente se ofereceu para me acompanhar a comprar o vestido. Eu disse a ele que não, morrendo de rir, porque ele iria me agoniar a tarde inteira pedindo que eu fosse rápido ou olhando a bunda das vendedoras. Mas ele jurou se comportar bem. Queria ajudar. Sério mesmo.

– Eu te digo com qual vestido você está gostosa e com qual vestido não. Não pode falhar, lerdinha. As minas se fixam na moda. E para nós a moda não interessa porra nenhuma. O importante é que você esteja gostosa.

Enquanto eu subia as escadas, me encontrei com alguns companheiros de trabalho que desciam para almoçar, desorganizados, em grupos de três ou quatro, correndo. José me cumprimentou como se nada fosse e passou a mão

na minha bunda, como de costume.

– Você não me ligou, lerdinha. E o vestido? Quando vou ver?

Pensei que ele era um histérico e queria levar uma bronca. Jamais vou lhe contar que liguei oito vezes e que deixei oito mensagens. Se ele não escutou, melhor para mim.

– Ai, não me lembro de nada. Voltei superbêbada.

2. Adicione os líquidos. Cheguei à minha mesa, mas o escritório estava vazio. Tomei meio litro de água e um café para recuperar a compostura e revisei alguns e-mails; tinha medo de ter perdido algo importante por ter chegado tarde. Mas não havia nada especial, salvo uma entrevista que eu tinha que pautar para a segunda-feira próxima. Decidi ligar antes de descer para almoçar com todo mundo, mas na verdade a única coisa que eu queria era uma Seven Up e um chá.

3. Misture os ingredientes formando uma pasta homogênea. Quando abri o celular, entretanto, por curiosidade, olhei os números que eu tinha discado. Os dois últimos eram qualquer coisa. Números que não conhecia e nem tinham sentido porque começavam com 902 ou 6#90. Será que eu tinha ligado para a China? Não me lembrava. Mas quando continuei, previsivelmente para todos, mas dolorosamente para mim, encontrei seis vezes o número do Marcelo, e tudo começou a ter sentido. As imagens se tornavam cada vez menos nebulosas, e as palavras começavam a se organizar como exércitos enfileirados dentro da minha cabeça.

Nesse momento eu decidi ir ao bar para falar urgente com o Marcelo e tirar as dúvidas. Então peguei a bolsa e o celular e fui embora, deixando tudo aceso.

4. Amasse até integrar todos os elementos. Enquanto eu descia correndo as escadas, comecei a me lembrar de algumas mensagens que achava que tinha enviado ao José. As palavras me vinham à memória como flashes. Cada uma mais saidinha que outra, mais particular, mais atrevida, mais descabida. A cada dois ou três degraus eu colocava as mãos na cabeça, escondia a cara e sentia

que o meu estômago ardia de vergonha. Dessa vez, sim, eu tinha ferrado tudo, de forma séria e profunda.

Entretanto, a minha vergonha não tinha nada a ver com a vergonha de que o Marcelo tivesse ficado sabendo dos rituais privados que eu tinha com o meu namorado. Eu estava angustiada porque provavelmente o havia magoado com o meu erro. Sem querer, tinha feito que ele escutasse coisas que poderiam deixá-lo muito mal, da mesma forma que eu ficaria mal se fosse o caso inverso.

5. Prepare um bolo redondo. Quando cheguei ao bar, o Marcelo, por sorte, ainda não estava almoçando. Tinha chegado mais tarde porque iria almoçar lá em cima. Caminhei até o seu lugar e comecei a falar sem parar. Tranbordei. Verborrágica. Envergonhada.

– Me perdoe. Me perdoe. Eu estava bêbada. Me excedi muito. Não sei o que aconteceu. Me perdoe.

E comecei a chorar desconsoladamente. O Marcelo então me levou para o corredor que vai em direção aos banheiros, ao lado dos telefones, e me conseguiu papel para que eu secasse as lágrimas. Achei estranho que não estivesse chateado. Pelo visto, ele achava a situação engraçada. Até dava risada.

– Não se preocupe, eu imaginei que as mensagens não eram pra valer.

– Eram pra valer, mas você não tinha por que escutar isso.

– Por que não? Eram para mim.

– Não... Eram para José.

– Você dizia Marcelo.

Fiquei paralisada. Marcelo pegou o celular e me fez escutar uma mensagem. Fiquei vermelha da testa até o calcanhar. Nunca tinha me escutado, justo eu que sou tão pacata, dizendo semelhantes coisas. E todas juntas.

– Eram para mim.

Marcelo se aproximou, me secou as lágrimas com a ponta dos dedos e me disse que estava tudo bem, que eu não chorasse, porque o meu rosto inchava facilmente. Disse que sabia, que entendia, que esqueceria se eu quisesse que ele esquecesse. Eu disse a ele que sim. Pegou na minha cintura e me

acompanhou ao salão outra vez. Eu queria parar de chorar, mas não conseguia. As lágrimas me escapavam como goteiras por um teto desconjuntado.

6. Coma o bolo ou guarde-o em um tupperware e congele-o. Quando chegamos à mesa, Marina estava sentada, constrangida e movendo os dedos sobre a mesa, no lugar do Marcelo. Piñata, ali do seu lugar, comia frango grelhado e observava disfarçadamente cada detalhe da situação. Ela tinha um tupperware bonito na mão. Um dos que ela prepara para ele quando dormem juntos, desses que têm os sanduichinhos miniatura, as uvas em saquinhos, os suquinhos infantis.

Era fácil perceber que ela estava cansada e furiosa com aquela situação. Foi só ver a gente, ela se levantou e, com raiva, disse ao Marcelo: – Você se esqueceu da comida.

Em seguida se virou, me olhou e disse:

– E você é uma filha da puta.

E me deu uma bofetada.

Fiquei imóvel alguns segundos e logo fui embora, apressada e envergonhada com o escândalo. Deixei tudo ali, na cadeira do Marcelo: minha bolsa, meu celular e parte da minha dignidade.

27 de maio

Hoje, depois de uma sesta longuíssima, acordei e encontrei uma mensagem do Rodrigo na secretária eletrônica.

– Oi, te liguei no trampo e me disseram que você está doente, mas você não atende nem em casa nem no celular. Fico louco de pensar que você vai sozinha ao casamento, eu tinha uma mina para ir comigo, mas fodeu tudo. Não seja babaca, não vá sozinha se podemos ir juntos... Você ainda está com aquele cara? Me liga.

Então eu liguei para ele.

– Oi, sou eu. Sim, claro que vou. Não, não estou mais com ele.

E lhe contei a história toda.

– Na verdade, a confusão começou faz sete meses. Faz duzentos e cinquenta dias, quando sem querer ouvi minha mãe apostar com a Irina que eu iria sozinha, gorda e de preto ao casamento. Nesse dia eu quis morrer. Porque não sabia que a minha família me via assim. Pensava que eles acreditavam que eu tinha azar no amor. Ou que estava com uns quilos a mais, mas não que era um caso perdido.

– Ahã. Mas o que tem isso a ver com o cara?

– Então eu jurei que ganharia a aposta. Que iria com um namorado de verdade, um namorado normal, um namorado meu. Não um amigo emprestado, um ex-namorado caridoso ou um galã de última hora.

– E então? – perguntou Rodrigo, intrigado.

– Então eu saí com um colega do escritório, o Marcelo, mas deu tudo errado. Depois saí com o Eduardo, duas vezes. Depois conheci o Matías. Eu adorava o Matías. Mas eu o encontrei no banheiro com outra mina uma semana depois. Você se lembra? O Marcelo quis me avisar... mas eu não prestei atenção. Pensei que ele queria se meter entre nós...

– E para que ele iria querer se meter entre vocês?

– Porque o Marcelo quer me namorar desde o primeiro dia em que eu coloquei o pé neste escritório. E nunca se cansou de deixar isso bem claro. Me convidou para todas as saídas que organizava com o pessoal do escritório todas as sextas-feiras durante um ano.

– Mas você não gosta dele.

– Então eu fiquei sozinha mais ou menos um mês e saí com um carinha viciado em celulares. E depois me veio a ideia... por favor, não ria... de me inscrever em um portal para procurar namorado. Que babaca, eu disse para você não rir...

– Desculpe.

– E aí eu saí com vários tipos patéticos, até que conheci o Ezequiel. E saímos por algum tempo. Mas, enquanto isso, o Matías me pressionava porque queria voltar, e o Ezequiel não me tocava. Ou seja, não queria transar comigo. E, não, não era garoto de programa. Não comece. Ou seja, eu tinha um cara que não me tocava e outro que tocava a ex-namorada. Entende?

– Então você ficou com o Ezequiel.

– Não, porque ele me deixou. Eu não me comportei muito bem com ele. No primeiro encontro eu dormi na cara dele, por exemplo. Nessa época o Matías ainda me deixava louca.

– E agora não.

– Não, agora não. Faz um tempo já. De forma que eu voltei a ficar sozinha, como sempre. Até que comecei a sair com gente do escritório e conheci o José, que não queria ter nada sério com ninguém. Só transar.

– Não me conte essas coisas. Não posso te imaginar com outros caras.

– Ok, digamos que ele só queria me ver de vez em quando. Eu propus começar algo sério e ele me disse que sim, um pouco para poder continuar transando, porque me deixou claro que para ele tanto fazia. Mas, depois, suponho que fomos desenvolvendo algum carinho um pelo outro, e ele até ia me acompanhar ao casamento.

– Mas você também não está mais com ele.

– Não.

– Por quê? Ele te deixou por outra?

– Não. Fui eu que o deixei.

– Por quê?

– Para que você entenda, tenho que voltar para trás, porque, enquanto acontecia tudo isso, também aconteciam outras coisas. Só que eu não percebi.

– Como?

– Acontece que faz uns dois meses, numa dessas reuniões como aquela em que conheci o José, Marcelo nos apresentou a sua namorada, Marina. Ontem a Marina me deu um tapa na frente de todo mundo.

– Por quê?

– Porque o Marcelo me trouxe depois da festa do Matías, quando o encontrei no banheiro, porque veio em casa para ver se eu estava me sentindo bem, porque me trouxe comida quando eu fiquei sem almoçar, porque me convidou para ir jogar boliche quando eu estava deprimida, porque me convenceu a me candidatar a um trabalho melhor, porque me ligou cada vez que estava triste, não sei. Porque está sempre muito ligado em mim.

– Ah, ela ficou com ciúme.

– É, isso, e porque um dia eu dei um beijo nele.

– Bom, foi só um beijo...

– E uma vez eu liguei para ele quando eles estavam fora, nos feriados. E outro dia deixei umas mensagens meio sacaninhas por engano. E uma vez ele veio na minha casa à noite porque pensou que o José não estava... E depois tem essa história dos sonhos, às vezes sonho com ele... E foi isso. Bom, sim, fiz algumas ceninhas quando fiquei sabendo que ele tinha namorada.

– Por quê?

– Bom, o José também me perguntou isso.

– E o que você respondeu?

– Que não sabia o motivo, mas que me fazia mal que ele estivesse com ela.

– E então?

– Então, depois, à tarde, o Marcelo me avisou que eu tinha deixado a bolsa e o celular no bar e que não podia vir aqui trazê-los por causa de tudo o que tinha acontecido... que seria melhor que ele enviasse tudo num táxi... ou que eu mandasse alguém buscar...

– E?

– E então eu comecei a chorar.

– Por quê?

– Porque pensei que ele viria me trazer as coisas.

– Como sempre.

– É.

– E o José?

– Quando ele chegou, me viu chorando. E foi aí que aconteceu o resto.

28 de maio

Quando José chegou à minha casa no sábado, eu estava chorando como uma condenada, e, como era previsível, ele começou a fazer perguntas complicadas que eu não podia responder.

– Por que você está chorando, porra?! E nem vem me dizer que é por causa da bolsa, da maquiagem, do celular, do convite! Se tem tanto problema,

manda logo um táxi! Por que você está chorando? – perguntou José, indignado.

– Porque com certeza pegaram as minhas coisas, os meus óculos, a minha maquiagem!

– Ninguém tirou as suas coisas, você as deixou jogadas e alguém as pegou.

– Mas eram minhas! Minhas! – disse eu, batendo no peito e chorando.

– Mas você as deixou jogadas! Quando você deixa algo jogado, quer dizer que não o quer! Além disso, você falou mil vezes que não gostava daquela bolsa.

– Bom, mas ela é minha e eu a quero de volta. E eu não disse que não gostava dela. Disse que não combinava com as minhas coisas. Não batia muito comigo. Mas era bonita. E era minha!

– Bom, então vai lá buscá-la!

– Fico com vergonha. Eu tinha que ter trazido naquela hora, agora já não posso voltar para buscá-la.

– Se você quer tanto essa bolsa, vai logo buscar! Se você não for, é porque não é tão importante. Para de ficar se massacrando! É só uma bolsa!

Fui tomar banho chorando como uma condenada, enquanto o José suspirava, cansado da história da bolsa feia. Quando eu estava no chuveiro, o telefone tocou. Gritei para que o José fosse atender, mas ele não me deu bola. Então saí correndo, toda molhada, antes que desligassem. José estava na cama, deitado, seminu, com esperanças de ter sexo de reconciliação. Nunca o achei tão tosco e estúpido como nesse momento.

Quando cheguei ao telefone, entretanto, fiquei petrificada; vi que o identificador de chamadas mostrava o meu número de celular. O Marcelo havia encontrado “casa” na agenda e tinha ligado. Queria saber por que eu não tinha ido buscar as coisas. Pensou que eu iria. Eu disse a ele que tinha pensado que ele viria. Ele me explicou que não podia, e eu disse que também não, porque estava me preparando para ir ao casamento civil da minha irmã. Ele disse que já sabia porque tinha visto o convite. Perguntei se ele tinha fuçado na minha bolsa, e ele riu. Imagino que sim. Apesar de ele ter negado.

Quando desliguei, estava contente. A minha vida não tinha mudado nada,

mas eu estava contente da mesma forma. Talvez não pudesse recuperar a minha bolsa (que era feia e não combinava mesmo comigo), mas pelo menos eu tinha certeza de que ela ainda era minha.

Entretanto, esse choro, essa água e essa confirmação desataram em mim uma certeza enorme. Eu não queria aquele homem nu na minha casa nem mais um segundo. Não porque ele fosse gritão, nem tosco, nem fanático por futebol. Não queria que ele estivesse ali porque o fato de estar com ele não me fazia feliz.

Sentei na beira da cama, enrolada numa toalha, jorrando água do cabelo e dos olhos e molhando os lençóis recém-trocados.

– José... Eu não gosto de você.

– Eu sei.

– Não, não sabe. Você também não gosta de mim. Estamos juntos porque é preciso estar com alguém. Entende? Estamos juntos para nos sábados à noite não sentir que caminhamos à beira do precipício. Para não ver só um prato e um copo na lava-louça, para não sentir as pantufas frias, para não acordar no domingo ao meio-dia e ver as bordas de pizza da noite anterior, para não sentir inveja dessas famílias que carregam sacolas, felizes, para passar o dia no clube. Estamos juntos para não perguntar quanto é o mínimo de sorvete que entregam em domicílio, para não revolver todas as bandejinhas de bife à milanesa no supermercado para encontrar qual é a menor, para não ter que ir sozinhos para tudo quanto é lado e suportar o olhar alheio que nos diz que somos fracassados, esquecidos ou a criança que, durante a aula de ginástica, ninguém escolhe para jogar queimada.

O José riu.

– Então a história da bolsa era por isso.

– Não sei se é por isso, mas tem algo a ver com essa bolsa, é verdade.

– E nem falar em transar, né? – me perguntou, meio de brincadeira, meio a sério.

– Nem em transar, nem em ir a um casamento, nem em jantar no sábado à noite, nem em você usar as minhas pantufas. Não quero esquentar um lado da cama, uma cadeira num casamento ou um par de sapatos.

– Por que você tem que tornar tudo tão complicado, lerdinha?

– Porque eu quero alguém que morra de amor por mim. Alguém que não suporte estar com outra pessoa. Alguém que me melhore e que seja melhor porque está comigo. Eu quero isso. Ou sempre quis isso. E não quero me conformar mais. Se não for assim, prefiro ficar sem nada.

– Nada, então – disse ele enquanto se levantava para se vestir, um pouco confuso.

– Nada.

31 de maio

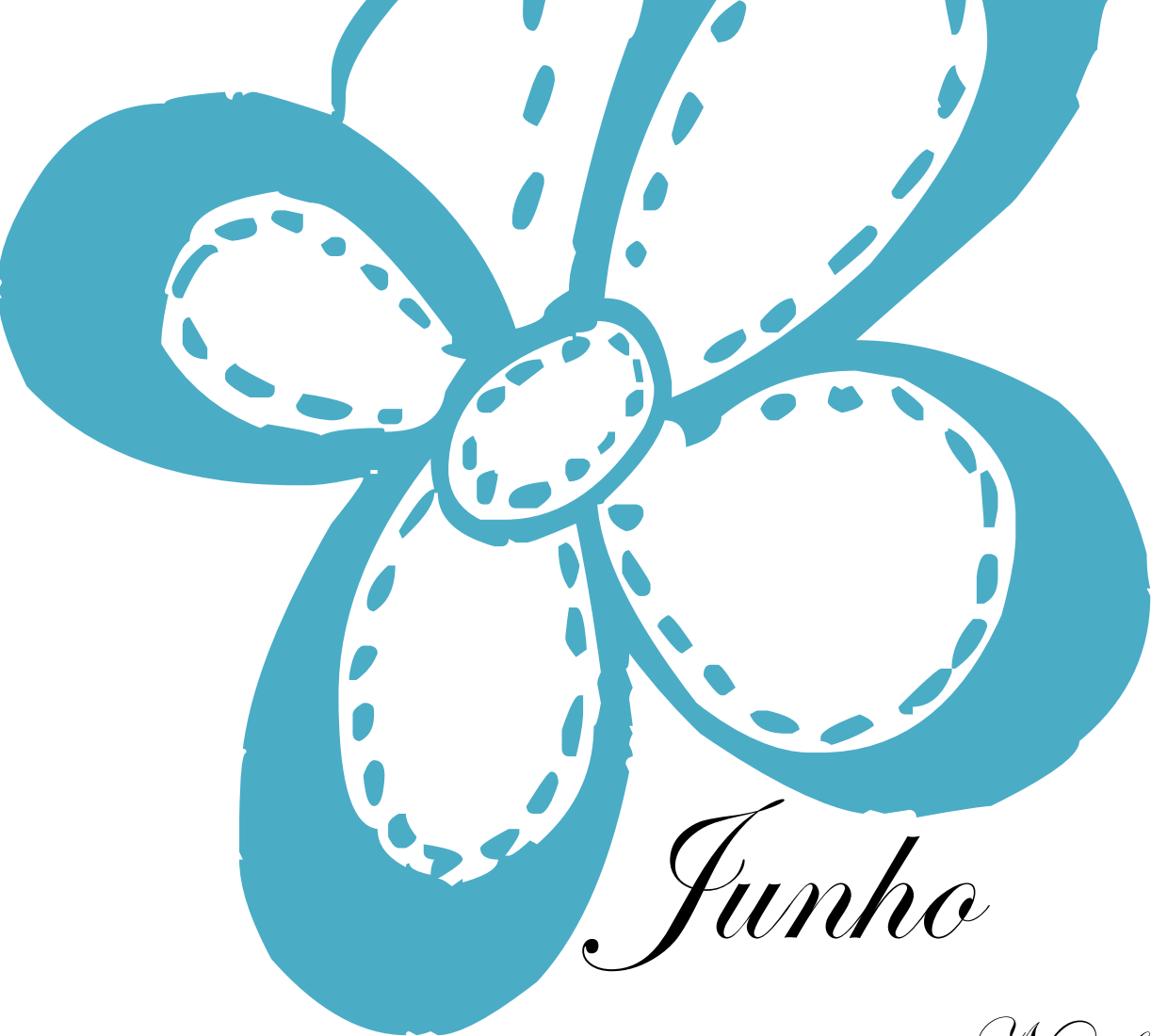
O casamento civil passou sem pena nem glória. Só almoçamos em um restaurante, e eu me desculpei dizendo que tinha que trabalhar. Justo hoje, na festa de casamento da minha irmã, todos vão perceber que estou sozinha de novo.

Durante o último ano eu imaginei essa festa cerca de duzentas vezes. Primeiro, entrando com o Matías perfeito, dançando bêbados, zoando com as pessoas e tirando uma com a cara da minha mãe, que estaria histérica com a derrota. Depois me imaginei indo com o Ezequiel em duas variantes: uma em que não acontecia nada e outra em que brigava com Juan Pitt, enquanto a estúpida chorava como uma condenada na chapelaria. Imaginei outra com o Oscarcito, só porque estava deprimida e queria me autoflagelar. Me imaginei com o Willy, o maluquinho do celular (eu me escondia porque não o suportava mais, e ele me mandava mensagens de texto e me ligava a noite inteira). Imaginei também uma festa com o Marcelo: ele puxava a cadeira para que eu me sentasse e eu ia pegar bolo para ele na mesa de doces com a diligência submissa de uma namoradinha açucarada. E, por último, imaginei uma festa com o José. Uma festa tão factível, tão próxima que quase pude saborear os doces e escutar a música brasileira ali na minha cama.

Mas não posso negar que também imaginei este final. No fundo, o meu grande medo era que a minha mãe tivesse razão justamente porque sentia que a sua profecia era correta. Como disse mil vezes, eu era a que tropeçava na mesa de doces ou a que quebrava o salto dançando na pista, mas não a que chamava a atenção dos homens pela cor do cabelo ou pela figura esbelta.

Entretanto, desta vez eu tenho que assumir que a derrota foi por culpa minha. E não porque eu tenha terminado com o José, mas porque fiz tudo errado desde o primeiro dia. Se o que eu queria era ganhar, nunca procurei nem escolhi o melhor candidato para chegar à festa. E, se o que eu queria era me apaixonar, nunca deixei de procurar e de escolher como se eu estivesse comprando em uma loja de sapatos em liquidação.

Ontem eu disse ao Rodrigo que iria sozinha, ao José que não queria ir com ele e ao Marcelo que, por favor, passasse para me deixar a bolsa. Tinha esperanças de que ele viesse. Muitas, mas muitas mesmo. Mas ele não veio. Não quis, não pôde, não deixaram. Não sei. Hoje a minha irmã vai se casar, e eu perdi. Vou ter que passar por essa noite, por essa festa da pior forma imaginável: sozinha.



Junho

Não falta nada



1º de junho

A festa

Nos casamentos, supõe-se que a noiva caminha até o altar emocionada, com a cara amassada pelas lágrimas e as pernas tremendo quase imperceptivelmente por baixo de um longuíssimo vestido branco. O que não se supõe é que no meio disso tudo exista uma aposta, que a mãe chame a irmã da noiva de gorda ou que a família esteja mais preocupada com o namorado da irmã que com o noivo da que vai casar. Mas, claro, isso são suposições. Ontem a minha irmã entrou na igreja emocionada e caminhou tremendo como se supunha que fosse caminhar, mas só até a metade do corredor que levava ao altar. Nesse momento, me viu sentada entre a minha mãe e a minha tia e ficou plantada no meio da igreja, como se tivesse cruzado com um fantasma. Poderia jurar que ela abriu a boca e não a fechou mais até que terminou a cerimônia, mas talvez eu esteja exagerando. É muito difícil prestar atenção quando a tua mãe te pergunta onde está o teu namorado durante a cerimônia inteira.

- Eu não quis que ele viesse. Fiquei com vergonha da minha família.
- Mentira! Com certeza você aprontou algo! – gritou a minha mãe.
- Não, não. Fiquei com vergonha. Só isso – disse eu, tranquilíssima.
- Você não fez isso.

– Garanto que ele não vem. Se o meu namorado visse a avó Amélia babada e tratando de pegar um canapé com a sua mão artrítica de bêbada trêmula, você brigando com a Sílvia pelo microfone, a tia comendo até a cabeça dos camarões e o papai fazendo trenzinho, eu me mataria. De fato, o Rodrigo me deixou por culpa de vocês. Estava muito apaixonado por mim, mas ficava com vergonha de ser parte da minha família. Juro.

- Se ele não vier, você e a sua irmã saem perdendo. Você sabia, não?

A festa começou com a minha irmã chorando como uma condenada na chapelaria e a minha mãe explicando às pessoas por que ela não aparecia. Entre desconcertada e furiosa, Irina mandou me chamar umas cinquenta vezes

por meio de diversos parentes, mas, como eu estava ocupada tomando daiquiris e comendo sushi, não fui.

Finalmente, minha mãe lhe disse que iria pagar tudo e a minha irmã se acalmou. Desde que somos muito pequenas a minha irmã consegue tudo chorando, inclusive que lhe paguem uma aposta que perdeu.

Quando finalmente Irina entrou no salão, a cara dela parecia uma bexiga de cores marmorizadas. A maquiagem desenhava umas rugas pretas nas bochechas e afundava seus olhos como se ela estivesse com tuberculose. Eu sorria e bebia como um cossaco. Inclusive me divertia. Todos estavam passando muito mal, menos eu, que não tinha que pagar nada para ninguém nem suplicar que os outros pagassem as minhas contas.

Entretanto, quando quis pegar o quinquagésimo canapé, percebi que todos olhavam para mim, e não para ela. E, quando digo todos, digo todos mesmo. Desde a minha avó até os colegas de escritório do meu cunhado. Todos sussurravam, se acotovelavam e me espiavam com uma pena sigilosa e elegante.

– Eu conheci o seu avô no clube. Você foi ao clube?

– Não, vó.

– Por isso você perdeu – disse ela enquanto metia um pedaço de kanikama inteiro na boca.

– O quê?

Pelo visto, enquanto minha irmã chorava aos gritos, ela contou tudo sobre a aposta para o marido, para as amigas, para uma garçonete, para minha tia, para minha avó, para sua madrinha e até para o pessoal que não tinha podido ir à festa, mas que ligou para ela no celular. Por sua vez, toda essa gente contou a todos os demais convidados, que, assombrados com a fofoca suculenta, começaram a opinar com particular entusiasmo sobre a minha derrota.

Atento ao iminente desastre, o Rodrigo se aproximou com uma garrafa de champanhe e me perguntou se eu queria sentar com ele. À beira do pranto e sem outro panorama melhor, respondi que sim. Apesar de tudo, de alguma forma estranha e moderna, nós éramos amigos. De fato, se eu não tivesse mudado de opinião, hoje estaríamos casados e com dois filhos.

Me lembro desses instantes com terror infantil. Foram, sem dúvida, o princípio de uma das piores noites da minha vida. E não é que eu não esteja acostumada à humilhação e ao mico constante. De fato, não conheço outra coisa. Mas a verdade é que nunca tinha enfrentado um desastre de tamanha magnitude. Era o meu primeiro mico maciço. Até esse momento, as maiores vergonhas da minha vida tinham sido confessar ao meu namorado que ainda era virgem e ver a minha saia sair voando na universidade, porque, cheia de sono, eu a tinha abotoado mal antes de sair de casa.

Às dez e meia da noite, enquanto comíamos o exagerado salmão milionário, eu já estava bêbada como um gambá. Tão bêbada que, quando o Rodrigo ameaçou me tirar o vinho, eu grunhi como um predador. Minha avó, enquanto isso, continuava a me atormentar.

– Não entendo como você não conseguiu um namorado na faculdade – dizia ela, com as comissuras dos lábios gotejando escamas de salmão grelhado.

Por outro lado, muita gente manifestou seu apoio sincero e, em sua vontade de me consolar, me jogou no abismo da depressão. Não me lembro de todo mundo. Só de uma ruiva que tentou me abraçar e me disse que a sua mãe tinha dado banho nela junto com os primos até os doze anos. Outra mulher me disse uma frase que não sei como interpretar: “Será o que será, mas é a sua mãe”. E por último um velhinho me deu seu cartão para que eu ligasse para ele. O Rodrigo, por sua vez, não parou de repetir que eu devia ter esperado um pouco mais para abandonar o José.

Mas depois do período depressivo, quando acabou o vinho tinto e começou a rolar o champanhe, chegou uma maré de raiva severa. De repente me vi respondendo muito mal à minha avó, ao resto dos convidados e inclusive ao barman, porque o drinque que ele me havia preparado estava fraquinho.

– Meu laborado está bressu, abó.

– Como preso?

– Ele quissss matar minhaa bãee.

Como se isso fosse pouco, a minha mãe quis se reconciliar de uma maneira insólita. Veio por trás de mim e, animada pelo vinho, começou a cantar temas relacionados com a vitória e com a derrota, subindo e baixando

os braços como se fosse uma chefe de torcida universitária.

– Ganhamos! Perdemos! Mas também nos divertimos! Ganhamos! Perdemos! Mas também nos divertimos!

Essa mulher suspeita como sofri durante esses meses? Terá alguma ideia das coisas que fiz para ganhar? Das vezes em que me humilhei, em que me submeti a situações destrutivas ou em que saí com gente horrível só para conseguir o que queria?

– O que eu vejo, entretanto, é que você não precisava colocar esse vestido de velório.

E começou a cantarolar uma marcha fúnebre mais ou menos de memória.

– O meu festchido é perfeito – respondi. – Olha bara o seu festchido, parece uma árfore de Datal. Focê tem desssoito cores, bãe, parece uma cacatua.

– Com este corpinho – e ela deu um giro –, você pode usar todas as cores que quiser. O segredo é a silhueta. Até o verde-maçã fica bonito se você está magra.

– Eu dão gostchu de cores, bãe.

– E, se você continuar comendo, vai gostar cada vez menos!

– Árfore de Datal.

Ela me deu um tapa na mão para que eu soltasse um profiterole. Nesse momento eu fiquei tão, mas tão furiosa que comi oito profiteroles seguidos, um atrás do outro, na cara dela. Mas ela não se rendeu e ainda me deu uma bronca para me assustar.

– Legal, agora nem esse vestido vai entrar em você.

– Puuuuuuuf.

Para não continuar discutindo, fui ao banheiro, um pouco para me esconder dela, e também porque os profiteroles me fizeram mal. Não sei em qual banheiro me meti ou quanto tempo estive sentada na privada, pensando em tudo o que tinha acontecido no último ano. Me lembrei da vez em que me tranquei para chorar no camping com o Marcelo, da vez em que encontrei o Matías com a outra garota na festa e da escova de dentes e do aparelho de barbear do José, que ainda descansavam no meu armário. Estava bêbada e pensava desorganizada e desastradamente, mas pelo menos pensava.

Quando saí do banheiro, cambaleando, percebi que a toalha estava caída no chão e comecei a procurar uma nova no armário escondido atrás de uma porta divisória. Mas não havia toalhas, claro. Havia algumas bolsas e alguns tênis, que imaginei que fossem do pessoal que trabalhava na festa. Entretanto, no meio da roupa suada e dos calçados suados e malcheirosos, uma coisa me chamou a atenção. Brilhando e destilando comodismo domingueiro, em cima do resto das coisas, como se estivessem acomodados sobre uma almofada real, descansavam uma calça de moletom majestosa e uma velha jaqueta Nike falsificada.

A minha vontade de vesti-los era muito grande. Muito grande. Eram como amuletos mágicos, como um ímã ou como o anel de Frodo. Imaginava as minhas pernas acariciadas pela proximidade encardida do moletonzão e estremecia de prazer. Podia ver a cara da minha mãe ao me ver saindo do banheiro com essa vestimenta e morria de rir sozinha.

E então não pensei mais: tirei a roupa que estava usando e roubei o moletom, a jaqueta e um par de tênis quarenta e dois que faziam com que eu tivesse a aparência de um palhaço de circo.

A saída, juro, foi triunfal. Se não estivesse tão bêbada, juraria que a música parou e me iluminaram desde o teto. Passei ao lado da minha mãe e, travada pelo álcool e pelas risadas, me fiz notar.

– Vabu ber o que bocê acha dessa rouba agora.

É desnecessário dizer que, durante o resto da festa, minha mãe me perseguiu por todo o salão tentando me convencer a colocar a minha roupa anterior. Em troca de tirar o moletom, eu a obriguei a me pedir perdão e a repetir que ela era uma cacatua perua e que o meu vestido era mais elegante que o dela, mas eu a enganei. Fiquei com a minha vestimenta domingueira até as três da manhã. Inclusive a minha avó se indignou:

– Querida, o que você está fazendo vestida de pintor?

Mais tarde, entretanto, até eu me cansei da piada e quis me trocar de novo. As pessoas não paravam de cochichar, a minha irmã franzia o cenho, furiosa, e a minha mãe tinha repetido “cacatua” umas cem vezes. Já estava bem para mim. Mas, quando voltei ao banheiro, o vestido já não estava lá. Alguém o havia guardado ou roubado na maior cara de pau.

Para não suportar as reprovações da minha mãe, pensei em dormir na chapelaria, em cima de todos os casacos (nesse momento tinha lógica), enquanto o Rodrigo me procurava por tudo quanto era lado. Acho que se passaram duas ou três horas, porque eu descansi muito bem. Quando acordei, senti que se aproximava de mim uma ressaca impressionante, mas já havia recuperado a fala e o equilíbrio. Em alguns momentos me senti na minha própria cama. Até que tive que dividi-la com outra pessoa.

Às seis da manhã abriu-se uma porta da chapelaria e uma mulher caiu em cima de mim. Minha mãe, preocupada porque a sua amiga Sílvia estava bêbada, jogou-a dentro da chapelaria, exatamente como havia prometido. Sílvia quase não podia articular uma palavra inteira, mas com todas as suas forças e com as vogais que pôde, sentenciou:

– Olia, Lucí, que ja conhecci gentchi filh da puta, mas sua bãe é um caso apartchi, qurida – disse, enquanto acendia um cigarro em cima de todos os agasalhos e casacos de pele.

Então achei que era hora de ir embora. Peguei o meu casaco e o vesti em cima do moletom, completando o meu traje de mendiga. Deixei um bilhetinho para o dono do tênis, em um pedaço de papel higiênico, avisando que eu devolveria as coisas dele no decorrer da semana.

Lá fora me esperava um domingo cinzento. Um domingo como todos os meus domingos. Um domingo que me encontrava outra vez solteira, de moletom, com o estômago cheio de porcarias e de álcool.

Por um momento eu pensei que os últimos sete meses tinham sido um sonho ruim. Que nunca tinham acontecido. Que nesse dia eu tinha colocado essa roupa para descer e comprar algo na banca de jornal, enquanto afastava um pesadelo da cabeça. Um pesadelo que envolvia apostas, candidatos fictícios, uma dieta que nunca comecei e um pouco de amor. E por um momento me convenci de que nenhuma lembrança era verdadeira. De que minha mãe não tinha sido capaz de tal coisa, ou, se ela tivesse chegado a mencionar isso, minha irmã se havia indignado com semelhante proposta. Mas, enquanto atravessava a rua, a realidade me bateu sem anestesia.

Entre o ruído dos carros e a música que vinha do salão, alguém gritava para mim lá da esquina, morrendo de rir:

– Mas que pinta! Quem é o estilista?

Meio zonzona, virei somente para confirmar a voz. Queria tanto que fosse essa... Tanto, tanto! Pela primeira vez na noite eu sorri de felicidade genuína. Atravessei a rua, um pouco desastrada e um pouco ansiosa, e caminhei até a esquina.

– Pensei que você não viria.

– Eu sempre venho no fim das festas.

– É verdade, você tinha que me levar.

– A sua irmã te deixou umas vinte mensagens no celular, chorando como uma louca – disse o Marcelo enquanto me devolvia o telefone com a bateria no fim.

– Você atendeu? Ela te contou alguma coisa... da aposta?

– Até o último detalhe. Eu tive que acalmá-la.

Marcelo riu e me deu a mão com timidez. Nunca peguei a mão de alguém com tanta força. Nem mesmo quando era menina e atravessava uma avenida com a minha mãe.

– Você veio!

– Eu sempre venho... E aí? Você ganhou ou perdeu?

Encolhi os ombros, em dúvida.

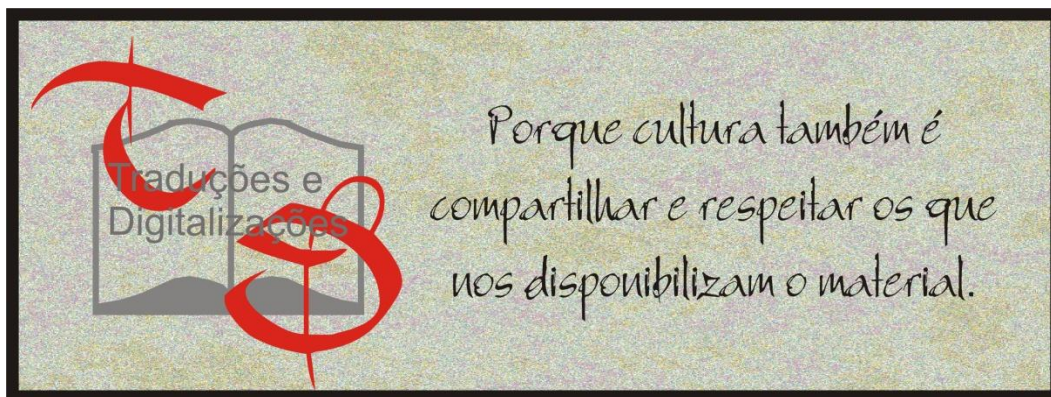
– Agora que eu já sei de tudo, me conta!

Fiz um silêncio, olhei os meus tênis enormes e suspirei.

– Acho que ganhei.

Fim





Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos **por favor que não hospede o livro em nenhum outro lugar**. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – tradu.digital@gmail.com

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações

Orkut - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Blog – <http://tradudigital.blogspot.com/>

Fórum - <http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm>

Twitter - http://twitter.com/tradu_digital

Skoob - <http://www.skoob.com.br/usuario/mostrar/83127>

